

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Ano XVI – Nº 64 – Outubro / Dezembro 2008 – Preço – 5,00 € (IVA incluído)



64

FLORES E FRUTOS DE ISRAEL

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

Flores e frutos de Israel 243

CARLOS HENRIQUE DO CARMO SILVA

Da ilusão crédula à mística imaginária
– A propósito do caso de uma visionária - II 245

ANTÓNIO JOSÉ GOMES MACHADO

Beata Maria de Jesus Crucificado:
Uma flor de Israel 305

NÚMERO 64

Outubro – Dezembro 2008

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

EDIÇÕES CARMELO

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal

Conselho da Direcção

P. Pedro Lourenço Ferreira
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Agostinho dos Reis Leal
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Joaquim da Silva Teixeira
P. Vasco Nuno da Costa

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Convento de Avesadas
Apartado 141
4634-909 MARCODECANAVESES
Tel. 255 531 354 – Fax 255 531 359
E-Mail: editorial@carmelo.pt

Assinatura Anual (2008)	€ 19,00
Europa	€ 26,50
Fora da Europa	€ 45,00
Número avulso	€ 4,50

Impresso na ARTIPOL - Mourisca do Vouga - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

FLORES E FRUTOS DE ISRAEL

ALPOIM ALVES PORTUGAL

«Mariam é fruto da Terra Santa. Tudo nela nos fala de Jesus. Em primeiro lugar a terra onde viveu: Nazaré, em cujas cercanias nasceu; Belém, onde se consumiu o sacrifício; o Monte Carmelo, símbolo da vida de oração solitária que enquadrou a sua vida religiosa. Acima de tudo ela nos aproxima do Calvário, uma vez que não deixou em toda a sua vida de carregar a cruz de Jesus... Crucificado!» (João Paulo II, In BRUNOT – *Mariam, the little Arab: Sister Mary of Jesus Crucified*. Bethlehem: Bethlehem Carmel; citado na página 319 deste número).

Encontramo-nos em pleno ano Paulino, na celebração do jubileu dos dois mil anos do nascimento do «Apóstolo dos Gentios». A nossa Revista de Espiritualidade não vai dedicar-se ainda a apresentar temas de cariz paulino mas, quando se fala, estuda e reza tanto a pessoa, mensagem e doutrina de São Paulo, não ficamos insensíveis ao ambiente que todos estamos a viver. Vem isto a propósito da pequena «flor e do seu precioso fruto» que nos vai ser apresentada brevemente neste número da nossa revista, a «Beata Maria de Jesus Crucificado: uma flor de Israel».

Tal como o «Apóstolo de Cristo Jesus» (cf *Rom* 1, 1), também esta jovem de Israel dos nossos dias, pode ser uma feliz fonte de inspiração para todos aqueles e aquelas que sempre sonham e lutam por encontrar-se com Deus num mundo tão diferente e, tantas vezes, adverso daquele em que viveu o apóstolo Paulo.

Em Paulo podemos, sem dúvida destacar três perspectivas, aliás apontadas por todos, que nos dão um retrato perfeito da sua

personalidade e missão: a palavra de Deus, a evangelização e a missão. Mas no que toca ainda ao nosso objectivo quero apontar também, como fazendo parte da sua existência e, portanto, da sua caminhada para «o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo» (2 *Cor* 1, 3), a oração que também se destacou de maneira muito especial nesta filha de Israel e do Carmelo, que foi a Irmã Maria de Jesus Crucificado. Estas são quatro setas que, bem direccionadas, atingirão, sem dúvida, o alvo que todos pretendemos, e são de uma actualidade sem limites, pois estão na linha das orientações do Magistério da Igreja e, certamente também, no desejo e nos projectos dos cristãos.

O jovem Saulo (cf *Act* 7, 58) estava chamado a ser, apesar de ele próprio não ter disso conhecimento ainda, mais do que a testemunha simples do martírio de um outro jovem exemplar, Estêvão; antes era chamado a ser «instrumento da Minha escolha para levar o Meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel» (*Act* 9, 15). A verdade é que, Saulo, que depois se chamaria Paulo, após a epifania com que o Senhor o envolveu, depois de ter visto a luz de Cristo e ter ficado deslumbrado por ela, poderia vir a ser capaz de se converter e começar a ser arauto do Evangelho e da verdade de Jesus Cristo para todos os povos da terra. De facto, Paulo, depois de ter sido baptizado, depois de a sua vida já não ser sua mas de Cristo que vivia nele (cf *Gal* 2, 20), agora vive para levar o nome e a mensagem de Jesus Cristo a todas as gentes.

Como foi capaz, a Irmã Maria de Jesus Crucificado, desde a sua simplicidade e escondimento no Carmelo, de seguir tão maravilhosamente este exemplo que o apóstolo lhe ensina e dá! Como seria de desejar que todos aqueles e todas aquelas que hoje continuam a receber dons especiais de Deus fossem capazes de os desenvolver e de os orientar em favor de todos os homens e mulheres, para benefício de todas as nações da terra, tal e como o mesmo Senhor os destina ao distribuí-los por todos nós.

Ao reflectirmos estes dois artigos, o primeiro que é a continuação do número anterior e onde o autor mostra a direcção certa a seguir de quem é escolhido especialmente por Deus, e o segundo onde nos é apresentada brevemente mais esta figura do Carmelo, queremos desejar a todos os leitores e assinantes da Revista de Espiritualidade umas Santas Festas natalícias e um novo Ano de Paz!

DA ILUSÃO CRÉDULA À MÍSTICA IMAGINÁRIA

- A PROPÓSITO DO CASO DE UMA VISIONÁRIA *

CARLOS HENRIQUE DO CARMO SILVA

IV - Do pseudo-misticismo à vidência imaginária

“Nous savons aussi que les désordres profonds de l’esprit, de véritables maladies peuvent se greffer sur un état mystique très authentique, en enchevêtrer les traits, de sorte que discriminer ce qui appartient au fait mystique et ce qui revient au pathologique peut être fort délicat...”

(Jean LHERMITTE, *Mystiques et faux mystiques*, Paris, Bloud & Gay, 1952, p. 8)

“Disse também que M. estava sim na terra, mas não era da terra. Que, durante a sua vida, ninguém saberia o que ela tinha sido em vida.” (VM, 32)

1 – O caso em estudo

Vem toda este longo *intermezzo reflexivo* a propósito de certa leitura crédula de fenómenos considerados extraordinários e que constituem o registo de uma lógica valorativa do maravilhoso, do miraculoso, na ordem da religiosidade dita popular.

O caso que se tem presente é o que se pode apreciar a partir de uma *narrativa*, praticamente directa das suas revelações e vivências extraordinárias, feita pelo seu confessor na qualidade também de

* Continuação do artigo publicado no número anterior, 63, pp. 207-232, com o mesmo título.

orientador espiritual.¹ Por essa descrição muito simples, para não dizer até cheia de ingenuidade,² em todo o caso com o rigor de um linear registo do que transmite essa senhora, – pois trata-se para mais de uma sensibilidade feminina a falar,³ – fica-se com a impressão de um *quadro psicológico típico* de muitas outras análogas situações.⁴

¹ A narrativa insere documentos, também resenhas de certas experiências, algumas cartas tanto da M. como de outros familiares e testemunhos, ou algumas missivas oficiosas a propósito deste caso, bem assim orações e o acto de consagração ou oferecimento como vítima pela santificação dos sacerdotes. (Cf. VM, 11 e 96-97) A maior parte dos relatos são nótulas, datadas ou não, mas ordenadas segundo uma quase absoluta ordem cronológica (entre Setembro de 1949 e a data da morte de M.), quase à maneira de «diário», porém mais de eventos extraordinários e mensagens (do que íntimo de natureza espiritual). De qualquer modo, percebe-se na transcrição feita pelo confessor, e autor dessa **narrativa “biográfica”**, um fundo directo da linguagem de M. Aliás, é provável que algum do material tivesse sido recolhido, ou completado, só a partir de 1954, já que foi nessa data que recebeu ordem do Santo cuja visão lhe transmite “*escrever tudo desde criança, da sua vida. Por isso o confessor deu-lhe hoje (18-10-54) um caderno para escrever.*” (VM, 139) Ignora-se se algumas das notas escritas de M., ou se tal caderno (se veio a ser redigido) tenha persistido para além da presente síntese narrativa.

² O confessor chega a presumir algumas vezes que M. “não pudesse saber certas coisas”, o que mais realçaria a etiologia “sobrenatural” das suas referências quando algumas são banais e poderão provir de informes ouvidos anteriormente ou até vistos ou lidos nalguma **literatura piedosa** popular e tradicional, que, aliás, lhe permitia também *identificar* pormenores da ‘iconografia’ das suas visões. Exemplos dessa ingenuidade serão: “*O confessor tinha perguntado a M. se o Santo..., quando chega ao altar não traz o capucho na cabeça. «Sim, é verdade, disse, mas não é um capucho castanho, mas sim branco, e, depois, puxa para trás por cima da casula.*” – e comentário do confessor: “*(Mais uma pequena prova, pois [isto era] o que M. não podia saber de si própria...)*” (VM, 117-118); ora já M. se havia confessado e conhecia vários sacerdotes dessa ordem religiosa (VM, 91...) e haveria reparado no hábito (veste) da mesma. Outro caso: por ocasião duma visão de N^a. Senhora: “*M. mandou pôr uma linda almofada de seda encarnada com 3 cravos brancos, para que Nossa Senhora nela pusesse os pés. O cravo do meio tomou Nossa Senhora na mão e punha outra vez em cima da almofada. (Eu, o confessor vi os impressos dos pés de Nossa Senhora na almofada).*” (VM, 93)

Noutro âmbito, já mais denso e de contexto de revelação profética: VM, 113: N^a. Senhora que aparece a falar da próxima guerra... e VM, 153 com a predição de grande guerra e perseguições, depois de contar o que M. transmite: “*A Mãe Santíssima disse que há-de vir uma grande guerra e perseguições. Que M. também seria perseguida, mas que não tivesse medo, que a sua alma estava segura nas mãos de Jesus.*” – comenta: “*(Afinal esta guerra de que falou Nossa Senhora não veio, porque M. fez muita penitência e sacrifícios...)*” Também ‘*três dias de trevas*’ – muito referidos em vários espirituais e visionários neste teor apocalíptico... – *não vêm, ‘por causa da penitência’ de M.* (VM,153), etc.

³ O que aqui está em causa não são as mulheres “místicas”, mas a **feminilidade** (até podendo dar-se como característica psicológica nos homens, de acordo com o binómio e complementaridade de *animus- anima*; cf. *infra* n. 149) como particularmente ligada a tais estados de passividade e imolação de vida. Do ponto de vista estatístico há uma imensa predominância de *místicas* sobre homens místicos, embora no capítulo das canonizações até ao séc. XX haja predominado o modelo masculino de santidade de acordo com a marca patriarcal da Igreja. *Vide*, entre outros, Jean-Pierre ALBERT, *Le sang et le Ciel, Les saintes mystiques dans le monde chrétien*, Paris, Aubier, 1997; Jacques MAÏTRE, *Mystique et féminité, Essai de psychanalyse sociohistorique*, Paris, Cerf, 1997; Jean-Jacques ANTIER, *Le mysticisme féminin – Épouses du Christ*, Paris, Perrin, 2001, pp. 16 e segs.; ainda Louis BOUYER, *Figures mystiques féminines*, Paris, Cerf, 1989...; e nossas referências em Carlos H. do C. SILVA, “Da ambiguidade devota à espiritualidade concepcional – O feminino em Santa Beatriz da Silva e Santa Joana de Valois”, in: *Rev. de Espiritualidade*, XIII, n^o

Sendo, embora único, e dir-se-ia virgem ainda, o tratamento deste caso, insere-se na fenomenologia de experiências supostas visionárias e que se deixam caracterizar genericamente no contexto da pretensa ‘mística’ experimental *passionista*.⁵ Não a modificação sobrenatural do funcionamento natural das faculdades na transposição do sensível e do inteligível para a contemplação e a união mística, nem sequer o refluxo de tal eventual *fuga mundi*, melhor dito, de tal *raptus mentis*, para o âmbito da encarnação de uma experiência efectivamente espiritual até da humanidade e do sensível; outrossim, um modo de *hipertrofia do psiquismo*, mimando os “efeitos” que não serão espirituais, mas provenientes, então, de tais alterações concretizadas em modificações psico-fisiológicas.⁶

49, Jan./ Março (2005), pp. 43-72; Id., “A simbologia da alma e do feminino na experiência marial de Frei Casimiro Wiszinsky”, in: *Rev. de Espiritualidade*, XIII, nº 50, Abril/ Junho (2005), pp. 91-119; Id., “A Mulher do Oriente e a Mãe Ocidental - Traços exóticos do simbolismo do ‘feminino’ e ‘novos origens’ da espiritualidade mariana”, in: *Rev. de Espiritualidade*, XIII, nº 51, Julho/ Setembro (2005), pp. 179-216.

⁴ O paradigma não é neste caso o da *mística*, como de *vida contemplativa* (ao modo de S. Boaventura e S. Tomás, Hugo de S. Victor, ainda de Eckhart, de Hugo de Balma, etc.), ou de *experiência intimista* (como em St^a. Teresa de Jesus, S. Francisco de Sales...), outrossim o do *visionarismo* mais afecto, quer à transmissão *profética* (desde Hildegarda de Bingen até à nossa Ir^a. Lúcia da mensagem de Fátima...), quer aos *fenômenos de alteração psico-fisiológica* associados a tal *espiritualismo* (desde St^a. Margarida Maria Alacoque, ou mesmo, antes, de St^a. Catarina de Sena, até à B^a. Alexandrina de Balasar...), na tipologia da «alma vítima». Cf. *supra* n. 5 e *vide infra* ns. 170, 190...; também outras referências em nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, “Aparições e experiências místicas – Reflexão sobre o fenómeno de Fátima e contributo para uma sua renovada meditação espiritual”, in: Várs. Aut., *Fenomenologia e Teologia das Aparições*, («Actas do Congresso Internacional de Fátima», 9-12 Outubro de 1997), Fátima, ed. do Santuário de Fátima, 1998, pp. 353-393; cf. Jacques GAGEY, “Phénomènes mystiques”, in: *Diction. de Spirit.*, t. 16, cols. 1259-1274.

⁵ Não é aqui ocasião de fazer a história dos antecedentes desta **sensibilidade ‘mística’ à Paixão** e ao próprio carácter *passivo* que envolve a sua vivência. Não se toma a palavra *passionista* na acepção da Ordem religiosa fundada por S. Paulo da Cruz, nem estritamente do seu *Diario Spirituale*, (Roma, ed. crit., 1964), bem assim do tema da «morte mística» ou do *holocausto do puro espírito*, na linha de Tauler e de Suso, mas do timbre *passivo* e *vital* largamente influente também nesta sensibilidade religiosa. Bastará referir que desde St^a. Gertrudes de Helfta e na linhagem do culto ao Sagrado Coração de Jesus, a simbólica do *Sangue* se torna dominante. O caso de St^a. CATARINA DE SENA (cf. *Il Dialogo*, LXIV *et passim*) sendo disso significativo. Mais tarde liga-se à visão piedosa da *via sacra*, até a meditação concentrada, na Paixão pela “imaginação do lugar”, segundo os «*Exercícios espirituais*» de St^a. INÁCIO DE LOYOLA, *Ej. esp.*, 1^a sem., § 47 e segs.; ed. cit., pp. 221 e segs.. Desde o séc. XVII, em meios visitandinos, depois oratorianos e sulpicianos, bem assim dos Passionistas, dos Sagrados Corações, etc., intensifica-se muito esta vivência devocional e piedosa em torno do *holocausto cruento*, da vítima oferecida para reparação e em união com as dores da Paixão. É neste contexto mais proximamente herdado desde S. João Maria Vianney ou do Padre Cruz, do Santo P. Pio como de St^a. Gemma Galgani ou de St^a. Maria Madalena de Pazzi, entre muitas outras referências que se situa a tipologia deste caso do séc. XX que aqui consideramos. Cf., entre outros, Jean-Pierre ALBERT, *Le sang et le Ciel, Les saintes mystiques dans le monde chrétien*, Paris, Aubier, 1997, pp. 87 e segs.

⁶ O que pode acontecer nos casos de pseudo-mística: cf. Jean LHERMITTE, *Mystiques et faux*

Não pode faltar aqui o discernimento entre o que é ‘energia’ *livre e superveniente*, dita pela *gratuidade do espírito*,⁷ que assim não se deixe condicionar, e o que é aquele outro *processo condicionado* em que um psiquismo que se altera tem determinados efeitos sobre a vida orgânica, ou, por seu turno onde já algum estado mórbido ou modificado desta base psico-fisiológica, ainda que subconscientemente, determine aquele mesmo psiquismo.⁸

2 – O contexto religioso justicialista e de reparação

O tratamento hermenêutico, normalmente condicionado por certa representação dogmática e estática da vida religiosa, cinge-se neste caso e perante o, então, “mitema cristão”,⁹ a um esquema de *promessa* da estrutura antropológica básica do *sacrifício* no tal *do ut des*, de que não está isento um complexo de culpabilidade, desde logo numa errônea leitura da autêntica conversão (*metánoia*) e redenção.¹⁰ A linguagem do *sofrimento* com que se salda uma ‘dívida’,¹¹ a

mystiques, Paris, Bloud & Gay, 1952, pp. 131 e segs.: “Contrefaçons de la vie mystique”; sobre esta capacidade de *mimar* os estados de êxtase, de união... em **simulacros psicológicos**, inclusive em desdobramento de personalidade, *vide* desde as clássicas investigações de Pierre JANET, *De l'angoisse à l'extase*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, reed. 1975 até a muitos outros estudos recentes (cf. também *infra* Bibliografia em n. 129) e *vide* Jacqueline CARROY, *Les personnalités doubles et multiples, Entre science et fiction*, Paris, PUF, 1993, pp. 195 e segs.: «Narrativité et cas singulier chez Janet et Freud». *Vide infra* ns. 91, 109, 111, 160...

⁷ Sobre esta caracterização do **espírito**, como *spiritus* ou *pneuma*, ainda a traduzir o hebr. *ruah*, cf. Marie E. ISAACS, *The Concept of Spirit, A study of Pneuma in Hellenistic Judaism and its Bearing on the New Testament*, Londonm Heythrop Monographs, 1976.

⁸ Sobre esta temática será sempre de ter presente a lição da **destrinça entre psiquismo e nível espiritual**... Cf., entre outros, Denis BIJU-DUVAL, *Le psychique et le spirituel*, Paris, de l'Emmanuel, 2001, sobretudo pp. 135 e segs.: «Les sciences psychologiques et la dimension spirituelle»; e *vide* n. 80.

⁹ Assim tornado, dada a **perspectiva religiosa** e não propriamente revelacional, evangélica ou espiritual em presença... Cf. Manuel João RAMOS, *Ensaio de Mitologia Cristã*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987.

¹⁰ Cf. *supra* n. 67. *Vide* G. Van der LEEUW, *La religion...*, ed. cit., pp. 342 e segs.: «*Do ut des*», adentro numa fenomenologia do *dom*. Sobre a noção de **promessa**, cf. Elmer KLINGER, «Vows and Oaths», in: *The Encyclopedia of Religion*, vol 15, pp. 301-305, e desde a compreensão medieval do tempo assim comprometido no *voto* ou “pacto”... cf. Jean-Claude SCHMITT, *Le corps, les rites, les rêves, le temps, Essais d'anthropologie médiévale*, Paris, Gallimard, 2001, pp. 372 e segs.: «Le pacte éternel». Para a discussão dos conceitos de *conversão*, naquele genuíno sentido de *metánoia*, e também para a “linguagem” da redenção, cf. referências em nossos estudos: Carlos H. do C. SILVA, “O Homem cristão e a Penitência”, in: *Itinerarium*, XXV (1979), n°104, pp. 208-222; e Id., “A linguagem da Redenção: Reflexão filosófica e indicativo espiritual” (Com. ao Simpósio «A Cruz e Redenção»), in: *Didaskalia*, XIV, (1984), pp. 77-112. Cf. *supra* n. 69.

¹¹ Remete-se para referências dos diversos sentidos do **sofrimento**, desde a dor física, até ao

consciência do pecado como ‘culpa’ a *expiar*,¹² ou que está no débito de uma divina *substituição* que assim agiganta a falta e multiplica a necessidade reparadora..., conduz a uma espiral patética que naturalmente se colora de emoções ou até de um sentimentalismo perante o sacrifício no *desagravo* prototípico lido na Paixão.¹³

Claro que, para a análise psicológica, é sabida esta *hipertrofia emotiva*, e até o pretenso sentimento, onde afinal só há ainda um protagonismo ‘piegas’ de *projecção* de medos próprios, sendo assim manifestações excedentes de um egocentrismo de algum modo infantil, cujo carácter mais primário não deixa de encobrir um desejo de “aplaçar a Deus”.¹⁴ Está implícita a intenção de “mimar” esse estado expiatório, mais até, de o levar a uma *representação* quase perfeita, para, afinal, conseguir o “negócio do céu”, ou seja, muito objectivamente vir a obter, seja para si, seja para os seus, aquele objectivo ‘contrato’ divino.¹⁵

padecimento interior, mesmo na mística: Carlos H. do C. SILVA, “Mística da Cruz – Transfiguração do sofrimento”, (texto integral), in: *Didaskalia*, XXXIV, (2004), pp. 57-88.

¹² Note-se a carga da *culpabilização* e sua lógica ulterior de *castigo*, “expição”, etc., à margem da *conversão* ou do arrependimento salutar... noutra leitura da redenção. *Vide supra* ns. 4, 67, 80.

¹³ Um dos textos fundadores desta *sensibilidade de desagravo* encontra-se nas “revelações” do Sagrado Coração em Paray le Monial: St^a. MARGARIDA MARIA ALACOQUE, *Autobiografia* § 92, ed. cit., p. 122; *vide supra* n. 57; depois retomado por muitas outras “almas oblatas” desde St^a. Gemma Galgani a St^a. Faustina Kowalska, passando por muitas outras espirituais que fizeram também o seu “acto de oferecimento” em *reparação* e como *satisfação* à Justiça divina... Ainda St^a. MARGARIDA MARIA ALACOQUE, *id.*, § 46, ed. cit., t. I pp. 75-76: “*Il me fit voir en lui deux saintetés, l’une d’amour et l’autre de justice, toutes deux très rigoureuses (...). Et pour sa sainteté de justice, si terrible et épouvantable aux pécheurs, elle me [ferait] sentir le poids de sa juste rigueur en me faisant souffrir pour les pécheurs et particulièrement pour les âmes qui me sont consacrées, pour lesquelles je te ferais voir et sentir dans la suite ce qu’il te conviendra souffrir pour mon amour.*” cf. *infra* n. 105. Saliente-se este especial sentido de *oblação* pela *sanctificação dos religiosos ou consagrados*.

¹⁴ Sobre o mecanismo psicológico da *projecção* cf. SAMI-ALI, *De la projection, Une étude psychanalytique*, Paris, Bordas, 1986, pp. 89 e segs.; note bem a diferença entre um emocionalismo, mais superficial e feito de tal sentimentalismo, e o verdadeiro sentimento cuja expressão sóbria mas profunda da ‘emoção’ aponta para uma atitude menos imediatista.

¹⁵ Cf. VM, 94: “*Jesus disse mais, que ela [M.] não tivesse pressa de ir para o Céu, pois que o sofrimento era muito vantajoso para ela própria e para muitos pecadores.*” Sobre a “lógica” desta *promessa*, seja como Aliança, seja noutra acepção, cf. G. van der LEEUW, *La religion...*, ed. cit., pp. 463 e segs.: «Alliance avec Dieu»; cf. *supra* ns. 67 e 84. Há uma *encenação* que põe em acção o *drama cristão*: esse mimar tal situação inscreve-se plenamente na literalidade de um modelo de *imitação (mimesis)*. Cf. a «Imitação de Jesus Cristo», ainda o sentido metódico da meditação sobre cada um dos passos, gestos ou palavras da *via sacra*... Cf. *supra* n. 79. Cf. Xavier YVANOFF, *La chair des anges, Les phénomènes corporels du mysticisme*, Paris, Seuil, 2002, pp. 346 e segs.: «Les chemins de négation». ; Jean-Pierre ALBERT, *Le sang et le Ciel, Les saintes mystiques dans le monde chrétien*, ed. cit., pp. 63 e segs.

Pode a propósito transcrever-se aqui o acto de *Consagração* de M. que, de acordo com a tradição da via religiosa, se lhe impõe. A *composição da fórmula* é do confessor mas interpreta bem o sentido do pacto assim ligado pelo voto de M.:

“Meu bom Jesus, nesta Noite sagrada de Natal [25 Dez. de 1949], em que o Vosso infinito Amor se dignou tomar a nossa natureza humana e nasceu Menino no seio puríssimo da Virgem Santíssima, sacrificando toda a Vossa glória e, aceitando todas as humilhações e sofrimentos por amor de nós e por nossa salvação: em paga deste Amor infinito, consagro-me como vítima do Vosso divino Amor, a Vós, de hoje para sempre. E este acto de consagração faço na Vossa divina Presença e da Santíssima Virgem, perante toda a corte celestial. Entrego-me de alma e de corpo com todas as minhas faculdades à Vossa Santíssima Vontade, para que façais de mim tudo o que Vos agradar.

Para sempre renuncio ao mundo, a todos os prazeres mundanos, a todas as consolações humanas; quero sacrificar tudo pela Vossa maior glória, pela santificação, minha e dos meus queridos, e pela salvação eterna de muitas almas.

Não tenho forças nenhuma nem méritos, eu o reconheço, mas tenho toda a confiança na Vossa infinita Misericórdia e no auxílio da Vossa Santa Mãe, Maria Santíssima. Que eu seja fiel à minha consagração até ao último suspiro com o auxílio da Vossa divina Graça.

Virgem Santíssima rogai por mim.

Santo António, rogai por mim.

Santa Teresinha, rogai por mim.” (VM, 11)

Não há aqui ‘romantismo’ ou interioridade de *estados* de consciência, mas este *páthos* em cumprir o que se suponha as objectivas exigências desse contrato, dessa vontade que há que realizar de molde a que por tal obediência penosa, pelo mérito do sofrimento, se consiga o que é esperado. Forma mais do que romana, jurídica, de “desobriga” no que se refere a esta lógica, não se dirá do pequeno dízimo, mas da oblação até ao modo do *potlach* em certa “competição” de penitências cada vez desejadas como maiores.¹⁶

¹⁶ Vide n. anterior e cf. Mt 23, 23... na crítica ao dízimo formal, sem se atender ao espírito da lei e Mc 12, 42, no sublinhado da menor oferta de bom coração... Não a “competição” de **penitências**... (ao modo da primeira fase da vida de St^a. MARGARIDA MARIA ALACOQUE, *Autobiographie*, §§

3 – O condicionamento pessoal e psicológico

De um ponto de vista psicanalítico, logo se poderia diagnosticar este sentido auto-punitivo ainda como *reação traumática* de uma infância de muita falta de afecto, de uma família muito numerosa e carecida, em que a figura do pai, ébrio e violento, se junta ao risco de abuso sexual que é sugerido na pobre menina, por parte de um sujeito obscuro.¹⁷ Certo é que, apesar de ter poucas letras mas com uma

18: «Trop d'ardeur pour la pénitence...», 37 (ed. cit., t. I, pp. 50, 68 e segs.) Sobre esta outra lógica da *oferta* naquele esquema antropológico clássico, cf. n. anterior e n. 84. Pode exemplificar-se alguns desses excessos: “S. António... *também disse que ela em Fátima sofreria numa sede medonha, mas que, se se contivesse sem beber, muitas almas seriam salvas.*” (VM, 16); noutro caso é a visão do mesmo Santo instrutor que lhe manda rezar com os braços em cruz, ou com a cara no chão (cf. VM, 75), chegando a “escutar” da parte de Jesus a pergunta “*porque é que ela tinha tanto amor ao sofrimento?*” (VM, 75) – tal a intensidade da prática desses sacrifícios. (cf. VM, 77 e segs.) Vide também VM, 86: “Santo António disse-lhe que, se suportasse as dores sem um «ai», converteria muitos pecadores...”; noutro exemplo: “Como S. António lhe tinha dito que fizesse todas as penitências que lhe viessem à ideia (e o confessor tinha dado licença para isso, contanto que lhe dissesse qual penitência fazia) pediu M. numa noite à L...água a ferver. Ela queria queimar os pés com água a ferver, mas no momento em que estava para deitar água sobre os pés, apareceu-lhe o Anjo da Guarda que lhe deteve a mão para não o fazer.” (VM, 137-138; sublinhámos). Figura ambivalente do Anjo da Guarda: que tanto assim a protege e vigia sobre os excessos de zelo, a desobediência de M.: “ouviu depois dum minuto [da disciplina] a voz do seu Anjo da guarda, que de repente se tornou visível aos olhos de M. e que disse: «Um minuto!».” (VM, 109), também anteriormente: “repreendia-a porque não tinha ordem do confessor para rezar de joelhos.” (VM, 62), etc., como, por outro lado, é ele quem lhe impõe a coroa de espinhos, quem lhe fere a “estocada” no peito, etc. Representa a rigorosa obediência, sacrifício maior do que o que pudesse se capricho de penitência... (Sem aqui pretender discutir o sentido do *mensageiro paredro*, não se pode deixar de remeter para o simbolismo do *desdobramento espiritual* da pessoa, à semelhança do que na tradição clássica se significava pelo *éidolon* e pelo *ókhema* da ‘alma’, ou do que são os *malakim* da tradição hebraica e ainda o *fylgia* das narrativas visionárias célticas.) Vide *infra* ns. 139, 144...

¹⁷ É conjectural esta interpretação. A narrativa diz até o seguinte: Acerca do pai de M. “Era um homem rude para a mulher e filhos, principalmente quando estava embriagado. Batia muito nos filhos. (...)” E a descrição acrescenta mais abaixo: “M. era tratada por seu pai sem carinho, <porque> ela [que] era uma criança muito tímida. Ela viu <como> [ainda] menina de 6 ou 7 anos, várias vezes, uma figura muito feia dum homem que a intimidava. O pai dela não o acreditava. Mas uma vez estava M. a lavar a roupa, (tinha ela os seus 7 anos), dum irmão pequeno, quando viu outra vez aquele homem terrível. O pai, que estava a espiar a menina, viu também aquele sujeito obscuro, e com uma pistola no punho saiu para fora, tropeçou e caiu; a pistola voltou-se para ele próprio e disparou[-se]. Por milagre ficou o pai ileso.” (VM, 79) Haveria aqui muitos elementos de análise sobretudo no diagnóstico dessa figura “obscura” que também identifica a projecção do medo do “pai castigador”... Vide FREUD e LACAN, *supra* n. 72 e *infra* 94. Note-se que uma *dissociação psíquica*, ainda que não consciente pela própria, poderia ter como resultado este “split”, *desdobrando* a “realidade” temida desse modo. Cf. *infra* 109, 113 e vide também: Adam CRABTREE, *Multiple Man: Explorations in Possession and Multiple Personality*, London/ Glasgow/ Toronto, Grafton B., 1985, pp. 48 e segs.: «The Second Self: Evidence from Hypnotism»; Mikkel BORSCH-JACOBSEN, “Pour introduire la personnalité multiple”, in: Isabelle STENGERS, (dir.), *Le-Pleissis-Robinson*, Synthélabo, 1993, pp. 285- 317; Ian HACKING, *Rewriting the Soul, Multiple personality and the Sciences of Memory*, Princeton, Univ. Pr., 1995, pp. 128 e segs.: «Schizophrenia».

sensibilidade bastante desenvolvida, esta jovem que, segundo conta mais tarde, já tinha tido várias visões em pequena,¹⁸ acaba por se casar e ter uma família, com dois filhos, e mais ou menos normal. Fica-lhe de infância a memória dolorida da mãe, que toma como exemplar na fé, tal como a sua avó materna, havendo como que a consciência desta herança que seria preciso guardar, lutar por ela, defender dos inimigos da fé.¹⁹

É ainda neste espírito *defensivo* ou de ‘preparação para a morte’ que redige (dirigido ao seu confessor) o «testamento espiritual» por ocasião de presságio de morte: “...*eu julgo que seja para meter-me medo, mas como não tenho a certeza do que virá a acontecer, por isso me quero preparar, fazendo os meus últimos pedidos.*” E, após enumerar algumas disposições mais concretas em relação ao seu funeral e enterro, M. compromete-se com uma *herança celeste*: “...*eu no Céu não hei-de descansar enquanto o meu Padrinho não lhe der [i.e. ao confessor] todas as provas que deseja.*” (VM, 89) – e insiste em que o seu quarto se mantenha como um lugar intacto. Deseja fazer deste seu testamento-súplica, tanto um pedido de orações por si e pela família (filhos em especial), como a vontade de que se transforme o seu espaço, esse seu quarto, num lugar preservado, qual baluarte da fé.

4 – A concepção negativa do mundo moderno

Anatematiza-se esse mal até *historicamente identificado*: “*Na noite entre 17 e 18 de Novembro [1957] veio S. António e disse que as coisas do mundo vão muito mal, e que os Russos querem sujeitar todo o mundo. M. perguntou: «Mas a Rússia não se converterá?» «-*

¹⁸ **Visões**: por exemplo, da presença do demónio (VM, 79), também de um “franciscano”: “*M. (tinha 6 anos nesta altura) um padre Franciscano com cabelos compridos num cruzamento (...). Ela voltava com um molho de vides, que tinha ido buscar. M., que era muito tímida, evitou-o fazendo um desvio, mas o «Franciscano» disse: «Não tenhas medo, venho por teu bem.»*” (VM, 79) Mais tarde identifica esta ‘visão’ como um Santo que lhe aparece. Cf. também *infra* n. 111.

¹⁹ O contexto de constrangimento moral e familiar de pobreza determina-se também pela leitura desses “**inimigos**” da fé: os republicanos e os maçons, no espírito do que na mensagem de Fátima era o combate contra o comunismo (“*O santo escreve que o grande perigo não era bem da guerra, mas dos comunistas, (...).*” (VM, 136), pela conversão da Rússia... e agora se refere também a Inglaterra: “...*fazer este sacrifício pela conversão da Rússia... não só a Rússia se deve converter mas também outros países, e que Inglaterra também ofende muito Nossa Senhora...*” (VM, 87). É neste clima que se integra a “história familiar” da mãe ‘*que rezava todas as noites o terço com os seus filhos*’ (VM, 79) e até da lembrança da avó que havia salvo, durante a revolução (republicana, em 1910) imagens, cálices e outras alfaías litúrgicas em risco de pilhagem ou profanação. (cf. VM, 79). Traduz-se naquela linguagem não uma consciência política mas a atávica perspectiva de um conservadorismo eclesiástico mais ou menos disseminado na ‘diabolização’ dos inimigos da fé.

Sim», disse o santo, «converter-se-á, mas antes vão derramar muito sangue. Os sacerdotes serão perseguidos e mortos, também em Portugal. (...)»” (VM, 158) O eco óbvio é o da Mensagem de Fátima, nessa convencionalizada leitura política, que se repercute até em visões de M.: *“Ela contou ao confessor que se encontrava numa cela, onde havia um altarinho com um sacrário. O guarda era comunista e vieram várias vezes os comunistas para roubar o sacrário. Deram marteladas na cabeça de M., mas o seu amor a Jesus venceu e não conseguiram roubar.”* (VM, 159)

Esta identificação do mal torna-se ainda mais claramente afirmada nessa cruzada ao modo do *Syllabus* contra o ‘livrepensamento’²⁰ e sobretudo contra os sistemas da internacional comunista: aqui é o Santo quem escreve na visão de M., *“que o grande perigo não era bem a guerra, mas dos comunistas, que já estão em todos os países.”* (VM, 136)

Seria necessário que M. continuasse sempre a rezar a oração dos serraninhos (os Pastorinhos de Fátima) (VM, 53) já que Jesus é muito ofendido: *“«Não julgues, filha [a M.] que é só neste meio, que tu conheces que sou ofendido. Aqueles que vós chamais estrangeiros, por exemplo Inglaterra, França e todo o mundo, que também são vossos irmãos, também me ofendem bastante» (...) Também [Ele] se queixou com tristeza das pessoas, que pela manhã O recebiam e à noite iam para os cafés e outras reuniões a título de que se assim não fizessem, parecia mal à sociedade.”* (VM, 53)

²⁰ Mais do que a posterior reação contra o Modernismo, a doutrina da época consubstancia no *Syllabus*, do Papa Pio IX (*Syllabus complectens praecipuos nostrae aetatis errores...*, 1873), uma posição muito negativa em relação à atitude de livre pensamento, não forçosamente maçónica, e que virá a ter consequências em certa mentalidade ultramontana da espiritualidade ainda semi-jansenista da época subsequente. Cf. Mgr. J.- J. GAUME, *Petit catéchisme du Syllabus*, (1875), Cadillac, Saint-Remi, reed. 2005 A partir da revolução Russa e de novos desafios no campo do pensamento social e moral a doutrina social da Igreja virá corrigir esta posição conservadora e ter um diálogo crítico, embora ao nível da religiosidade popular e do devocionalismo amedrontado ainda persistissem os modelos daquele espírito do *Syllabus*. Claude LANGLOIS, “Lire le *Syllabus*”, in: A. DIERKENS (ed.), *Problèmes d’Histoire des Religions : «L’intelligentsia européenne en mutation (1850-1875) Darwin, Le Syllabus et leurs conséquences*, Bruxelles, 9/ (1998), pp. 85-103. Vide ainda posição muito crítica de Yves CONGAR, *Journal d’un théologien (1946-1956)*, Paris, Cerf, 2005, pp. 308-309, até referindo-se à leitura “política” de Fátima: *“par une idée infantile du communisme et des moyens de s’opposer à lui... Cela relève d’une autre religion que celles des apôtres et des Pères.”* Não seria dispiciendo pôr em paralelo esta atitude « infantil », como o que no plano psicológico (ou até de sociopsicanálise) seria uma tendência também diagnosticada como « regressiva e infantil », tal se encontra até nos quadros alucinatorios e de ilusão : cf. FREUD, *Die Zukunft einer Illusion, supracit.* e ainda J. ROZENBERG, *Philosophie et folie*, ed. cit., pp. 135 e segs. : «Régession et hallucination».

5 – Crise moral projectada sobre a Igreja

Mas também a Igreja está infectada por essa doença moral... **“Nosso Senhor mostrou-se muito triste por causa dos muitos pecados do mundo (...). Jesus disse que o inferno está cheio de pastores de almas, que, em vez de juntar o rebanho, o espalharam. Que ainda vivem muitos sacerdotes que fazem a mesma coisa.”** (VM, 23)

O mundo é, pois, desde cedo encarado por esta *moral traumática* e de um puritanismo que trai os distúrbios inconscientes de uma sexualidade doentia ou até perversa,²¹ se se lerem os requintes de dor e penitência ulteriormente praticados, e, pior, com a anuência de confessores na boa fé de ‘se tratarem de pedidos do céu’.²² Mas a este *mundo mau* do qual é preciso fugir, como do corpo que é necessário maltratar já que o que importa, adentro de tal *dualismo*, é ‘salvar a alma’, junta-se este combate contra tudo o que pareça primariamente contrário a esse dogma, seja o livre pensamento, seja uma diversa cultura, seja sobretudo uma diversa religiosidade.²³

²¹ O tema da permissividade de alguns costumes, sobretudo na praia é veementemente condenado nos seguintes termos: **“Com respeito às praias dizia o santo escrevendo, que tantos padres até freiras iam para a praia, quando os padres deviam fazer tudo para que ninguém (dos fiéis) fosse às praias.”** (VM, 137) Vide ainda VM, 95... O que está em causa são os corpos desnudados: **“Está a chegar o tempo de irem para as praias e os pais sem pudor nenhum a ficarem nus junto dos seus filhinhos pequeninos. (...) Assim as crianças habituam-se logo de pequeninas a ver o que não devem ver e mais tarde não têm pudor e pecam facilmente.”** – é nestes termos que são formuladas estas “queixas” de Jesus a M. (VM, 154) Ainda VM, 138: **“Também escreveu [o Santo] para dizer ao P.... de que não desse a S. Comunhão às pessoas com os lábios pintados e unhas pintadas e sem mangas no vestido.”** Não deixa de estar implícita nesta *cultura moralista* uma suspeita sexual misógina, complementada por outros receios a propósito do ‘diabólico’ feminino, aliás de acordo com algum padrão costumeiro em certa leitura cristã: **“Uma vez no mês de Abril de 1957, falando o Santo... sobre os perigos que os Padres correm, disse que há raparigas, pagas pela Maçonaria, que rodeiam o padre, confessam-se sacrilegamente, recebem a S. Comunhão e entregam a Hóstia Consagrada à Maçonaria.”** (VM, 153) Este moralismo transpõe para o Portugal de meados do séc. XX, sob o salazarismo, o que eram os padrões de costumes do puritanismo do séc. XIX, por exemplo entre as religiosas e como catequeses das famílias leigas em França: cf. Abbé BAUTAIN, *La Chrétienne de nos jours*, t. I: *La Jeune Fille et la Femme*, P., 1859, apud Odile ARNOLD, *Le corps et l’âme, La vie des religieuses au XIX^e siècle*, Paris, Seuil, 1984, pp. 327 e segs. Repercuta-se uma tradição “dualista” e de *fuga mundi* que já vem da cultura do séc. XVII: cf. Geneviève REYNES, *Couvents de femmes, La vie des religieuses cloîtrées dans la France des XVII^e et XVIII^e siècles*, Paris, Fayard, 1987, pp. 97 e segs.: «Sous le regard de l’ange»...

²² Sobre as *penitências*, cf. *supra* n. 90. No fundo imagina tais sacrifícios e sofrimentos a partir do que visiona como pedidos do Céu (de S. António... ou mesmo de Jesus); narra consentir na estigmatização (VM, 38...), na flagelação, na crucifixão... em suas agonias. Noutros casos é M. a querer o consentimento de penitências por si sugeridas: **“Padrinho, permita que eu corte dedo por dedo; na maior alegria faço-o já por amor de Jesus.»** *Meu Padrinho disse-me: «Não te posso consentir.»* (...).” (VM, 99)

²³ Cf. *supra* n. 89. Cf. Jean-Pierre ALBERT, *Le sang et le Ciel, Les saintes mystiques dans le monde*

6 – Denegação e complementar exarcebamento espiritual

Esta negatividade generalizada como ponto de vista moral acusatório serve de justificação ao que na área do seu psiquismo próprio serão ainda *medos*, receios extraordinários de pecar, de deixar de cumprir a regra dos mandamentos, até porque se sente que naquele simbolismo depõe a violência não menos extraordinária que a habita.²⁴ Disso são sintomas a ‘força de vontade’, o seu pessoal *querer* que aconteça de determinado modo, inclusive a aparente cedência por amor, por obediência, mas que se pode observar em concomitância com equivalente projecção psíquica que encena isso mesmo.²⁵ Há, pois, um rever-se nos vários estados e sempre a partir daquela figura ‘egóica’ e de censura própria, bem como de auto-afirmação.²⁶

Do ponto de vista da “lógica” do religioso o que está presente é uma leitura que nem é libertadora e espiritual, nem sequer sadia na linguagem do sofrimento, seja como as “dores de parto” para bem da Criação inteira,²⁷ seja como voluntário e despojado sacrifício

chrétien, Paris, Aubier, 1997, pp. 53 e segs.: «Anthropologie du dualisme»; também «*Imitatio Christi* et pensée du sacrifice», (*ibid.*, pp. 63 e segs)

²⁴ Medos e violências... cf. J. KRISHNAMURTI, *Beyond Violence*, ed. cit., pp. 63 e segs.: «Fear» e pp. 73 e segs.: «Violence»: “The source of violence is the ‘me, the ego, the self, which expresses itself in so many ways – in division, in trying to become or be somebody (...)” Ainda Id., *The First and Last Freedom*, London, V. Gollancz, 1972, pp. 126 e segs.: «Self-Centred Activity». Cf. *supra* n. 60.

²⁵ Reporta-se, por exemplo, a insistência em “querer converter o marido pela oração” e que, mesmo perante conselhos de prudência e de respeito pela liberdade do marido que lhe foram dados por um confessor franciscano, muda de confessor e *quer* a todo o preço forçar o Céu a obter tal conversão... cf. *VM*, 32. Mais curiosa **encenação do seu desejo**, neste caso de “posse” junto de si do seu confessor, está no colocar na boca do Santo... que lhe aparece, uma advertência crítica e que compelia o confessor: “...*Se podia tranquilo fazer a viagem ... ida e volta (...): disse [o Santo]: «Sim, ele há-de voltar, porque ele será um dos revoltados contra ti.» (O confessor supõe que o santo disse isso para provar M., pois ele nunca se revoltou contra ela.)*” (*VM*, 113) Várias “promessas” e “sinais” são anunciados para mais *comprometer* o confessor, fazendo-o participar de modo privilegiado daqueles acontecimentos extraordinários. Um exemplo ainda está em *VM*, 160 em que são postas na boca de Santo António várias críticas ao Pai espiritual que corresponderiam a desejos devotos, de uma obra de assistência, etc. de M. Complementarmente exprime o desejo que o Santo terá de “*que o confessor deve tratar de M. com a mesma amizade com que o faz S. António. De noite não deixou saudades para o confessor, mas agora deixou.*” (*VM*, 104). Cf. também *infra* n. 102: *VM*, 150...

²⁶ Frequente essa **oscilação extrema** entre o sentir-se **um “nada”** (*VM*, 100, 124...: *vide* citações no corpo do texto seguintes à n. 103): “*pobre pecadora sem valor nenhum*” (*VM*, 150); e, por outro lado, em ‘união mística’, um “tudo” divino, ou a “**eleita**” de Cristo (cf. *infra* n. 103) na salvação de muitos...: “*Via o Céu. Ao pé de Nosso Senhor estavam as almas, que ela [M.] salvou e reconheceu muitas caras. Só via muito claramente as caras, o resto perdia-se num brilho indescritível.*” (*VM*, 59)

²⁷ *Vide* ainda J.-P. ALBERT, *Le sang et le Ciel*, ed. cit., p. 65: “*En elle-même, la logique sacrificielle suffit à justifier une dépense détournant vers le Ciel des biens qui auraient pu faire l’objet d’une*

justamente daquele ponto de vista egocêntrico.²⁸ Outrossim, encontra-se um discurso *na passiva*, desresponsabilizante ou até infantil, num *quietismo* afinal tão só de superfície, que leva a que na aparente aceitação da vontade de Deus, sobretudo no tom de *resignação* ainda bem significativo, um desejo muito intenso de privilégio: a “eleita” do Senhor, a que se sente indigna mas ao mesmo tempo se revê nessa particular vocação *sua*, sobretudo na valorização projectiva e imaginária dos *méritos alcançados pelos seus sofrimentos*.²⁹

jouissance terrestre. (...) ainsi se justifie le plus souvent la souffrance volontaire des hommes par une pensée de la pénitence. (...) Le modèle de la justice appelle la souffrance réparatrice des coupables.” Em contraponto, cf. *Rom*, 8, 22. Cf. ainda nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, “Mística da Cruz – Transfiguração do sofrimento”, (texto integral), in: *Didaskalia*, XXXIV, (2004), pp. 57-88.

²⁸ Um dar a vida por... *Jo*, 15, 13: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos.” Cf. Jean-Luc MARION, *Étant donné, Essai d'une phénoménologie de la donation*, Paris, Puf, 1998, pp. 90 e segs.: «Se donner...». Todavia, há um certo «exibicionismo» dos **méritos** que M. afirma com certa ingenuidade, mas não menor ênfase. Em carta ao seu confessor (de 5.09.1956) diz: “**Meu querido Pai, nem calcula o bem que eu tenho feito nesta terra** [refere-se a Castelo Branco, onde nessa ocasião se encontra], **quando isto sou eu uma pobre pecadora sem valor nenhum, o que faria se viesse aqui o meu querido Pai, não ficaria um pecador por converter.**” (VM, 120) Expressa de seguida o seu desejo de “**morror mártir... pela santificação dos sacerdotes.**” (*Ibid.*) Escuta de Nossa Senhora a recomendação de se manter em estrita humildade: “**que ela deve sujeitar-se humildemente ao facto, quando se derem milagres, para os sacerdotes saberem que é obra de Deus.**” (VM, 151). Por isso, tem pejo de transmitir o que julga escutar a seu respeito: “**M. disse ao confessor que tinha vergonha de dizer as palavras, que Nossa Senhora disse, que se sentia muito indigna. As palavras de Nossa Senhora eram: «Bendita sejas, que pedes pelos pecadores e pela salvação do mundo.» «Bendita sejas, que ofereceste tudo a Jesus, e que nada guardaste para ti.» «Bendita sejas que trocas a terra pelo Céu e tens desejo dele.»**” (VM, 125) Nalguns casos este privilégio seu traduz-se em aspectos mais concretos e até em gestos como seja da sua mão (VM, 13: “...**Se vierem pessoas de pouca ou nenhuma Fé e M. lhes apertasse a mão e interiormente rezasse, Nosso Senhor não permitia que tais pessoas se perdessem.**”), do seu olhar (VM, 35: “...**que para estas [doenças físicas] bastar-me-ia olhar para os doentes para ficarem curados...**”) até do seu anel (VM, 69, 106 e 159) do seu quarto (cf. VM, 126)... Cf., ainda, notas seguintes e citações feitas após a n. 103 no corpo do texto.

²⁹ Nesta consciência de particular sofrimento e logo **identificação**, vai um dos paradigmas de casos análogos muitas vezes relatados até em expressões amorosas e de **união esponsal**, cf. VM, 101: “...**Ouviu de repente a Voz de Jesus: «Minha esposa!» Ela olhou e viu Jesus ao pé do altar. Jesus disse: «Pensa em Mim, Eu sempre pensarei em ti.(...)»**” (nesta fórmula de St^a. CATARINA DE SENA in: *Vita...* por Bt^o. Raimundo do Cápua, ed. cit., I, c. 10, p. 98...); ou em VM, 106: “...**Veio Jesus e consolou-a dizendo: «Minha esposa do Meu Coração, Eu estou sempre contigo» (...)** Nosso Senhor tomou o anel do dedo dela e meteu um momento no seu Dedo divino, repôs-lho no dedo de M. e disse que todos os que beijassem o anel, não morreriam em pecado mortal.” Há de costume nestas circunstâncias de intimidade ‘mística’ uma ainda imensa e privilegiada ternura com epítetos como: «Minha Querida», «Esposa Minha», «Minha filha,... Filhinha muito querida», «Minha dilecta»..., etc. Na linguagem de VM não é tão frequente, mas vide p. 49: “**«Sim, querida!» respondeu [o Santo]...**”; “**Jesus...: «Chamaste tanto por Mim, o que queres, meu amor?»** (VM, 119); etc. Bastará compulsar os relatos diarísticos desde St^a. Gemma a St^a. Faustina, ou de Benigna Consolata Ferrero a Luísa Piccarreta, entre muitos outros casos, para se encontrar este vocabulário também da especial eleição: “tu és a Minha preferida, a Secretária, a Esposa eleita...”, etc. Vide muitos elementos, por exemplo, nas anotações a Santa FAUSTINA KOWALSKA, *Diário*,

“Muitos pecadores convertem-se pelos méritos de M.”: De facto, foi o Santo quem lhe **“explicou que o sofrimento dela era necessário pela conversão dos pecadores e que todos os seus méritos iam para o seu confessor (...).”** (VM, 106) É nesta óptica oblativa que ainda se confirma, através do mesmo celeste intermediário, **“que ela [M.] ganhou mais almas com os seus sofrimentos, relacionados com a operação** [cirúrgica e dolorosa...; em Julho de 1957], **que em todo o tempo anterior.”** (VM, 156) Passa por isso a ser, de algum modo, *medianeira* de graças para os sacerdotes: **“Numa das visitas disse o Santo, que ninguém podia avaliar as Graças extraordinárias que Deus ligou ao facto de um padre dar a S. Comunhão a M., nem o próprio Pai espiritual [ou seja, o confessor] o avalia.”** (VM, 156)

O lugar de “eleição” reflectia-se já na escolha privilegiada do seu “lugar”, como templo ou pórtico desse vislumbre celeste. Já em Novembro de 1953 se documenta a visão da vinda de Jesus dizendo: **“que M. sempre abrisse portas para os bons e para os maus; quem entrava no seu quarto não iria para o inferno.”** (VM, 126)

Embora esteja sabida a miséria própria – **“eu [M.] não me posso julgar mais que um farrapo sem valor...”** (VM, 124); **“Eu sou uma pecadora, não podereis encontrar ninguém pior do que eu...”** (VM, 100) – efectivamente o que conta é a oblação praticada que confirma paradoxalmente na visão dos “esponsais” pelos anéis que Jesus renova. (VM, 159) Donde a oração que M. faz pedindo a salvação própria e dos pecadores: **“Ó Jesus, salvai todos os pecadores (...) Ofereço-me como vítima por todas as almas. (...) Uno as minhas súplicas às de todo o clero (...), para que levanteis a maldição que cai sobre as nossas cabeças.”** (VM, 101)

7 – Oblação vitimal e temor do Castigo final

É de notar, neste caso, aliás como noutros deste caminho de denegação e de aparente oferecimento para reparação dos pecados do mundo, vítimas em e com Cristo, para tal redenção expiatória, que a linguagem do amor, da gratuidade ou até da misericórdia são substituídas pela do dever e da punição, do medo do castigo divino, do horror à Sua

A Misericórdia Divina na minha alma, trad. do polaco P. Estanislau Szymanski, M.I.C. e ver. Carlos H. do C. Silva, Fátima, ed. Marianos da Imac^a. Conceição, 2003², §§ 111, 1056, 1061 (“...pérola querida do Meu Coração”), 1193 (“Minha dilecta”)...

ira.³⁰ Por outro lado, que, se se está muito longe da liberdade de espírito daquela mensagem de oblação ao Amor misericordioso e em que se chegou a afirmar o tudo ser *graça*, se faz da *vítima* à Justiça ou aos decretos divinos uma ligação sem dúvida eficaz.³¹

Escutemos alguns passos: “...*Veio Jesus e ficou muito tempo. Jesus falou sobre os castigos do mundo por causa de tantos e tantos pecados. M. chorou muito. Jesus disse: «De boa vontade Eu queria perdoar ao mundo, mas os pecados são tantos que sem castigos não se muda o mundo. As almas verdadeiramente amigas, tenho-as seguras na minha Mão.» Jesus mostrou-lhe a sua Mão fechada e disse: «A minha Mão é pequena.» (Querida Jesus dizer que o número dos verdadeiros amigos é pequeno? - Nota do confessor).»* (VM, 120) Também “*na noite entre 12 e 13 de Maio, veio Nossa Senhora ao quarto e mostrou-se muito satisfeita, mas falou muito séria acerca da guerra a vir e dos castigos de Deus sobre o mundo.*” (VM, 113) E, veja-se ainda, VM, 125: “*Nossa Senhora também disse que, com*

³⁰ É o ‘Castigo’: “*Mais uma vez disse Jesus que era «impossível levantar...(?) (M. já não se lembrou qual a palavra que Nosso Senhor empregou, mas queria dizer, que era impossível por mais tempo deixar o mundo existir por causa dos pecados.)»* (VM, 43) Também VM, 159: “*O santo falou sobre os castigos de Deus e disse que aquele globo de fogo, que foi visto na Holanda, de que falaram os jornais, era instrumento de castigo de Deus; onde cai, queima tudo. Em todo o caso o castigo vem, quer pelo fogo, que cai do céu, quer pelo que os homens ateiam.*” [final de Janeiro de 1958; é frequente a queda ou o avistamento de meteoros e “esferas de fogo” nos céus da Holanda: cf. “De Nederlandse Meteoriten” < <http://home.planet.nl/~dmsweb/index.html/> > (Dutch Meteor Society); e “Meteor shower and fireballs reports” < <http://home.wanadoo.nl/marco.langbroeck/meteor.html/> >] Anunciava-se também “*«Os três dias de trevas...» que em 1960 tudo vai ser arrasado por castigo dos pecados. (Como já disse acima, este castigo não veio, por causa da penitência que M. fez. Nota do confessor).*” (VM, 153) Não se exclui, entretanto, uma nota *profética* (ou até de sincronicidade) como é caso VM, 106 a propósito de uma calamidade ocorrida em 1 de Fevereiro de 1953 (nos Países Baixos e nas costas de Inglaterra, com tremendas inundações): “*Na noite de 31 de Janeiro para 1 de Fevereiro de 1953 mandou S. António M. rezar e, se fosse possível, de joelhos, por aqueles a quem esta noite estava [para acontecer] uma grande calamidade <...>, para que não caíssem em desespero e que não perdessem a paz de Deus. (...)* (Nesta noite deu-se uma grande calamidade terrível: Holanda, Inglaterra e a Bélgica foram assoladas pela invasão do mar, rompendo diques enormes, o que custou alguns milhares de vidas humanas. Talvez seja esta a maior calamidade da história do mar. [Nota do confessor]).” Cf. notícia histórica em : < http://www.linternaute.com/histoire/pays/evenement/36901/1/a/47653/inondations_monstres_aux_pays-bas.shtml >

³¹ É o que ainda refere Santa TERESA DO MENINO JESUS, «Carnet jaune », 5.6.3, em : *Derniers entretiens*, in : «*Œuvres complètes*», ed. cit., p. 221: «*Toute est grâce*». Porém, recorde-se o Ms A 84^r (in: ed. cit., pp. 270-271): “*Je pensais aux ames qui s’offrent comme victimes à la Justice de Dieu afin de détourner et d’attirer sur elles les châtements réservés aux coupables, cette offrande me semblait grande et généreuse, mais j’étais loin de me sentir portée à la faire. (...) Votre Amour Miséricordieux n’en a-t-il pas besoin lui aussi ?... De toutes parts il est méconnu, rejeté (...). O mon Jésus ! que ce soit moi cette heureuse victime, consommez votre holocauste par le feu de votre Divin Amour !...*”. Cf. *supra* n. 87.

respeito ao que há tempos afirmara S. António do fim do mundo, já não seria assim, pois que Jesus, pelos sacrifícios e orações de tantas almas boas, já o modificou, mas que viriam grandes castigos sobre a terra na mesma e que deveria haver muitos exemplos, quer dizer, que deviam acontecer muitas coisas terríveis, que serviriam como avisos e exemplos para o povo. (...).”

Referia-se esta última predição, ao que um ano antes, havia sido um outro aviso: “...disse S. António a M. o que espera o mundo antes de vir o fim. Dentro de alguns anos virão guerras e terríveis perseguições. A Igreja e os sacerdotes terão muito que sofrer. Principalmente também as crianças. Deus castigará o mundo terrivelmente: todos os poços secarão de tal forma que já não haverá água para matar a sede. Virá muita fome. Durante alguns dias reinará absoluta escuridão, que por nenhuma luz pode ser vencida.” (VM, 100) Mais tarde observa que “Jesus também disse que os castigos aos que fazem mal, não são propriamente castigos, mas sim um acto do seu Amor, para voltarem ao Amor de Deus.” (VM, 132)

Em meados da década de cinquenta esta narrativa acentua por várias vezes a iminência de uma terrível guerra (VM, 137: «**Haverá nova guerra...**»; VM, 138: «**Os horrores da guerra futura**»;...), um castigo a exigir, pois, muita reparação, e reitera justamente este *topos* da purificação do mundo pela Ira de Deus, no tal período de trevas: “*falou dos três dias de trevas que vêm, e que na casa da M. haverá luz...*” (VM, 153)

8 – Projecção psíquica e estados alterados de consciência

Quer isto dizer que, pelo facto de algo ser ilusório e projectivo de um psiquismo limitado, pela circunstância de haver tal leitura crédula (*potenciada* até pelos medos das consequências de um castigo ou de dano em penas do inferno),³² ou ainda por se exercitar deste modo

³² Em toda esta tradição está presente essa *catequese do medo* das “penas infernais”, ao modo do que estudou: Jean DELUMEAU, *Le péché et la peur, La culpabilisation en Occident (XIII^e-XVIII^e siècles)*, Paris, Fayard, 1983, pp. 315 *et passim*; vide também a reflexão de Marc ORAISON, *La culpabilité*, Paris, Seuil, 1974, pp. 50 e segs. A visionária em causa refere-se a esses avisos (“ameaças”) celestes, pre-anúncios de guerras e castigos, ou até da visão do inferno, dos “sofrimentos” do **Purgatório**, etc. Vejam-se dois ou três exemplos: “*Na noite de 12 para 13 de Fevereiro de 1953, viu M. o Purgatório. O Santo... estava com ela, quando esta tinha a seguinte visão: Viu um abismo profundo; a parte mais funda, apesar de que lá <ardia> [ardesse] fogo, era totalmente escura. Lá estavam as almas mais abandonadas, como explicou S. António.*” (VM, 107) Cf. *infra* n. 144. Desde as descrições de DANTE, *Divina Commedia, Purgat.*, passando por St^a. CATARINA DE GÉNOVA,

tal complexa *encenação* de uma mente que expressa uma base psíquica e até orgânica doentia, nem por isso se deixa de poder constatar a eficácia e os resultados “religiosos” de tal *ligação*.³³

Um dos aspectos mais interessantes desta *resultante* prática visionária é a sua possível análise em termos simétricos ao da percepção visual vulgar, ou seja, visão na qual é o termo visível a determinar o vidente e não a *ser visto*. Como se se dissesse que a ‘lógica’ visionária será a de ser habitado por “olhos” que provenham da “entidade” vista, e não de visões produzidas por um sujeito. Em tal avesso psicológico a *luminosidade* não é tanto o objecto do *ver*, mas aquilo que “vê em nós”, como num ‘idealismo mágico’ (Hamann), ou na descrição deixada pelo poema mediúnico “A múmia” de F. Pessoa em que são inclusivamente os objectos a ‘olharem-nos, apesar de não terem olhos’ para observar. A *visão* não é de todo um olhar perceptivo, uma visada observativa, mas o meio passivo, o aparente efeito que permite a *causalidade reflexiva* da lucidez sobre si própria, um ‘*escopema*’ cuja imagem se impõe, ainda um pouco como se diria na metáfora do espelho.³⁴

De purgatorio (aliás com a valorização de ‘lugar’ de extremo amor e sofrimento respectivo só pela “ânsia de Deus”...), Mme. GUYON, *Traité du Purgatoire* (1712), e Ir.^a Marie-Anne LINDMAYR (carmelita descalça do séc. XVIII), *Mein Verkehr mit Armen Seelen*, Friburg, ed. Christiana, 1974), chegando até à contemporaneidade de visões como as da polaca St.^a FAUSTINA KOWALSKA, *Diário*, ed. cit. e §§ 20; 1226-1227; 1738..., da italiana Natuzza Evolo, da austríaca Maria Simma, (1915-2004), (vide S. EMMANUEL DE MEDJUGORJE, *The Amazing Secret of the Souls in Purgatory - Maria Simma*, Goleta (Califórnia), Queenship, 1997), entre muitas outras, o *imaginário* do Purgatório conhece esta predominante tendência para o *depressivo* ou *lúgubre*... Cf. Jacques le GOFF, *La naissance du Purgatoire*, Paris, Gallimard, 1981, pp. 466 e segs. ; Guillaume CUCHET, *Le crépuscule du purgatoire*, Paris, A. Colin, 2005, pp. 96 e segs. e pp. 145 e segs.

³³ O misto de *doença* (também “*psíquica*”) e de “estados alterados de consciência” é relevante nestas situações. Cf. Jean LHERMITTE, *Mystiques et faux mystiques*, ed. cit., pp. 131 e segs.: «Hystérie fabulante et mythomanie»; também *Ibid.*, pp. 165 e segs.: «L’automatisme mental source de déviations morbides»... O assunto tem sido estudado, ainda recentemente, pela investigação psiquiátrica, mas também das bases psico-fisiológicas do psiquismo em geral e da mística em particular: cf. Eugene d’AQUILI e Andrew B. NEWBERG, *The Mystical Mind, Probing the Biology of Religious Experience*, Minneapolis, Fortress Pr., 1999, etc. Têm particular importância os estudos endocrinológicos e neurofisiológicos presentes, sobretudo no que se refere à serotonina e melanina seu equilíbrio ou grave alteração no caso das experiências místicas, vide Aimé MICHEL, *Métanoia*, ed. cit., pp. 205 e segs.

³⁴ Cf. J. Georg HAMANN, *Aesthetica in nuce*, ed. Stuttgart, Philipp Reclam V., 1998 pp. 103 e segs.; F. PESSOA, “A múmia”, em «Cancioneiro», in: M.^a Aliete Galhoz, (ed.), *F.P., Obra Poética*, Rio de Janeiro, Aguilar ed., 1972, pp. 131-134. Vide *infra* n. 149. As formas puras das “matérias” visíveis é que constroem o órgão e a faculdade óptica... lembrando tal *visionarismo* o tema clássico do *diáphanos*, cf. Anca VASILIU, *Du diaphane, Image, milieu, lumière dans la pensée antique et médiévale*, Paris, Vrin, 1997, pp. 23 e segs., bem assim as posições de Goethe e Steiner sobre tal *vidência*: cf. Arthur ZAJONC, *Catching the Light, The Entwined History of Light and Mind*, N.Y./Oxford, Oxf. Univ. Pr., 1993, pp. 188 e segs.: «Seeing Light – Ensoulng Science: Goethe and Steiner». Noutra perspectiva, cf. Jean LHERMITTE, “Origine et mécanisme des Hallucinations”,

Apesar das dúvidas de M. quanto à etiologia da luz extraordinária que depois lhe abria essas visões, ela observa este carácter autónomo da claridade que, entretanto acompanha e é como detonada pela sua entrada em oração. “... *Cerca de dois meses antes da primeira aparição (de Santa Teresinha)* [por conseguinte desde Agosto de 1949] *começou aquela luz milagrosa no seu quarto. M. pensava primeiro que vinha de fora, que era um fenómeno do céu estrelado, ou mesmo que era obra do demónio. Mas, na medida em que ela se entregava mais à oração, durava a luz mais tempo.*” (VM, 26) Aliás, a primeira vez que viu tal luz extraordinária “*aproximou-se da janela para ver se vinha de fora; mas, não, lá fora estava tudo escuro, a luz só brilhava no quarto.*” (VM, 2)

É neste sentido que se deve retomar o sentido mais completo e diorático da *projecção* que neste campo *visionário* se faz constituindo o meio “ideoplástico” para a configuração desejada, – como acontece com o caso de M. – forçando, por assim dizer, as intermitências espirituais a uma continuidade assim requerida psicologicamente.

O “querer muito”, e *muito mesmo*, uma coisa, o fanatismo mental ou até a obsessão psíquica, e ainda tal fundo doentio, feito de estados patéticos de hipersensibilidade e mesmo de tendências históricas³⁵ (ou

in: *Études carmélitaines* (1933), pp. 109-132. No caso dos **fenómenos dioráticos** em causa associa-se um *intento*, uma forte *tensão* ou desejo de olhar, melhor de fazer ver... até quando se contraria em olhar: cf. VM, 71: “*Como M. olhava com toda a atenção, Santo António repreendeu-a porque a sua atenção era misturada com curiosidade. Ela então baixou os olhos e seguiu a S. Missa com os olhos baixos.*” - é ainda esta atitude, de algum modo do âmbito *voyeur*, e por isso limitativa, que melhor pode assinalar um quadro psicótico ou de histeria como já ponderado acima, n. anterior. A noção de “escopema”, como imagem *visual-videncial* significativa é estudada em Elisabeth LABORDE-NOTTALE, *La voyance et l'inconscient*, Paris, Seuil, 1990, pp. 115-136; saliente-se o quadro do inconsciente nesta “percepção” *sui generis*. Vide ainda *infra* n. 22 e tenha-se presente desde Freud a Jacques LACAN, “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique” (1949) reed. in. Id., *Écrits - I*, Paris, Seuil, 1966, pp. 89-97; e Id., *Le Séminaire de J.L.*, (Livre XVI: «D'un autre à l'Autre» (1968-1969)) ed. Jacques-Alain Miller, Paris, Seuil, 2006, pp. 279 e segs.: «Dedans dehors», aquela espécie de anamorfose que Jacques J. ROZENBERG, *Philosophie et folie*, ed. cit., pp. 65 e segs (“Métaphysique et hallucination”) também analisa no discurso epistémico “óptico” e ontológico.

³⁵ Há uma forte relação entre o *visionarismo* e os fenómenos de *dissociação* (cf. Stephen E. BRAUDE, *First Person Plural, - Multiple Personality and the Philosophy of Mind*, London, Rowman & Littlefield Publ., 1995 reed.; Adam CRABTREE, *Multiple Man*, ed. cit., pp. 180 e segs.; Morton KLASS, *Mind over Mind, The Anthropology and Psychology of Spirit Possession*, Lanham/ Boulder/ N.Y., Rowman & Littlefield, 2003, pp. 79 e segs.: «Consciousness and Dissociation: Paradigms Lost»...) ou que também sob a designação e quadro ‘histérico’ se costumam elencar. *Psicose dissociativa catatónica* poderá ser uma designação mais recente para classificar esse fundo psíquico de casos de hipersensibilidade como os que estão em causa. Porém, além do síndrome de Tourette (de espasmos e movimentos descordenados, acompanhados de sons ou restos de frases...), podem

inclusive de epilepsia, já que certas perturbações numa sua filha poderiam ainda levar a uma tal conjectura por hereditariedade)³⁶ – tudo isso, sobretudo quando associado a um sofrimento físico bastante acentuado, acaba por produzir *estados alterados de consciência*, e resultados “mágicos” como os que são descritos neste caso.³⁷

Repare-se, por exemplo, no episódio de 15 de Agosto de 1954, narrado a propósito de uma contrariedade logo ‘misticamente’ superada:

encontrar-se confusões mnésicas ao modo do que descreve Alexandre LURIA, *L'homme dont le monde volait en éclats*, trad. do russo, Paris, Seuil, 1994. Qualquer, porém, que seja a precisa sintomatologia o quadro visionário vem muitas vezes acompanhado por tal *ideoplastia* característica (cf. P. LEBIEDZINSKI, *L'idéoplastie comme hypothèse directrice des études métapsychiques*, Paris, PUF, 1924...) Vide ainda Israel ROSENFELD, *The Strange, Familiar and Forgotten, Na Anatomy of Consciousness*, ed. cit., pp. 7 e segs.; Charles T. TART, “Transpersonal Realities or Neurophysiological Illusions? Toward an Empirically Testable Dualism”, in: R. S. VALLE e R von ECKARTSBERG, (eds.), *The Metaphors of Consciousness*, ed. cit., pp. 199-222.

³⁶ Diz a narrativa: “*A criança tinha aparentemente dores horríveis de cabeça e volvia os olhos duma maneira muito estranha: Sintomas de meningite (?)*. M., como mãe, ajoelhou-se, rezou a Nossa Senhora e, no dia seguinte, estava a pequena completamente curada.” (VM, 8) A sintomatologia é vaga e a causa poderia ser outra.

³⁷ A noção de “*estados alterados de consciência*”, embora vaga, tem sido modernamente usada para referir fenômenos paranormais induzidos ou sofridos e que estão fora das explicações habituais. Referem-se estados de hipnose, de transe, de êxtase... bem como a análise de *telepatia*, *telequinese*, etc. Cf. E. BOURGUIGNON, “Introduction: A framework for the comparative study of altered states of consciousness”, in: Id., (ed.), *Religion, and Altered States of Consciousness and Social Change*, Ohio, State Univ., 1973, pp. 3-38; Georges LAPASSADE, *Les états modifiés de conscience*, Paris, PUF, 1987, pp. 9 e segs.; e, Celia GREEN e Charles MCCREERY, *Apparitions*, ed. cit., pp. 204 e segs.: «Apparitions and Psychokinesis». Quanto à narrativa em causa, faça-se notar que M. refere uma experiência de *levitação* (embora só assim descrita pela própria): “*M. sentia-se levantar da cama e ficou suspensa no ar em posição horizontal com os braços estendidos. Sentiu logo uma dor muito aguda no lado esquerdo e, depois, nas palmas das mãos e nos pés...*” (VM, 38). Ainda no caso presente interessariam sobretudo os *estados de transe e de indução mística*. Do primeiro exemplifica-se, entre outros, no seguinte passo: “*...que pelo fim da agonia, quando M. ainda estava em estado de «coma», de repente abriu os olhos, se sentou [a] direito na cama, e com um sorriso indescritível na cara e um brilho profundo nos olhos, estende a mão sobre os que estavam presentes, a seguir fechou os olhos, caiu para trás no mesmo estado de «coma». Um pouco depois ergueu-se outra vez com uma expressão lindíssima na cara e nos olhos, mas duma maneira diferente da primeira vez, e agora deu a bênção a todas as pessoas presentes, fazendo uma cruz, tal como um sacerdote quando dá a bênção.*” (VM, 72-73) Note-se que o confessor refere esse estado alterado de *transe* como «coma» e que, noutro passo, a diz “*inconsciente*” (na “agonia” de Sexta Feira Santa) (VM, 109); noutro caso ainda refere um estado confusional: “*...quando o confessor quis dar-lhe a S. Comunhão, não quis comungar, dizendo que estava em pecado mortal, porque desapareceu a S. Relíquia. Ela estava desvariada naquele momento. (...) M. ficou todo o dia numa espécie de agonia, já não se lembrando que foi o seu confessor que levou a S. Relíquia.*” (VM, 131-132; manteve-se a nomenclatura). Cf. ainda Abdelhafid CHLYEH, “L’induction de la transe dans le rite de possession et dans l’exorcisme”, in: D. MICHAUX, (dir.), *La transe et l’hypnose*, Paris, Imago, 1995, pp. 61-77; também: Edouard COLLOT, “Les états non ordinaires de conscience et l’hypnose”, in: *Ibid.*, pp. 137-163; e *vide infra* n. 167; ainda Stephen LABERGE, “Learning Lucid Dream”, in: Roger WALSH e Francês VAUGHAN, (eds.), *Paths Beyond Ego, The Transpersonal Vision*, N.Y., Putnam’s Sons, 1993, pp. 78 e segs.

“O confessor tinha deixado o Santíssimo fechado no Sacrário. Na véspera M. chorou por não ter o Santíssimo exposto. Naquele momento Nosso Senhor mostrou-se visível aos seus olhos dentro da Hóstia Consagrada, com a porta do sacrário fechada.” (VM, 137)

Deve, entretanto, notar-se que se trata de *fenómenos visionários*,³⁸ também de *audição* “mística” (em que ela ‘ouve vozes’,³⁹ ou ‘vê letras’ precipitadas, como que num ecrã que é a parede),⁴⁰

³⁸ Sobre as *visões* cf. Roland MAISONNEUVE, *L'oeil visionnaire, L'univers Symbolique des Voyants Chrétiens*, Saint-Vincent-sur-Jabron, Présence, 1992, pp. 57 e segs.: «Le kaléidoscope visionnaire»; vide Mariette CANÉVET, art. «Sens spirituels», in: *Diction. de Spirit.*, t. 15, cols. 598-617; reed. M.CANÉVEET, P. ADNÈS, W. YEOMANS, A. DERVILLE, *Les sens spirituels*, Paris, Beauchesne, 1993, pp. 3-41 e lembrando sempre Auguste POULAIN, S.J., *Des grâces d'oraison*, ed. cit., IV, caps. 20-23. Ainda nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, “Aparições e experiências místicas – Reflexão sobre o fenómeno de Fátima e contributo para uma sua renovada meditação espiritual”, in: Várs. Aut., *Fenomenologia e Teologia das Aparições*, («Actas do Congresso Internacional de Fátima», 9-12 Outubro de 1997), Fátima, ed. do Santuário de Fátima, 1998, pp. 353- 393. A descrição que é narrada no caso em referência não é muito pormenorizada, no entanto, dá a perceber um mecanismo *projectivo* aí presente. Por vezes a visão integra outras percepções não só dos sentidos externos já referidos, mas uma sensação, por exemplo, de **calor muito intenso** ou febril – ainda a transmitir pelo olhar: “*Jesus comunicou-lhe um calor abrasante que abrasava a sua cara e o seu íntimo. Jesus disse que ela fixasse com os seus olhos todas as pessoas, que viessem ao pé dela, para lhes comunicar o fogo do amor de Jesus.*” (VM, 106), – também de hiperestesia ou de dor, e até de efusão de lágrimas e tristeza, etc.

³⁹ Como se costuma ironizar quando se diz que “se se fala com Deus, tudo bem, todavia, se se ouvem ‘vozes’, suspeita-se de esquizofrenia” ou tal dissociação da personalidade... cf. VM, 90, 103... Nesta narrativa são variadas essas comunicações; por vezes de *vozes* que M. não consegue identificar: “...*Na noite de 31 de Março para 1 de Abril [1950] veio uma luz muito forte e ouviu um grande sino a tocar e um pouco depois apareceu uma nuvem, de que saíam dois braços com mangas brancas, que nos pulsos eram duma renda muito fina, tecida com fios de ouro. Soou uma voz, uma voz muito forte de dentro da nuvem, calma mas muito forte, que lhe dizia várias coisas. (...) Lá [na Capela do Seminário] lhe seria revelado, quem lhe falou da nuvem.*”; outros casos: “*Mas ouviram então a voz de uma pessoa invisível a dizer-lhes: «Não chorem, porque ela sofre por amor de Jesus e pela conversão dos pecadores.*” (VM, 130); “*Dois vezes ouviu aquela voz misteriosa, que lhe pedia que fizesse uma cruz de espinhos (...). M. não conhecia aquela voz, não sabia se vinha de Jesus ou do poder das trevas.*” (VM, 143) Noutros casos, apenas a mística percepção de ruídos, cânticos... ou até de lamentos: vide por exemplo, VM, 153: “...*ouviu M. alguém a chorar na capelinha, sem ver ninguém. Era um choro muito forte com soluços.*” Cf., entre outros, Henri GRIVOIS, “La coordination incitative, une hypothèse clinique sur la naissance de la psychose», in: *Ethnopsy*, nº 1: «*Actualité de la schizophrénie*» (Paris, Synthélabo), (2000), pp. 77 e segs. Vide *infra* ns. 117 e 164-166.

⁴⁰ Trata-se de um modelo de *visão* a ser lida, não no sentido da *escrita automática* de que fala Vassula RYDEN, (em: *A Verdadeira Vida em Deus, Encontros com Jesus*, vol. I, trad. port. Fraternidade Missionária de Cristo-Jovem, Vila Nova de Famalicão, ed. Boa Nova, 1992, pp. 36 e segs.: «Anexo nº 1: *Interpretação grafológica da caligrafia de Vassula a cargo de J. A. Munier, Conselh. Grafólogo perito de 1ª. instância de Paris*»); e que é bem conhecida de vivências mediúnicas (caso documentado de F. Pessoa...). No caso em questão *as letras projectam-se na parede*: VM, 2: “...*além da luz, vinham também letras na parede, que lhe anunciavam a primeira visita do Céu.*”; também sob a forma de “*um quadro com os seguintes dizeres: «Fé na Santíssima Face (...).»*” (VM, 5) Mais tarde, surgidas as locuções directas (cf. VM, 9), esta comunicação pela grafia

depois acompanhados de movimentos telequinésicos extrínsecos,⁴¹ ora lidos como sendo do céu,⁴² ora de moções infernais,⁴³ e também incorporados sofrimentos (sobretudo no calendário das sextas-feiras da Paixão) em que lhe aparecem os típicos dolorosos sinais: coroa de

torna-se subsidiária; porém o mecanismo da sua leitura é explicado pelo confessor, segundo esclarecimento da própria, do seguinte modo: "...*O texto vinha frase por frase e, depois de M. ter tomado nota duma, apagava-se e vinha outra.*" (VM, 10). Noutro caso é M. quem distingue entre a letra "tipográfica" de comunicações de certas entidades e do cursivo de Nossa Senhora: cf. *supra* n. 3. A partir de Abril de 1954 refere a narrativa que se suspendem as comunicações orais: "*Jesus anuncia a última vez que fala com M.*" (VM, 133); também "*S. António disse que ia deixar de lhe falar.*" (VM, 135) Perante esta evolução da **comunicação visionária**, surge a linguagem de gestos: "*M. perguntou-lhe [ao Santo] já que não falava, e podia responder com sinais? (...) [O Santo] deu sinal (...).*" (VM, 136) – e nesta visionária comunicação retorna-se ainda às letras escritas pelo Santo: "*O santo escreveu com o seu dedo da mão esquerda na parede em letras luminosas, sem virar a cara para a parede (...).*" (VM, 136) Compare-se com outras visões gráficas das frases em "quadros", etc. Sobretudo com a visão da Ir^a. Lúcia em Tuy em 13.06.1929, sobre o Imaculado Coração de Maria e em que vê "*umas letras grandes, como se fossem de água cristalina que corresse para cima do Altar, formavam estas palavras: «Graça e Misericórdia».*" (Ir^a. LÚCIA, *Memórias*, Apêndice II, ed. cit., p. 197) Porém, acrescente-se ainda que, paradoxalmente, mais tarde o Santo "*torna a falar*" (VM, 139).

⁴¹ Como, por exemplo, na Igreja das Mercês, em Lisboa: "[M., sua mãe e sobrinha...] *queriam comungar mas nem uma nem outra tinha [levado] livro de orações. (...) Não estava ninguém na igreja. De repente do alto da abóbada da igreja veio a cair um folheto até aos pés de M. A folha continha orações para antes e depois da Comunhão. Quando ela contou isto ao confessor, tinha ainda aquela folha guardada.*" (VM, 65). Noutro caso, diverso: "*Veio Jesus mas não falou. As flores abanavam muito no canto onde Jesus apareceu. Várias pessoas viram moverem-se as flores, também o Prior... Mais tarde explicou o Santo..., que foi a nuvem branca, em que Jesus veio, que fazia as flores abanar.*" (VM, 127) Também haveria que registar o aparecimento e o desaparecimento de objectos (caso da *chave*, cf. *infra* n. 173 e VM, 88 e 93) e também a "ocultação" do *sanguíneo* (com a "gota do Sangue": VM, 88) finalmente encontrado: "*S. António... mostrou-se zangado, por não ter havido o cuidado necessário em procurar o Sanguíneo com a Gota do Prec. Sangue. Ele próprio <mostrou> [havia mostrado] a M. qual era o Sanguíneo e ordenou que o confessor o guardasse. (O Sanguíneo estava na gaveta da roupa branca do altar, no quarto anexo, e estava dobrado. Quando o abriu, viu então o confessor o vestígio duma Gota de Sangue; levou-o e guarda-o num relicário de prata no seu quarto.)*" (VM, 88)

⁴² Cf. *infra* n. 148. Está implícito todo o catecismo dos *Novísimos*, discriminando-se estados *celestes*, *purgatórios* (VM, 107, n. 144) e *infernais*... (VM, 32; n. 154); também em *revelações do Céu*: "...*mais algumas coisas do Céu, que S. António lhe tinha contado: Que no Céu não havia discriminação de raças, nem havia aleijados, sendo todos um no amor. Que alguns beatos, que trabalharam na salvação de almas, ainda continuavam a sua missão e às vezes apareciam na terra (...).*" (VM, 111); ainda VM, 129...

⁴³ Exemplifique-se com **ruídos**, estrondos, etc. que são lidos desse modo: cf. VM, 92: "*Nas últimas três semanas está o demónio muito zangado, bate muito nas portas e nas janelas e não deixa ninguém descansar de noite. Quando vem o Santo... há sossego, mas antes e depois da visita do Santo continua o demónio a fazer muito barulho.*" Também por pseudo-aparições: "*Antes e depois da aparição de Nossa Senhora veio o demónio fazer muito barulho. Principalmente entre 2 e 3 horas, a hora de oração pelos sacerdotes, tenta ele perturbar M. na sua oração. Depois da aparição de Nossa Senhora veio o demónio dizer à janela que aquela aparição não era de Nossa Senhora mas sim do demónio.*" (VM, 93) Ainda por figurações de susto, etc. *vide infra* ns. 158, 159...

espinhos na cabeça,⁴⁴ as marcas da flagelação, os cinco estigmas,⁴⁵ outras marcas na pele ou mesmo sangramentos pela boca, etc.⁴⁶

A visão soleniza alguns destes sinais da configuração com Cristo, embora com pormenores visuais (e de tendência para um certo

⁴⁴ Vem associada a imposição da **coroa de espinhos** com a primeira vez em que recebe a estigmatização: cf. VM, 38: “Noite de 2 para 3 de Agosto [1950]. À 1,15h veio S. António e perguntou a M. se se queria entregar toda ao Sagrado Coração de Jesus. Ela disse que sim. Se ela queria sofrer mais ainda? «Tudo o que Jesus quiser» disse M. «Então, váis sofrer.» Depois M. sentia-se levantar da cama e ficou suspensa no ar em posição horizontal com os braços estendidos. Sentiu logo uma dor muito aguda no lado esquerdo e, depois, nas palmas das mãos e nos pés, como se cravos trespassassem mãos e pés e sentiu picos em volta da cabeça e muitas picadas em todo o corpo. (...) Depois dum bocado, sentiu tirar os cravos das mãos e dos pés e desapareceram também as dores da cabeça, mas a dor do lado ficou (...)” – note-se o que se sublinhou a recto. Vide também extracto de VM, 53, no corpo do texto de seguida. Note-se a celebração angélica de tal coroação “triumfal” como mártir: vide VM, 57: “...Gotas enormes de sangue <coalhado> [coagulado] <perilizavam-lhe> [perlavam-lhe] a sua frente, por causa da coroação de espinhos. (...) M. contou ao seu confessor que na noite passada [1-2 de Fevereiro de 1951], foi coroada com a coroa de espinhos dos mártires, que tinha espinhos muito maiores. Até agora tinha sido coroada com a coroa de espinhos das virgens, que consiste em espinhos mais finos e que tem rosas. Aquela dos mártires tem só espinhos. (...)”; e como se antecipada auréola celeste (cf. VM, 111: “...Veio S. António e disse-lhe que no Céu a esperava uma coroa de rosas. M. disse: «Não aceito.» (...) «O que queres ter no Céu?» «A coroa de espinhos e estar aos pés de Jesus.» (...)”) Há aqui um exacto paralelo com uma palavra de Stª. CATARINA DE SENA, em *Vita...* pelo Btº. Raimundo de Cápuia, II, c. 5, (trad. franc., Paris, Téqui, 1904, p. 165) sobre a ‘escolha entre duas coroas: a de espinhos e a da vida eterna ou da glória...’. Note-se, ainda, em VM, 53, a referência à ‘oração dos serraninhos’ (os Pastorinhos), ou seja, à “oração do Anjo” em Fátima: “*Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.* (...)” (in: Iª. LÚCIA, *Memórias*, ed. P. L. Kondor, SVD, Fátima, Secretariado dos Pastorinhos, 2000⁸, pp. 156-157) Vide, entre outras descrições: VM, 60: “*O seu Anjo da Guarda pôs-lhe na cabeça uma coroa de espinhos muito grandes, mas com menos espinhos do que das outras vezes. As suas mãos foram cravadas na cruz mas com as palmas contra a madeira (...). Mais tarde veio Jesus...que lhe tirou a coroa de espinhos.*” Cf. *infra* n. 130.

⁴⁵ São variadas as menções os **estigmas**: Vide, por exemplo, VM, 44: “*Durante a semana de 4 para 10 de Setembro teve M., como contou ao confessor, só visita de noite da 5ª para 6ª feira (7-8 de Setembro): veio S. António e depois Nosso Senhor. Os estigmas e os sofrimentos foram muito intensos. Os estigmas sangravam muito e M. desmaiou. Quando voltou a si viu, <à> [para] sua grande admiração, ligaduras nas palmas das mãos e nos pés no sítio dos estigmas. Tinha três ligaduras e meia em casa; só a metade duma ligadura foi usada, o que, humanamente falando, era insuficiente para ligar mãos e pés.*” Cf. *supra* n. 13, e *infra* ns. 128, 129.

⁴⁶ Não se trata de hemoptises de um quadro de tuberculose pulmonar, como se poderia julgar (até pela predição desse sofrimento: “*infecção num pulmão*”, porém não contagiosa..., em Julho de 1950; cf. VM, 33-34), mas de acordo com a narrativa, provavelmente de tumor (?) no tubo digestivo. Em esforço, a caminho de Fátima, verte por várias vezes vômitos ensanguentados (VM, 96, n. 123...) e no *transe* das Agonias acontecem esses escorrimentos pela boca, aliás numa sintomatologia que não confere, neste aspecto, com o mimetismo dos sofrimentos da Paixão. Mas qualquer que seja a etiologia deste **sangramento pela boca**, quiçá até também proveniente da língua, ou gengivas, etc. aquando de tal *páthos* violento, é importante como fonte de sangue, que se associa às outras chagas. Cf. VM, 84: “... *durante a sua agonia viu coisas terríveis. Muitas vezes saíam grandes golfadas de sangue da boca.*” Foi M. operada, por fim, a um adiantado tumor maligno do útero provavelmente com metástases disseminadas. Veio M. a morrer cerca de um ano após, depois de vários tratamentos de raios X, em Junho de 1958.

voyeurisme...) que parecem ‘composição’ de um lugar híbrido de associações místicas, como acontece, por exemplo, com a imposição da coroa de espinhos, ligada a intervenção angélica e também ao eco de Fátima. Note-se a descrição relativa à noite de 7 para 8 de Dezembro de 1950: “...*que M. se preparasse para receber a coroa de espinhos, perguntando-lhe [o Santo] se queria ver quem lha punha? M. disse que sim. Viu uma nuvem que lhe dava a impressão de ir formando uma figura alta, bonita, com um rosto redondo, que, ao mesmo tempo, parecia o rosto de uma criança. Trazia na mão a coroa de espinhos, foi-se aproximando dela sem fazer movimento com os pés, dando talvez a impressão que era trazido pela nuvem. Sorriu-se e colocou a coroa na cabeça de M. Ela desmaiou e, quando deu por si, continuava ao seu lado direito o seu Padrinho e, ao lado esquerdo, aquela linda figura, toda de branco. Então, tirou a coroa da cabeça de M. e, sempre sorrindo, começou a retirar-se, pedindo-lhe que continuasse a rezar sempre a oração dos serraninhos. Quando partiu, nunca virou as costas, foi sempre recuando e a nuvem envolveu-a e pouco a pouco desvaneceu[-se].*” (VM, 53)

9 – Vivência agónica

Em complementaridade a esta visão paradoxalmente angélica e quase triunfal da coroação com a coroa de espinhos, encontra-se amiúde o registo cruento do enquadramento agónico da Paixão por ela revivida.

Leia-se, por exemplo, a seguinte descrição: “**«Agonia de V^a Feira Santa para VI^a Feira Santa (1952) ...»:** “*Eu, o confessor, vi duas vezes M. na Sexta-Feira Santa em agonia. Estou convencido que ela, durante a sua agonia, viu coisas terríveis. Muitas vezes saíam grandes golfadas de sangue da boca. Ela estava muito inquieta e mexida; às vezes sentava-se na cama. Isto foi de manhã. Quando voltei à casa de M. à tarde, às 2,20h., tinha terminado a agonia alguns minutos antes. Ela estava, como no ano anterior, de braços abertos; o rosto tinha uma expressão de calma e de paz como dum morto. Ficou nessa posição até à hora da Ressurreição. Quando M. voltou a si uns momentos na noite entre Sábado de Aleluia e Domingo de Páscoa, disse: «Aleluia! Jesus ressuscitou!» e caiu outra vez em estado de inconsciência.*” (VM, 84) Tudo aquilo, pelo que M. passava, era revelador dessa viva visão da agonia de Jesus: “**M. assistiu em visão a toda a Paixão de Jesus desde o princípio até ao fim.**” (VM, 84)

10 – Contexto patológico

Todavia, não se pode deixar de contextualizar ainda algumas daquelas manifestações, – de hemorragias, de espasmos violentos, etc., – ao quadro clínico e de doença que esta senhora veio a padecer: consequências não sintomáticas de uma queda de altura em que refere “milagrosamente” só haver partido um dente,⁴⁷ mas que poderiam suscitar mais tarde males de coluna e de andar, paralisias, etc.;⁴⁸ por

⁴⁷ Como noutros casos de pessoas perseguidas por ataque maldoso que para defenderem a sua honra se atiraram de janelas, ou **saltaram de grandes alturas**, etc., também no caso de M. se conta que: “*em pequena [foi] incomodada pelo demónio. Uma vez estava ela na varanda, encostada à <cancela> [grade] de ferro. De repente sentiu que alguém a apanhou pelas pernas e foi deitada para baixo. Era grande a altura. A pequena caiu no pátio, que era calçadito. Por milagre só partiu um dente. No entanto, chamou a família um médico e quando este chegou e viu a altura da qual ela caiu, disse: «Então, deve estar bonita agora!» Ele verificou que a criança inexplicavelmente nada partiu ou tinha outra lesão, senão o dente partido. Ela tinha naquela altura 7 ou 8 anos.*” (VM, 79) Poderia perguntar-se se também não teria ficado uma lesão ao nível encefálico, mais tarde associado ou não a alguma afeção meningítica, até eventualmente provocada por algum vírus neurotrópico. Tem oportunidade antecipar-se aqui, em paralelo, parte do diagnóstico (elaborado pelos Drs. Jean Dechaume e André Ricard) de uma outra célebre ‘estacionária’ (Marta Robin), quando se refere: “*Nous sommes conduits par élimination au diagnostic d’encéphalite, au sens large du terme, en tout cas à celui de maladie à virus neurotrope. (...) Il a été démontré que des lésions de la région hypothalamique sont susceptibles de réaliser chez l’animal des manifestations viscérales hémorragiques et des lésions ulcéreuses du tube digestif. Il est classique de décrire des troubles des divers métabolismes et des syndromes anorexiques par atteinte de la région hypophysio-infidubulo-tubérienne; (...)*” (in: Jean-Jacques ANTIER, *Marthe Robin, Le voyage immobile*, Paris, Perrin, 1996, p. 147) – já que também no caso de M. se vão encontrar análogos sintomas ‘hemorrágicos’, de anorexia, etc. *Vide supra* ns. 119, 120, e n. seguinte e 124.

⁴⁸ Por vezes a explicação dada é toda ela “sobrenatural”... Por exemplo, na ida a pé a Fátima, em Junho de 1950, refere-se: “*...pôs-lhe S. António alguma coisa em volta das pernas, acima dos tornozelos, que lhe fazia sentir picadas. Em pouco tempo estavam as pernas em sangue e S. António mandou-a pôr ligaduras e esfregar com álcool três vezes por dia, cada vez que descansavam. As pernas doíam-lhe muito e eram em pouco tempo uma grande chaga em carne viva. (...) Os pés de M. ficaram normais. Viam-se mesmo as picadas em volta das pernas acima dos tornozelos. Em Minde, quando entraram numa farmácia, disse o farmacêutico que era impossível ela seguir mais longe. Disse que tinha uma grande infecção, que devia imediatamente ir num automóvel para Fátima e pedir [para] ser recebida no hospital. O que M. naturalmente não fez.*” (VM, 30) Todavia, esta **dificuldade em andar** virá provavelmente também ligada com a dor ciática (cf. VM, 113; *infra* n. 124), ou será pelas ulcerações diabéticas, em particular o estado ‘tumoral’ da perna direita (refere-se mais tarde: VM, 103: “*Nos últimos tempos M. já não tem a agonia mas sofre horrivelmente da perna, que tem grandes tumores. O pé parece ter um osso deslocado.*”; tromboflebite?, outros problemas venozos?...: “*A perna direita causa-lhe dores insuportáveis.*” (*Ibid.*)), ou a chaga de difícil cicatrização (ainda o problema diabético...) feita por ocasião de uma queda?: cf. VM, 87: “*Ordenou [Santo António] a M. para se levantar e andar, e que pedisse ao confessor para ir ao pátio. M. com estes exercícios caiu e magoou a perna direita. Santo António mandou friccionar a perna com vinho branco quente.*” O estado catatónico verificado em vários dos éxtases da revivida Paixão, sobretudo nas fases posteriores ao dramatismo mais espasmódico e agitado das Agonias, ainda que referenciável a um quadro de psicose histórica, não se deve confundir com a simples paralisia. (cf. *supra* n. 121) Porventura o seu

outro lado, o quadro diabético, talvez tardio, que lhe vem complicar uma operação na última fase da vida à qual se submete por causa de um tumor maligno.⁴⁹ Mas, mesmo antes desta doença, que acabará por vitimá-la, há ainda os sangramentos frequentes pela boca, as dores internas,⁵⁰ e até o que é referido como ‘dor ciática’ e pretensamente tratada, por qual “acupunctura” *sui generis* da época, através de ‘queimadura de um nervo atrás da orelha’, feita por um tal curador e ferreiro ao qual não hesita recorrer.⁵¹ Tudo isto sem referir as feridas

estado de estacionária na cama sobrepunha-se a uma extrema dificuldade de movimento, até sentida ao nível da sua coluna vertebral. É tomado por mais que uma vez um estalido forte “na espinha” como sinal e indutor dum estado extático: cf. VM, 96: “Na noite de 18 para 19 de Setembro [de 1952] (...) começou uma agonia muito dolorosa. Ela ficou algum tempo consciente, sentiu de repente uma dor muito intensa e um «estalo» como se partisse um osso nas costas e perdeu [os] sentidos. Vomitou muito sangue e só às 13,10 h., do dia 19, voltou a si.” Mais tarde, outras descrições: “Na noite de 9 para 10 de Fevereiro [de 1954] (...) M. teve esta noite muitas dores na espinha, mas quando veio Jesus, Jesus tirou-lhe a dor e ela não teve agonia.” (VM, 129) “Veio o meu Padrinho (S. António) e disse-me que eu ia sofrer aquela dor na espinha.” (VM, 133) Em 12 de Maio de 1954, a caminho de Fátima, sofre M. um “diabólico” desastre de automóvel: “ficou ferida no peito e com uns ossos deslocados, como indicou a radiografia, que o médico nas Caldas lhe tirou.” (VM, 135) – o que naturalmente vem agravar a sua capacidade geral de locomoção.

⁴⁹ Esclarece a narrativa do seu confessor: “M., muito doente (tinha cancro), foi para casa de D^a. E..., pois precisava de tratamento, sendo D^a. E... a sua enfermeira incansável.” (VM, 155) Aliás, “M. tinha já há tempos grandes hemorragias [uterinas?] e deveria ter sido antes operada se a diabetes de que também sofria lho tivesse permitido. Teve, por isso, de fazer um tratamento preparatório para a operação (...). Supunha-se segundo o diagnóstico doutro médico, tratar-se dum tumor benigno no útero. [No entanto] no decurso da operação verificou-se tratar-se dum tumor maligno.” (VM, 155 e 156)

⁵⁰ Dores no peito (“sofreu muito no peito, nem podendo tossir. Sentia muitas dores na chaga do peito.” (VM, 128); “ia ter uma infecção num pulmão...” (VM, 33; mas não seria tuberculose, segundo lhe foi ‘celestialmente’ confirmado); também: “...com muita falta de ar; nem forças para falar tinha.” (VM, 55...), no coração (“Eu estava com uma grande crise de coração; estava tão nervosa que não podia rezar.” (VM, 33); sobretudo na transverberação: “uma picada no coração...” (VM, 50; vide *infra* n. 139), na cabeça (“...de 27 para 28 de Outubro de 1952, sofreu M. muito da cabeça, onde sentiu um peso enorme. Veio S. António e disse que foi obra do demónio.” (VM, 99) ... – em suma: “todo o corpo lhe doía, nem sequer podia suportar que alguém lhe tocasse com um dedo, que lhe parecia um prego, que lhe cravavam no corpo” (VM, 129) – hiperestesia algica generalizada? Na descrição do seu estado feita por um companheiro de viagem, numa peregrinação a Fátima (5 a 11 de Junho de 1952) repete-se a constatação de que “passou M. muito mal, deitou muito sangue pela boca, um sangue muito escuro. (...) M. piorou sempre... A M. desde a Azambuja até Santarém não comeu nada, esteve sempre a arder em febre... Chegámos a Pernes... A M. passou muito mal com vômitos até deitar sangue pela boca, mas depois ficou mais aliviada.” (VM, 90) – e ainda na mesma página repete por mais duas vezes que, noutras fases do caminho, “outra vez [M. estava] a deitar sangue pela boca, mas nunca desanimada.” Em várias agonias repetem-se vômitos ensanguentados: VM, 96: “Vomitou muito sangue.”; etc. Há uma verdadeira ênfase dada ao sangue, que não só lembra St^a. Catarina de Sena (vide *supra* ns. 79, 103 e *infra* n. 137) mas todo um clima de martírio feminino deste ciclo do sangue: vide Jean-Pierre ALBERT, *Le sang et le Ciel, Les saintes mystiques dans le monde chrétien*, Paris, Aubier, 1997, pp. 181 e segs. : «Les cycles du sang»; e pp. 334 e segs. : «Façons de devenir le Christ».

⁵¹ Tal como, acaba por não ser estranho que Teresa de Ávila, ainda na sua juventude e muito doente,

que a si mesmo se inflige pelo cilício,⁵² pelo flagelar-se (a disciplina),⁵³ e sobretudo pelos estigmas nas mãos, observadas até por um médico que se apressa a declarar ‘nada ter visto desse tipo de chagas’.⁵⁴

11 – As manifestações teopáticas e os estigmas

Ora, um dos aspectos mais sensíveis da vida *visionária* é a passagem para esta marca física, esta *impressão* da visão no próprio corpo, sob a forma duma *estigmatização*. É mesmo em relação ao que poderia ser um resultado de um estado psíquico alterado e de muita intensa concentração (uma ‘ideoplastia’), que se levantam actualmente as hipóteses de um âmbito de diagnóstico, que não tem forçosamente de recorrer ao plano sobrenatural da acção de tal configuração com Cristo. São vários quadros clínicos, ora da nevrose histérica, ora até de

recorra à curandeira de Becedas (Stª. TERESA DE JESUS, *Libro de la Vida*, 4, 5; 5, 3-7, (in: EFREN DE LA MADRE DE DIOS, OCD e Otger STEGGINK, O. Carm., *Stª. TERESA DE JESUS, Obras Completas*, ed. manual, Madrid, B.A.C., 1986⁸, pp. 42 e segs.), assim também não admira que M. tenha ido a um ferreiro de Chão de Maças: “No Domingo, 17 de Maio [de 1953] foi M. ...para cauterizar um nervo atrás da orelha, por um homem que é ferreiro, mas que tem particular habilidade de fazer esta operação.” – porém ela justifica que foi “Tudo para obedecer a S. António. Como disse M., esta operação (que tem por fim tirar as dores da sua perna direita, que sofre muito do ciático) não para alívio. Nem ela procura alívio, antes deseja <de> sofrer muito pela conversão dos pecadores, mas sujeitou-se por obediência a S. António. De facto, a operação não deu resultado nenhum.” (VM, 113)

⁵² Sobre o **cilício** (cujo nome M. ouvira, supõe-se, em audição interior sem conhecer bem a palavra: “M. lembrava-se com muita dificuldade desta última palavra, nem sabia o que era um cilício.” (VM, 65)) Cf. também *infra* n. 136. Veja-se ainda: “Com licença do Padrinho (S. António) renovou os pregos da corda. Os antigos já estavam muito enferrujados e o Padre A....trouxe-lhe outros novos, um pouco mais compridos. Custou muito tirar os pregos velhos, pois estavam dentro do corpo e algumas feridas a infectar-se.” (VM, 130) Situação repetitiva em várias penitentes... v.g., conta-se o mesmo no caso de Stª. CATARINA DE SENA, *Vita...* por Btº. Raimundo de Cápua, I, c. 6, ed. cit., pp. 60-61.

⁵³ Tradicional prática de mortificação de certo costume das regras monásticas, mantida como lembrança da flagelação da Paixão e repetida no *Miserere* das Sextas-feiras, esta *disciplina* íntegra, com o cilício e outras formas de ascese física dolorosa e até cruenta, uma atitude penitencial, hoje muito discutível no seu absoluto, posto que a compreender na básica linguagem do sacrifício sobretudo dos quadros mentais e simbólicos dessa época. Cf. Xavier YVANOFF, *La chair des anges*, ed. cit., pp. 329 e segs. ; Patrick VANDERMEERSCH, *La chair de la Passion, Une histoire de foi: la flagellation*, Paris, Cerf, 2002, pp. 142 e segs. Já se comentou a concepção demasiado mecânica de relacionamento entre sofrimento procurado e graça obtida, porém é neste contexto que se insere a autorização de M. para a disciplina: “Hoje, dia 31 de Março de 1953, deu o confessor a M. <a> licença de durante esta semana todas as noites se disciplinar durante um minuto.” (VM, 109) Configura-se neste ascese quaresmal com o que depois refere de se sentir “flagelada com Jesus” (VM, 110); *vide infra* n. 137.

⁵⁴ Cf. VM, 134: “O médico observou as feridas nas mãos e da cabeça e disse-lhes [aos Padres e pessoa presente] não poder explicar as feridas, que eram muito diferentes de todas as que ele, como médico, diariamente via no banco do hospital.” Diz esta narrativa, de seguida, que noutra observação foram feitas várias “fotografias em que se vêem os estigmas e o sangue no rosto”. (*Ibid.*)

fenómenos de dissociação psíquica e de alucinação, implicando quer a alteração vaso-motora e provocando o aparecimento da dermatografia precedente do estigma, quer no processo de mutilação (inconsciente) e artificialmente provocado. Não se pode, entretanto, deixar de comparar tal “síndrome de estigmatização” com as características físicas das chagas, cuja morfologia, embora variável (equimoses, ampolas, quase tumores... ou simples escoriações) tem uma espécie de vida própria, sem infecção, sem cura médica, sem a esperada evolução natural.⁵⁵

⁵⁵ Mencione-se, sobre este núcleo da ‘estigmatização’, algumas linhas de investigação e respectiva **bibliografia**: Além do estudo clássico, já referido, de IMBERT-GOURBEYRE, *La stigmatisation* (1894), deve-se ter em conta os primeiros estudos psico-fisiológicos da estigmatização: cf. J. J. von GÖRRES (*la mystique divine, naturelle et diabolique*, Paris, 1861, pp. 232 e segs.) como espécie de idioplastia, e G. WUNDERLE, *Zur Psychologie der Stigmatisation*, Paderborn, 1938..., depois completados em Herbert THURSTON, S.J., *The Physical Phenomena of Mysticism*, (1919-1938, ed. por J. H. Crehan, S.J.) London, Burn Oakes, 1952, pp. 32 e segs.: «Stigmata», sobretudo pp. 83 e segs.: «A Stigmatization Imposture?», etc., em que o autor pondera as experiências que um Pastor luterano, em 1933, conseguiu produzir por sugestão numa paciente histórica. (Documentam-se hoje outras experiências sob hipnose com um efeito análogo.)

Outra informação, mais recente, em A. MICHEL, *Métanoia, Phénomènes physiques du mysticisme*, Paris, Albin Michel, 1986, pp. 139 e segs.: «Sculpter la chair» (com especial análise da célebre estigmatizada Luísa Lateau (séc. XIX)); Jean GUITTON e Jean-Jacques ANTIER, *Les pouvoirs mystérieux de la foi, Signes et merveilles*, Paris, Perrin, 1993, pp. 196 e segs.: «Les stigmates et le mystère de la souffrance»; Jean-Jacques ANTIER, *Le mysticisme féminin*, ed. cit., pp. 278 e segs.; Xavier YVANOFF, *La chair des anges, Les phénomènes corporels du mysticisme*, ed. cit., pp. 131 e segs.; e *vide* o dossier: Dominique de COURCELLES, (dir.), *Stigmates*, (Cahier l’Herne), Paris, ed. l’Herne, 2001, sobretudo: Joachim BOUFLET, «Les stigmates, gages de l’Amour divin? La relation des stigmatisés au signe», in: *ibid.*, pp. 141-166; Geoges DIDI-HUBERMAN, «La femme cliché: Dermographisme et stigmatisation expérimentale», in: *ibid.*, pp. 167-176.

Nesta perspectiva *dermográfica* e até de preferente explicação fisiológica, «natural», cf. J. TINEL, “Essai d’interprétation physiologique des stigmates”, in: *Études carmélitaines*, t. 21 (1936), pp. 93-97, que aponta para alterações de dilatação dos vasos sanguíneos e de tendências hemorrágicas na etiologia do fenómeno. Veja-se em complemento a este volume dos *Études carmélitaines*, todo ele dedicado a «Douleur et stigmatisation», (com o estudo de Jean LHERMITTE, “Le Problème médical de la Stigmatisation”, pp. 60-78...), ainda na perspectiva “fisiológica”: S. BORELLI e R. FÜRST, “Die Stigmatisation – das extreme Beispiel einer psychogenen Dermatoze”, in: *Praxis*, t. 49 (1960), pp. 389-396. Veja-se também um estudo aplicado deste teor: René LAURENTIN, e Dr. MAHÉO, *Yvonne-Aimée de Malestroit, Les stigmates dans le sillage de François d’Assise*, Paris, O.E.I.L., 1988, pp. 18 e *passim* «Les stigmates devant la science et la théologie».

Veja-se, no âmbito da histeria, e ainda desde o célebre estudo de Pierre JANET, *De l’angoisse à l’extase*, (1927), (reed. Paris, Soc. P. Janet/ C:N.R.S., 1975), os casos estudados por Jacques MAÎTRE, *Les stigmates de l’hystérique et la peau de son évêque, Laurentine Billoquet (1860-1936)*, Paris, Anthropos, 1993, pp. 197 e segs.: «Un chef d’oeuvre de mise en scène»; também Id., *Une inconnue célèbre, Madeleine Lebouc/ Pauline Lair Lamotte (1863-1918)*, Paris, Anthropos, 1993, pp. 41-77: «Au temps des hystériques (1893-1904)». E para a discussão histórica desta etiologia cf. também Nicole EDELMAN, *Les métamorphoses de l’hystérique*, Paris, La Découverte, 2003, pp. 208 e segs.: «Miracles, êxtases, suggestions (années 1850-1914)».

Ainda na perspectiva psicopatológica e psicanalítica, além de outros estudos de J. Maître, *vide* ainda Elisabeth LABORDE-NOTTALE, *La voyance et l’inconscient*, Paris, Seuil, 1990, pp. 89 e segs.: «Interactions entre la voyance et le champ psychopathologique»; tendo presente Marcel GAUCHET, *L’inconscient cérébral*, Paris, Seuil, 1992 e Jean-Claude LARCHET, *L’inconscient spirituel*, Paris, Cerf, 2005, pp. 31 e segs.



A mão com estigma segurando o crucifixo

Note-se, entretanto, que neste quadro mórbido de algum modo cruento, o sangue das feridas “sagradas” não se revela imune a infecção, já que é verificado por mais de uma vez que quer a marca de espinhos na cabeça, quer de chagas nas mãos, estão como se diz nessa descrição, a “criar” (com pus).⁵⁶

Ainda é notório que, durante os estados em que toma posições de corpo sobre a cama, em cruz, como pregada no madeiro,⁵⁷ ou identificada

Aliás, na perspectiva teológica ou ascético-mística sobre a eventual causa sobrenatural dos *estigmas*, haverá de se ter em conta, desde J.J. Görres, *supracit.*; Mgr. Albert FARGES, *Les phénomènes mystiques distingués de leurs contrefaçons humaines et diaboliques*, Paris, Bayard, 1920, pp. 522 e segs.: «Stigmates»; Ch. JOURNET, “Le point de vue théologique sur les sueurs de sang et les stigmatisations”, in : *Études carmélitaines*, t. 21 (1936), pp. 171-187; R. GARRIGOU-LAGRANGE, *Les trois âges de la vie intérieure*, Paris, 1938, t. II, pp. 775-786 : «Les stigmates et la suggestion» ; P. SIWEK, S.J., *Une stigmatisée de nos jours. Étude de psychologie religieuse*, Paris, 1950 e Várs. Auts., *La mística, fenomenologia e riflessione teológica*, Roma, 1984, t. 2, pp. 440 e segs. Vide ainda R. BASTIDE, *Les problèmes de la mystique*, Paris, P.U.F., 1996 ; e, Juan MARTÍN VELASCO, *El fenómeno místico comparado*, Madrid, ed. Trotta, 1999, pp. 68 e segs.: «La presencia de estigmas».

⁵⁶ Cf. VM, 107: “Os estigmas nas mãos começaram a inchar e ulceraram-se. Parecia ao confessor que no dia 2 de Março, ainda havia vestígios da coroa de espinhos. (Os estigmas estão a criar)...” Numa outra circunstância ‘diabólica’ também há essa infecção das feridas: “...Atacou o demónio violentamente M. Apanhou-a com as suas garras, puxou-a pelas pernas e pelo cabelo e cravou-lhe as garras na sua cara e ombros. As feridas começaram depois a criar.” (VM, 116) É hoje referido entre outros dos critérios de “veracidade” sobrenatural dos *estigmas*, não só o seu aspecto de extraordinário odor (cf. *infra* n. 164), portanto não putrefacto, mas também isento de infecção ou purulento. (cf. VM, 130; *supra* n. 125) Ora, desde os primeiros tempos (em 1950) os estigmas e as marcas dos espinhos infectam-se: “...mas desde a madrugada do dia 20 até ao pôr-do-sol doeram-lhe muito os estigmas e rebentaram.” (VM, 50); “...começou a cabeça de M. a doer muito das pontas dos espinhos e começaram a supurar os sítios, onde tinha sido fixada a coroa de espinhos. A mesma coisa aconteceu com os estigmas. (...)” (VM, 61) Cf. *supra* n. 118.

⁵⁷ ‘Crucificada’... VM, 45-46 citado *infra* no corpo do texto. Cf. também: VM, 84: “M. assistiu em visão a toda a Paixão de Jesus desde o princípio até ao fim. Quando Pilatos entregou Jesus ao povo, a transversal da cruz foi-lhe imposto nos ombros, com os braços ligados nele. Quando chegaram já perto do Calvário, compôs-se a cruz toda, que Jesus devia levar. Maria, a querida

com outras diversas cenas e passos da Paixão e crucificação, entra numa espécie de *transe*, reduzindo-se-lhe a pulsação cardíaca e o *tonus* geral para níveis muito baixos, imitando um ‘estado de quase morte’.⁵⁸

“M. viu então uma cruz enorme em pé em frente da cama. Ela sentiu-se levantada e posta na cruz. Raios de luz focavam mãos, pés e o lado. Viu na cruz uma corrente muito grande e por cima uma coroa de espinhos. M. estendeu-se sobre a cruz e viu então mãos muito brancas (sem ver a pessoa) ligarem uma coroa cruzada sobre o peito e pernas. A corrente em volta da cintura. Tinha um gancho, que cada vez mais foi enlaçada nos elos da corrente, apertando cada vez mais até ela já não poder falar. S. António perguntou se queria sofrer ainda mais. M. já não podia falar, mas com a cabeça dava sinal que sim. A coroa de espinhos, que lhe foi posta na cabeça, picou-lhe muito. Muito sangue começou a correr. Ela perdeu os sentidos. Depois voltou [a si] e, de repente, estava Jesus lá. (...)” (VM, 45-46)

Situação esta que, repetida – como o foi durante pelo menos cinco anos e em muitas das sextas-feiras dessa vivência da *via sacra*, – acaba por progressivamente a debilitar.⁵⁹

Mãe de Jesus, quis junto com Jesus levar a cruz e ainda pegou com as suas mãos no ponto da trave pesada, mas os Judeus não a deixaram. (...)” Este relato visionário em larga medida inspirado dos apócrifos e da versão de A.K. Emmerick muito divulgada na época (“*A dolorosa Paixão de Nosso Senhor, Jesus Cristo*” ed. trad. a partir da trad. franc. de Fr. Joseph-Alvare DULEY, *Visions d’Anne-Catherine Emmerich sur la Vie de Notre-Seigneur Jesus Christ...*, Paris, Téqui, s.d., t. III; *vide supra* n. 11), reflecte esse *extremo desejo e identificação por parte de M.* em ser como Maria e até “crucificada” como Jesus. É pouco depois que recebe ‘um novo nome’: VM, 86 que mais a configura com Maria. Nas suas agonias o modelo da posição na cruz repete-se: cf. VM, 60: “**M. estende os dois braços, como se estivessem estendidos na cruz (...)**”; etc. Aparte a sua vivência da cruz é ainda intérprete da mensagem de S. António a pedir que se rezasse à *Chaga do Ombro Direito* de Jesus e que se espalhassem pagelas com esse tema de Jesus carregando a cruz. (cf. VM, 92).

⁵⁸ Vários exemplos: “**M. estava como morta, os braços em cruz, os joelhos um pouco levantados dando a entender que estava crucificada. A cabeça um pouco virada para a direita. O médico observou-a, auscultou-a com um aparelho [estetoscópio]. Disse que o pulso estava tão fraco que mal se percebia com o aparelho. Também o confessor escutou pelo aparelho.**” (VM, 134) – passa-se isto em Abril de 1954. Numa *agonia* (da Semana Santa de 1955) “**o corpo arrefeceu muito, parecia gelado. M. neste estado falou uns momentos e disse que Jesus estava no sepulcro. (...)**” (VM, 142)

⁵⁹ **Exaustão física:** “**tolhida das pernas, não tenho forças para me levantar...**” (VM, 56); “**estava muito fraca depois da agonia...**” (VM, 123...); etc.; mas também **psíquica ou até mental...** “**Na noite de 1 para 2 de Dezembro [de 1950] veio Nossa Senhora mas M. não se recordava as conversações que houve <ram>, pois andava muito fraca de cérebro.**” (VM, 52 A). Noutro caso, em 10 de Janeiro de 1953 declara M. ao confessor “**que a sua cabeça estava esgotada depois das revelações que S. António lhe tinha feito uns dias antes sobre os pecados do mundo.**” (VM, 105). Muitas vezes perdendo a consciência: “**e depois perdeu a consciência e não sabia mais o que aconteceu.**” (VM, 123); cf. VM, 130... A confusão mental é muito especialmente provocada pela sensação de separação e perda da companhia da S. Relíquia (‘cáliz milagroso’ *vide supra* ns. 14,

Narra-se a propósito: “*Na noite de 8 para 9 de Fevereiro (5ª para 6ª [feira]) teve M. os martírios mas não foi ao alto da cruz. Depois teve uma agonia de várias horas e sangrou muito.*” (VM, 58) e, depois, noutra agonia conta: “...*que não sofreu os martírios, mas que desde 6ª feira de madrugada, até às 4 horas da tarde, ficou num estado de letargia, de que acordou totalmente esgotada, que no sábado nem um Pai-Nosso era capaz de rezar.*” (Ibid.) Mais tarde teria, por vezes, ‘muitas dores sem a agonia’: “*Na noite de 19 para 20 de Fevereiro (5ª para 6ª [feira]) teve muitas dores, mas não teve a própria agonia. Esteve tão mal, que a família a julgou chegada ao fim. (...).*” (VM, 130) – e também o confessor assiste a uma outra agonia muito forte: “...*de 4 para 5 de Março... Viu grandes golfadas de sangue saírem pela boca. Quando M. já estava consciente disse que viu Nossa Senhora durante a agonia, com um ar triste mas a animá-la a sofrer por amor de Jesus e pelos pecadores. (...).*” (VM, 130)

12 – Enquadramento ascético e de mortificações

Porém, todas estas sintomatologias não têm neste caso, como noutros análogos, um acompanhamento de observação dita ‘objectiva’ e uma *discriminação científica*, ficando antes no âmbito *crédulo* do que se dinamiza na *prática devota*.⁶⁰

15...): “*Não quis comungar, dizendo que estava em pecado mortal, porque desapareceu a S. Relíquia. Ela estava ‘desvariada’ naquele momento. (...)*” cf. VM, 131; e *supra* n. 111). Cansaço que até é projectado sobre o seu confessor, sempre no cuidado implícito de não o perder... “*Disse [o Padrinho] que eu não podia contar de futuro com o meu bom Pai [o confessor], pois sentia-se cansado e não tinha vontade nenhuma de continuar [a] vir aqui. (...).*” (VM, 124; o que não vem a acontecer, apesar da mudança de residência do confessor, como ele próprio explica e documenta, VM, 141-142) Narra-se, entretanto, que M. “*na noite de 31 de Julho [de 1954] (...) teve uma ameaça de congestão, segundo disse ao confessor.*” (VM, 136). É certo, porém, que ainda tal “inconsciência” encobre estados de transe, até de espantosas forças ou capacidades que ainda revela: VM, 123: “*Nesta noite [7-8 Nov. de 1953] cantou e rezou M. com uma força, que não era natural, pois estava muito fraca depois da agonia da outra noite.*” Na peregrinação a Fátima em fins de Agosto de 1954, comentando o seu esforço e sofrimento no caminho, observa-se: “*Uma vez perdeu os sentidos e outra vez viram-na fora de sentidos andar, agarrada a uma corda, atrás da carroça.*” (VM, 138) – trata-se de um *andamento extático*, aliás “ajudado” como M. revela: “*Acompanhou-a sempre Santo António (...).*” (Ibid.) Já numa Carta, em Junho de 1953, dirigida ao confessor, refere a propósito: “...*Tive graças tão grandes, que me esqueci dos meus companheiros [de peregrinação]. Todos eles deram por isso, pois andei um quilómetro e 100 metros sem dar por isso (...).*” (VM, 115)

⁶⁰ É de espantar que os familiares mais próximos ou outros observadores fidedignos, inclusive os sacerdotes que tinham acesso a M., não se propusessem um *estudo mais testemunhal* do que se passava. Há relatos indirectos e vagos, ou observações momentâneas e parcelares. “*A minha família deu por todos os sacrifícios, só faltou verem. Ouviram todos os ruídos da cruz e correntes e viram os esplendores de Jesus e do meu Padrinho* [por cima do tabique que, nessa altura,

O enquadramento continua, aliás, a ser o da próxima relação entre *sofrimento* e *reparação* num nexos quase autómato em que se crê, mais do que na ordem do livre dom, num processo ‘mecânico’ de obtenção por via de tal expiação. Porém, aparte tal justificação a eficácia dessa ligação entre extrema ascese e tais resultados estabelece-se *um real processo*.⁶¹

De facto, as longas horas de oração durante a noite, ao longo de quinze anos consecutivos, *para* conseguir a conversão do marido,⁶² o uso

separava as divisões da casa].” (VM, 57) Outro caso: “*A pequenita N. viu uma vez S. António nesta semana. Quando ela ouviu a campainha, teve medo e escondeu-se debaixo dos cobertores e perguntou à mãe se vinha o “velho” (o papão)? Mas uma vez que S. António havia entrado no quarto, perdeu o medo. O santo fez-lhe uma cruz na testa.*” (VM, 58) Cf. *infra* ns. 165 e 166. O que, entretanto, também na narrativa é relevante é que a *visão* ou outro tipo de reconhecimento dos fenómenos extraordinários, embora prometida, suplicada, esperada ou aparentemente desejada... - M. pede “*que Nossa Senhora se mostre ao confessor como ela A vê.*” (VM, 58); aparece, afinal, como “contraditória” com as condições de estrita privacidade em que a “aparição” mais frequente do Santo António, o «Padrinho» de M., se impõe: “*Tocou [a campainha, o meu Padrinho] algumas vezes, para que todos se recolhessem. Minha irmã D. ainda não se tinha deitado. Eu lembrei que meu Padrinho não entrava por esse motivo e mandei-a deitar. Logo entrou o meu Padrinho.*” (VM, 56) Todavia, M. pede, por exemplo, a Nossa Senhora “*que a menina L. (...) pudesse ficar uma noite ao pé dela para ver, ao menos, a luz milagrosa. Nossa Senhora disse que sim. (...).*” (VM, 58)

⁶¹ É perspectivada a partir de Jesus essa **relação de sacrifício e obtenção de graças**: “*«Jesus aparece e propõe-lhe um acto heróico...»: Jesus aproximou-se da cama, com a sua Mão divina levantou-lhe a cabeça, tocando-a debaixo do queixo e obrigou-a a olhá-Lo. Jesus, então, disse que tinha preparado uma grande fogueira lá fora e perguntou-lhe se não se importava de ser queimada e reduzida a cinzas para os pecadores ficarem limpos dos pecados. Que as pessoas da casa e os filhos e crianças naquela manhã, em que M. desaparecesse a procurariam a chorar, se M. não se importava de sofrer tudo isto? Ela respondeu que não se importava. Jesus disse-lhe então que neste momento ficou limpa de todos os pecados.*” (VM, 119-120) A simples disposição sincera e a anuência a tal heróico sacrifício bastou para a *purificação* de M. Cf. *supra* ns. 90, 96...

⁶² Cf. *supra* ns. 96 e 99. Embora muito se fale de *penitência* e *oração*, aliás no constante eco e paralelo da Mensagem de Fátima, e de se referir as longas horas de recitação do Rosário, bem assim em que M. rezava por várias intenções, parece que o básico entendimento da *prece* fica adstrita à vida das visões de acordo com as fórmulas usuais (os *Padre Nossos*, as *Ave Marias*, os *Glória...*) até seguidas pelo “manual da oração” (ou *Missal*). Apesar de em poucas ocasiões se explicitar a preferência pela *oração recolhida*, isto é, que se poderia dizer *mental*: “**Também disse** [S. António] *que de noite não lesse orações mas sim que rezasse em pensamento.*” (VM, 37)... – as palavras verdadeiramente orantes transpõem-se no que ela escuta em *diálogo celeste*. Também como prática de *meditação*: “*Todas as vezes que estava em retiro vinha o meu Padrinho dizer-me no que devia meditar.*” (VM, 144) Dir-se-ia haver também em M. a força *visionária* da palavra que anima a oração, – tocada por *elixir* especial: “*Ele [S. António] molhava a língua de M. com um líquido, que tinha no cálice disse que ela agora convertesse milhares de pecadores por sua oração...*” (VM, 15), – ou a *lectio* evangélica e a faz participar assim do *dom de linguagem* em si suplicante: oração do sofrimento, da dor moral, da oblação pelos pecadores... “*pois, disse Nossa Senhora, «flores, sem oração, não têm valor.» ...*” (VM, 64). Oração na qual enfim é até perturbada pelos ruídos de obstáculos espirituais. Cf. VM, 144: “*Estava com bastante fervor a rezar, quando, de repente, oiço um grande barulho e tive que fazer um movimento e abrir os olhos. Vejo que estava na minha frente o inimigo.*”; também VM, 92...

de um cilício durante muitos anos⁶³ e renovado em novas disciplinas, também de flagelação, sob consentimento dos confessores,⁶⁴ além da absoluta continência sexual, do jejum e abstinência de líquidos extremos em vários períodos,⁶⁵ bem assim a imobilidade na cama⁶⁶ e as

⁶³ Cf. supra ns. 125... Agora sob a forma de **corrente**, vide ainda os seguintes passos: “*Hoje dia 2 de Setembro [1950] entregou M. a corda ao seu confessor por ordem divina, que ela usou 18 anos para apertar o corpo por penitência. O confessor está encarregado de arranjar uma corrente.*” (VM, 43) Mas antes contou M.: “*Nosso Senhor perguntou-lhe [a ela, M.] qual o sacrifício que ela queria oferecer-Lhe. (...) Também perguntou Jesus, porquê falou ao confessor para usar uma corrente em vez duma corda? Ela disse: «Para fazer mais penitência.» Jesus disse: «Diz ao teu confessor, que logo que arranje uma corrente, ta dê.»*” (VM, 36; sublinhámos a recto) – o que suscita muitas dúvidas quanto à iniciativa desta penitência... Vide ainda: “*O confessor... deu a M. licença de usar a corda (uma espécie de cilício com pregos entrelaçados) ...*” (VM, 19); também VM, 25 (à cintura)

⁶⁴ Como se referiu a disciplina (vide supra n. 126) ou a **flagelação**... “*Pois o confessor deixou-lhe (a M.) liberdade de fazer penitência, que quisesse, contanto que contasse todos os dias ao confessor o que tinha feito.*” (VM, 126) Noutra experiência diz M. ao confessor ter sido flagelada com Jesus: “*Ela M. contou-lhe [ao confessor] que sofreu com Jesus a flagelação. Além das chagas dos estigmas e da coroa de espinhos não se via exteriormente nada da flagelação, disse S. António a M., mas o corpo está interiormente totalmente contuso. (Via-se que todo o corpo lhe doía. – Nota do confessor).*” (VM, 110; e segue-se a descrição da flagelação de Jesus, segundo esta mesma visão). Note-se que desde a Contra-Reforma católica há esta espécie de “participação” na vez de Cristo: “*le catholique est convié à entrer, activement, à l’intérieur de la scène. Il conçoit le Christ presque comme un alter ego, lui disant, (...): «Laisse-moi t’aider, prendre sur mes épaules une partie de ta croix (...).»*” (também: *Se représenter très concrètement la flagellation*) (Patrick VANDERMEERSCH, *La chair de la Passion*, ed. cit., p. 156).

⁶⁵ M. responde, desde cedo, ao pedido de *penitência oblativa* na fórmula do **jejum e da abstinência de líquidos**: “*Daqui em diante [vou] passar todas as sextas-feiras sem comer e sem beber.*” (VM, 36); Desde 22 de Fevereiro de 1952 até à Páscoa desse ano: “*...só tomasse chá e uma a duas bolachas por dia.*” (VM, 78) Chega a tratar-se do sacrifício tormentoso da sede: “*À meia-noite e meia hora, apareceu S. António e disse: «Se aguentas esta sede terível, ficarás limpa de todos os teus pecados e salvarás muitas almas do pecado mortal e algumas almas do Purgatório.» (...)* Prossiguiu M. a sua oração até às 5 horas de madrugada. Já não era capaz de falar e parecia interiormente consumida de sede. (...) Ele [o Santo] disse: «Se aguentares a sede, receberás uma grande graça de Jesus no último dia [da estadia em Fátima].» (...) *As 10 horas da manhã foram para casa, mas M. sentia-se muito doente. As sobrinhas disseram-lhe: «Tia, beba um pouco de água.» Mas ela respondeu: «Antes morrer por Jesus e salvar pecadores, do que beber água.»* (VM, 16-17) Não se pode, entretanto esquecer que, tal como a inédua *stricto sensu* é compensada pela Sagrada Comunhão, também esta abstinência de líquidos é substituída pela bebida de um estranho “líquido oleoso”, quando não da Comunhão do Cálix (cf., por exemplo: VM, 74). Pode admitir-se que, do ponto de vista simbólico, seja a reunião do imaginário do vaso e da esponja (embebida em vinagre) da descrição da Paixão de Cristo (cf. *Mt* 27, 48; *Mc* 16, 36; *Lc* 24, 36; *Jo* 19, 29-30) mitigando a dor, no paradoxo de ainda constituir sofrimento maior, com a do óleo da unção literalmente *crística*: óleo do crisma, bálsamo de crisma e ainda de cura... Donde a referência dúplice ao líquido amargo e, por outro lado, oleoso: “*O santo trazia uma espécie de «tigela» [taça ou ‘graal’!] com um líquido oleoso. Com uma pequena concha deu a M. deste líquido. M. admirou-se que a tigela depois desaparecera das suas mãos sem reparar onde a <deixou> [tinha deixado].*” (VM, 35); também VM, 32; já antes VM, 15: “*Ele [S. António] molhava a língua de M. com um líquido, que tinha no cálix e disse que ela agora convertesse milhares de pecadores por sua oração...*”; também: VM, 37: “*... veio Jesus <próprio> [em pessoa] e deu a M. outra vez aquela bebida milagrosa.*”; VM, 60: “*O Anjo da Guarda deu-lhe de beber um líquido que era muito amargo.[o vinagre?...] Mais tarde veio Jesus (...) e lhe deu um pouco de óleo, o que a refrescava.[o bálsamo ou unção curativa?...]*”; VM, 110: “*...celebrou S. António a S. Missa e deixou M. beber dum líquido oleáceo e disse que o confessor podia dar-lhe a*

dores físicas da Paixão, em especial a da transverberação...⁶⁷ - tudo isso deu às suas capacidades psíquicas um *exercício limite* que a permitiu transpor para estados extraordinários. E, fosse uma força psíquica assim densificada ou acumulada por tal *esforço voluntário*, até caprichoso, por exemplo de se contrariar no sono, na fome, etc.,⁶⁸

S. Comunhão na mesma.”; etc. Seria ainda reminiscência do “vinho misturado com fel (*Mt* 27, 34), ou com mirra (*Mc* 15, 23)” ? Para M. aquela bebida constituiria uma espécie de “eucaristia”, na linha arquetípica do *soma*, *haoma*, ou outros “elixires” místicos e de “imortalidade”, que, entretanto, poderia ser rebatida no seu subconsciente no trauma de outros derrames, corrimentos, hemorragias... Nota-se a herança mística do tema do *Sangue*, desde pelo menos St^o. CATARINA DE SENA (*Vita*..., II, c. 4, ed. cit., p. 169: a Santa bebe do Lado de Cristo, por onde jorra o Sangue da Vida...). Ou induzida lembrança do “azeite para arder diante da Relíquia”, cujo nível na talha de origem ‘nunca se via diminuir’... (cf. *VM*, 112); ou do “azeite bento” para unção dos doentes, em Fátima? Cf. *VM*, 158: “*Viu Nossa Senhora benzer o azeite para os doentes.*” Cf. n. 176.

⁶⁶ Cf. *supra* n. 122 e *infra* ns. 172 e 190. M. obedece a uma ordem que diz ouvir de Jesus: “*«Filha, não te esqueças, que vais de penitência para a cama.»*” (*VM*, 53); reiterada em várias ocasiões: “*...veio S. António e lhe disse...mas que não saísse da cama, pois estava em penitência.*” (*VM*, 56); “*Jesus chegou: «...ainda mantenho a mesma Vontade de que continues na cama. Desejo que o altar seja feito no teu quarto (...).*” (*VM*, 57)

⁶⁷ “*Na noite de 26 para 27 de Outubro [1950] sofreu M. imenso martírio. (...) aguentou as dores até sentir uma picada no coração muito dolorosa, como se lhe fosse espetado o mesmo e, então, desmaiou.*” (*VM*, 50) Refere-se depois, a propósito dos estigmas, que o “*do lado deitou muito pus.*” (*VM*, 52) A “**transverberação**” é mencionada mais explicitamente como condição sofredora capaz de obter salvação de almas (do Purgatório). (*VM*, 55) M. aceita essa “estocada” no peito: “*Imediatamente recebeu uma estocada no peito dada pelo Anjo. M. sentiu uma dor muito aguda, que lhe fez saltar sangue pela boca. Estava quase a desfalecer, quando então começou a ouvir cânticos acompanhados de música. Cantavam e tocavam tão bem que a distraíram e as dores foram desaparecendo. Foi descida da cruz. (...)*” (*VM*, 55) Note-se como comparativamente com outras cenas “místicas” de *transverberação*, – por exemplo na célebre descrição de St^o. TERESA DE JESUS, *Vida*, 29, 13 (ed. cit., p. 158): “*Viale en los manos [de lo ángel] un dardo de oro largo, y al fin de el hierro me parecía tener un poco de fuego; éste me parecía meter por el corazón algunas veces y que me llegava a las entrañas. Al sacarle, me parecía las llevaba consigo, y me dejava toda abrasada en amor grande de Dios. (...)*” –, há outros elementos de intensidade afectiva ou de *unio amoris* que aqui não se encontram tão patentes. O que neste caso está mais manifesto é justamente a *visão* da tortura, dos martírios, o visionário de toda a situação à imitação do clichê da Crucificação. No caso dos outros estigmas, cf. *supra* ns. 118, 127, 128... Sobre a *transverberação* cf. P. ADNÈS, art. «*Transverberation*», in: *Diction. de Spirit.*, t. 16, cols. 1174- 1184.

⁶⁸ Pouco sono, longos jejuns e períodos de sede... na tradição dos ‘aquemetas’ ou vigilantes (cf. *VM*, 35: “*pediu que eu [M.] fizesse o sacrificio de estar 3 noites sem dormir...*”), da inédia e da abstinência hidrófoba (cf. *VM*, 36: “*passar todas as sextas feiras sem comer e sem beber...*”), etc.: cf. referências em Aimé MICHEL, *Métanoia*, ed. cit., pp. 53 e segs.: “*De la douleur au ravissement*”; também X. YVANOFF, *La chair des anges*, ed. cit., pp. 245 e segs.: “*L’extase et la négation du corps – L’anorexie divine...*”; Joacim BOUFLET, *Encycl. des phénomènes extraordinaires dans la vie mystique*, t. 2, ed. cit., pp. 15 e segs.: “*Brève histoire de l’inédie*”; ainda J.-P. ALBERT, *Le sang et le Ciel*, ed. cit., pp. 94 e segs.: “*La dérouté de la chair*”; *vide supra* n. 139...e *infra* n. 176). Também a procura da **crucifixão** dolorosa: *Vide VM*, 143: “*No dia 8 de Dezembro de 1955 foi M. fazer um retiro de quase 15 dias em Fátima. Lá sofreu muito. Duas vezes ouviu aquela voz misteriosa, que lhe pediu que fizesse uma cruz de espinhos, para trazer sobre a carne viva. M. não conhecia aquela voz, não sabia se vinha de Jesus ou do poder das trevas. Depois de ter rezado muito a Nossa Senhora, fez-se uma cruz dum espinheiro e durante a sua adoração deitou-se por cima.*”

fosse mais um efeito mesmo físico de ‘magnético’ resultado atraído por tantos e tão diversos sofrimentos interiorizados como morais, – certo é que começam a manifestar-se certos poderes para-normais.⁶⁹

13 – Fenómenos dioráticos

Em primeiro lugar a ‘irradiação’ de uma luz não natural, pelo menos descrita como não a da vulgar iluminação eléctrica,⁷⁰ como se se

⁶⁹ Cf. já do início de 1952: “O Santo disse-lhe que em breve iam acontecer coisas estranhas com ela, que admirariam as pessoas presentes.” (VM, 80-81) Manifesta M. um discurso em “língua estrangeira: Hebraico ou Aramaico?” (VM, 81 e 82), embora tal *glossolalia* que tradicionalmente exprime um dom do Espírito Santo, tanto possa ser real carisma, como um confuso “falar em línguas” da desagregação psíquica provocada pela intensidade da Agonia. (Sobre este tema cf. Nathalie DUBLEUMORTIER, *Glossolalie, Discours de la croyance dans un culte pentecôtiste*, Paris/ Montreal, L’Harmattan, 1997, pp. 13 e segs.) Aliás, o que está em causa não é exacto dom de tipo profético, porém de audição e expressão do que estará a ouvir das cenas da Paixão de Cristo (ao modo de Anna Katherinna Emmerick, entre outras...), atestadas pelos fragmentos em português que se referem a esses passos da Paixão. Não se reconhece nos termos transcritos neste registo verbal indícios de qualquer daquelas línguas semitas e pareceria antes de nos inclinar para uma interpretação emocionalista ou verbalmente dramática. (VM, 82: “... Caifás e Anás estão contentes. – Coroa de espinhos. (depois em aramaico? «Para lô non, - Sigo non, Pobre mãe! – Bloco die. Ai Jesus! Ai Jesus! – Jesus está triste. – Caifás traidor. – Sigo lô.”) (mais parecem expressões meramente alatinadas, ou hispânicas ainda ciganas... – *caló*...) Não deixaria de ser até suspeito se houvesse tal domínio de hebraico ou aramaico, nessa mimética do drama do Calvário que poderia mesmo ser tomado como sinal de possessão ou ‘arte diabólica’ – tal falar em idioma nunca estudado ou aprendido antes... Cf. *Ritual Romano. De exorcizandis obsessis a daemonio: “Signa autem osidentis daemonis sunt: Ignota lingua loqui pluribus verbis, vel loquentem intelligere; ...”* e cf. comentários de prudência em António ROYO MARÍN, O.P., *Teologia de la Perfección Cristiana*, Madrid, ed. B.A.C., 1994⁷, pp. 318-319.

Além do mais pode referir-se uma capacidade de *sono lúcido*, como às vezes se designa a **hipnose**, julga-se que referida neste caso como um transe induzido misticamente, no qual há mesmo o confronto entre o “sonho” e a “realidade”. Cf. *infra* n. 165 e vide André CUVELIER, “Les transes religieuses contemporaines”, in: Didier MICHAUX, *La transe et l’hypnose*, Paris, Imago, 1995, pp. 177-186, sobretudo p. 181: “...ces caractéristiques chez beaucoup de nos mystiques chrétiens qui, durant des années, ont lu et relu, médité et prié les textes sacrés leur permettant de vivre le mystère de mort et de résurrection du Christ.” A seguinte descrição é bem significativa daquele estado de tipo hipnótico: “M. disse-lhe [ao demónio que lhe aparece] que ele fosse ajoelhar-se aos pés de Jesus a pedir perdão. O demónio então dava grandes gritos que ecoavam na mata. (...) M. disse-lhe que voltasse ao inferno... Novos gritos da parte do demónio. Depois o demónio subiu por uma árvore grossa e deixou-a cair para matar a M. A árvore pôs-se outra vez em pé. Na sua fúria o demónio agarrou nela [M.] e deu-lhe socos, arranhou-lhe as pernas e rasgou o seu livro de devoção (que afinal depois apareceu inteiro à cabeceira da cama). O demónio torcia a árvore, que rasgou, partiu e caiu de vez.” (VM, 143) E na descrição que em primeira pessoa faz desta cena a própria M., acrescenta: “Pareceu-me que ia desmaiar, mas de repente comeci a ouvir lindos cânticos e a Imagem de Nossa Senhora começou a estar iluminada. (...)” – e diz mais adiante: “A árvore que o inimigo tinha quebrado, e que eu tinha a certeza que estava partida, conservou-se de pé enquanto rezámos e ninguém deu por isso. Só depois de irmos longe na volta duma rua é que a ouvi cair. Nessa tarde fiquei tão doente que fui para a cama e já não saí.” (VM, 145: «Cópia de carta – Quarta-feira, dia 20 de Abril, de 1955», longa transcrição a pp. 144-145).

⁷⁰ Cf. VM, 156 citado no texto *infra*. Vide também testemunhos de “clarões” até de cores. A discriminação das diferentes cores dessa aura de luz espiritual é indicada em vários passos em referência às diferentes ‘entidades’: dentro do “clarão enorme muito branco, que iluminava a

tratasse do que os espíritas designam pelas manifestações luminosas do ‘ectoplasma’, do que noutra linguagem orientalizante se diria pela evidenciação de um corpo astral ou de luz, o que na tradição religiosa bíblica se preferiria referir como um fenómeno de aura luminosa.⁷¹ Independentemente do nome e sequer de saber se é claridade celeste, se até efeito pernicioso do ‘anjo de luz’,⁷² e de diagnosticar se é graça de Deus,

casa toda” (VM, 42) distinguem-se o fulgor de Jesus, distinto do de S. António e de Nossa Senhora: “*Quando a luz veio, ela já sabia que era Jesus, pois é uma luz diferente da luz de S. António, que é branca, e da luz de Nossa Senhora, que é azul. A luz que anuncia a vinda de Jesus é muito brilhante.*” (VM, 44; também VM, 37); confirma a luz azul da visão mariana: “*Veio vestida de azul, como é azul a luz que A acompanha.*” (VM, 50) ... Também há, por vezes, uma “chuva” luminosa atestada noutras intervenções da Virgem, sobretudo nas aparições de Fátima (cf. VM, 49), que não está totalmente identificada por M., que noutro caso opta pela imagem de um terço (rosário) muito longo pendente até à terra... Contas, pétalas, pérolas luminosas... (cf. VM, 17) ou luminosidades intensíssimas do Céu (cf. VM, 59) que *prejudicam a visão discernida.*

Caso ainda da visão do Menino Jesus com um objecto na mão: “*...viu Nossa Senhora com o Menino Jesus ao lado e São José. O Menino Jesus estendia uma mão que segurava alguma coisa, que M. não pode dizer o que era.*” (VM, 138; mais do que o ceptro ou a ‘bola’, – identificada em VM, 68, como: “*uma bola de brincar*”, – outrossim, ‘esfera do mundo’, como símbolos bem patentes nas figurações de pagelas e quadros convencionais..., parece aqui haver a *visão de algo* que por não ter identificação óbvia no mundo da percepção vulgar, assim é lido...) Outro objecto por identificar é visionado nas mãos de S. António: “*M. tinha a impressão que o santo tinha um objecto redondo, branco, que ele punha em cima das mãos, e, enrolando o cordão do hábito em volta, disse que M. atendesse todas as pessoas que viessem visitá-la (...)* [Se M.] *lhes apertasse a mão e interiormente rezasse, Nosso Senhor não permitia que tais pessoas se perdessem. Que foi por isso que o santo tinha ligado as suas mãos com o cordão.*” (VM, 13)

E, enfim, embora não haja referência visionária ao Espírito Santo, a não ser que se queira entender a aparição de uma “ave” como disso simbólica (VM, 26: “*...em Junho de 1949... [M.] viu no céu, no meio dum círculo de nuvens um pássaro grande com as asas muito compridas e das pontas das asas veio luz até à terra, tão intensa que fazia doer os olhos.*”), tal como na parte actualmente revelada do Terceiro Segredo de Fátima, sob a forma de Anjos mensageiros, neste caso, e também numa visão tida por M. em Fátima, refere-se que “*viu também dois anjos de outro lado, que deitavam para baixo uma espécie de fogo muito encarnado.*” (VM, 68) (cp. “aspersão” com o Sangue dos mártires?...), voltando ao simbolismo vermelho do Fogo do espírito... cf. Congregação para a Doutrina da Fé, *A Mensagem de Fátima (o Segredo)*, trad. Lisboa, Paulus, 2000, p. 29: “*Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n’êles recolhiam o sangue dos Mártires e com ele regavam as almas que se aproximavam de Deus.*” Vide ainda *infra* n. 144.

⁷¹ Cf. *supra* n. 108... No caso de “*Nossa Senhora, como da outra vez, vinha dentro duma nuvem muito branquinha.*” (VM, 36) Cf. Joacim BOUFLET, *Encycl. des phénomènes extraordinaires dans la vie mystique*, t. I, ed. cit., pp. 63 e segs.: «Les phénomènes lumineux»; M.-M. DAVY e J.-P. RENNETEAU, “La lumière dans le christianisme”, in: Marie-Madeleine DAVY, Armand ABÉCASSIS, Mohammad MOKRI, ..., *Le Thème de la lumière dans le Judaïsme, le Christianisme et l’Islam*, Paris, Berg Intern., 1976, pp. 129-319, sobretudo, pp. 218 e segs.: «Prière ignée et expérience de la lumière»; pp. 271 e segs.: «Lumière et gloire»; pp. 275 e segs.: «Hommes de lumières». Vide n. anterior.

⁷² Cf. 2Cor, 11, 14: “*...o próprio Satanás se disfarça em anjo de luz.*” Cf. *supra* n. 106. Noutra visão é-lhe ensinada a discriminação das diferentes **intensidades de luz e os diversos graus do purgatório**: “*No meio do abismo havia mais luz, e na parte de cima também havia fogo mas ainda mais luz... O Santo explicou que as almas pouco a pouco subiam na medida da sua purificação. M. viu muitas crianças na parte de cima. Nossa Senhora estava por cima com vestido de cor escura e tinha um escapulário na mão, com que tirava as almas de cima para fora do Purgatório. M. viu também que Nossa Senhora era rodeada de muitos anjos, que todos*

ou apenas tal resultado de um exercício extremo de forças psíquicas, – o que se verifica é que *nessa luminosidade* se encontra o “lugar” *para as várias visões* e também para uma determinada indução de tal sagrado como bênção para o lugar, as pessoas junto ou na circunstância em causa.⁷³

Parece ser um dos elementos-chave e catalisadores de todo o estado interior, quer na possibilidade visionária e passiva, quer na projecção de imagens também fantasiadas pela própria: um meio *luminoso* que nem é luz exterior, nem lucidez interior, mas uma claridade intermediária, lábil, quase líquida e assim adaptável a todas essas configurações e aberturas de consciência.

Também é um fulgor visível para outros: **“Acordando às 2 horas, o Prof. Y viu entrar pela bandeira da porta, apesar de forrada de papel, uma luz branca muito brilhante e tão intensa que lhe**

tinham asas. (...) Ela disse...estar admirada de que estes anjos tivessem asas, visto que os anjos que ela viu no Céu e o seu Anjo da Guarda não as terem.” (VM, 107); cf. ainda *supra* n. 142. Esta visão da Mãe de graças como *Stella maris*, lenitivo ou bálsamo das almas do Purgatório é um *topos* clássico, *vide* paralelo, por exemplo, em St^a. FAUSTINA KOWALSKA, *Diário*, § 20: “*Vi a Mãe de Deus que visitava as almas do Purgatório. Almas estas que chamam a Maria, a «Estrela do Mar» (...)*”; e *vide* ainda *supra* n. 106.

⁷³ *Vide* n. seguinte. Irradiação que provém de Jesus, ou do Sacrário (SS^{mo}. Sacramento) (cf. VM, 12-13...), ou do Cálix com o Preciosíssimo Sangue, ou também da Santa Face (devoção a que M. não só adere mas que muito incentiva na divulgação – VM, 143, 146... – a instância do seu santo Guia): VM, 70: “...*viu a Santa Face de Jesus por cima do cálix, coberta com Sangue e 3 anjos em adoração* [como símile da Trindade?].”; (cf. *infra* n. 146 e *vide* Roland MAISONNEUVE, *Les mystiques chrétiens et leurs visions de Dieu un et trine*, Paris, Cerf, 2000, pp. 101 e segs.) Essa luz chega a ser, da perspectiva visível, tão intensa que acaba por magoar os olhos: “*Logo abriu-se o clarão em volta do altar, que parecia a luz, que acompanha Jesus, quando vem. A luz durou durante toda a S. Missa e era tão intensa, que a vista de M. ficou encadeada, de tal maneira que o olho direito ficou vários dias a chorar.*” (VM, 66); “*O santo disse que a inflamação do olho veio realmente da luz, (...).*” (VM, 68).

Quanto à *devoção à Santa Face*, na herança do *tópos* piedoso da “Verónica”, como ‘vero ícone’ e rosto que se pretende ainda no Santo Sudário de Turim, é sabido que se baseia nas revelações particulares à Ir^a. Maria de S. Pedro e da St^a. Família, carmelita em Tours (1816- 1848; cf. Soeur Marie PASCALE, *Soeur Marie de Saint Pierre et de la Sainte Famille, Carmélite de Tours*, Paris, de Guibert, 1996), muito ajudada pelo Santo Homem de Tours – Monsieur Dupont –, que auxiliou numa grande divulgação, através de pagelas, medalhas, etc. Esta devoção está ainda ligada à herança mística das visões de St^a. Gertrudes de Helfta (*Exerc. III* e segs.) e de Matilde de Magdeburgo, muito associada à veneração encarnada na Santa Humanidade, Coração, Sangue e, assim, Rosto de Cristo. Ainda St^a. TERESA DO MENINO JESUS foi sensível a esta nota de Jesus sofredor, qual renovado *Ecce Homo* de St^a. TERESA DE JESUS (*Vida*, 9, 1; ed. cit., p. 63), quando até inscreve no seu nome religioso: *Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte-Face* (a família Martin, já partilhava esta devoção desde 1885). Cf. Ms A, 71r^o, 85v^o (ed. cit., pp. 222 e seg e 274 e seg.) expressão gráfica no “brasão” de St^a. Teresinha (em Jan. de 1996) e mais recente, e em paralelo cronológico com o caso em apreciação, a Ir^a. Pierina Micheli (Elena Aiello) falecida em 1945 e que foi também extraordinária visionária e divulgadora da devoção à Santa Face, espalhando-a através de uma medalha com a réplica do Rosto segundo o Sudário de Turim.

iluminava o quarto. Essa luz, quanto a tonalidade e intensidade, era muito diferente da que poderiam produzir isoladamente ou em conjunto as lâmpadas eléctricas existentes no quarto da doente [M.]. A mesma luz foi vista pelo filho do casal...no corredor da casa, quando saía do seu quarto de estudo para se ir deitar.” (VM, 156)

Já oito anos antes, e até há mais tempo, ao longo dos vários fenómenos estranhos, bem assim das visões e mensagens, constatava essa luz extraordinária surgida durante a oração nocturna: *“De noite, durante a oração, via M. uma luz extraordinária no seu quarto, sem saber donde vinha. A primeira vez que a viu, aproximou-se da janela para ver se vinha de fora; mas não, lá fora estava tudo escuro, a luz só brilhava no quarto. M. guardou muito tempo este segredo (...).” (VM, 2)*

No entanto, deve dizer-se que este fenómeno ‘diorático’, tantas vezes atestado noutros casos similares, não foi muito directamente apreendido, já que só alguns familiares ou a filha ainda criança disseram haver visto essas manifestações. Nunca presenciado como uma luz que se derrame do corpo próprio, mas caracterizada pela própria como um ‘clarão’ que vinha de fora, ou do alto, e invadia o seu quarto, onde depois se davam as visões de santos e as santas comunicações.⁷⁴

Quando se trata de Jesus *“vem desta maneira: chega uma nuvem ao meio do quarto, abre-se e aparece Jesus vestido de branco com uma capa encarnada ...” (VM, 134)*

No caso de uma visão mariana: *“[M.] viu de repente um clarão, que sobressaiu da própria luz do sol. Uma nuvem branca saiu do azul do céu e foi pairar por cima do hospital e alargou-se até formar um traço. A seguir veio com velocidade outra nuvem, parar por cima da primeira, abriu-se e nela apareceu Nossa Senhora. Apesar da grande distância entre o hospital e as escadas da Basílica viu Nossa Senhora distintamente.” (VM, 5)*

⁷⁴ Habitualmente vê uma “luz extraordinária” muito branca (a que preannuncia a vinda do Santo que a ‘visita’; cf. n. 142) Inicialmente ela mesma duvida da origem dessa luminosidade: cf. VM, 26. Noutro caso, distingue também entre a *irradiação* fulgurante que sai de dentro do clarão *cor de fogo*, – que assinala os raios perfurantes da estigmatização: *“Vi uma luz, cor de fogo, na parede do meu quarto. De lá saíam uns raios que me focavam.” (VM, 39)*; entre essa *“luz encarnada” (VM, 42)* – e a forma *suave e ondulatória* com que chovem as graças de Nossa Senhora: *“... e abrindo as suas santíssimas mãos deixou cair delas como uns cristais, coisas brilhantes como pétalas de cristal, por cima dos doentes.” (em Fátima, Outubro de 1950: VM, 49)*; e vide VM, 91: *“A Mãe do Céu apareceu como «Medianeira de todas as Graças»: Raios de luz saíam-lhe das mãos, que irradiavam em forma de leque.”* Iconografia típica desta identidade mariana, como *Mater misericordiae...* Cf. *supra* n. 144.

Seria, por isso, antes um meio de luz *emanante* do que *irradiante*, ou seja, em que se suspende ou não se consente no derramamento para fora no espaço, mas se faz *ad intram* um lugar – dir-se-ia um domínio cordial, do Coração – em que advêm os fenómenos *interiores* como se, assim, exteriores. Uma espécie de “espelho mágico” da consciência desse modo iluminada...⁷⁵

14 – Visões e identidade das ‘aparições’

Em segundo lugar os *fenómenos de visão* muito projectivos de figuras sagradas (de santos, instrutores espirituais, inclusive de Nossa Senhora ou de Nosso Senhor, para já nem falar da representação popular de Deus Pai como um Ancião barbado...),⁷⁶ *identificadas* na transposição

⁷⁵ Cf. *supra* n. 142 e 145. Vide ainda VM, 136: “...na noite de 2 para 3 de Agosto veio S. António tal qual como vinha antigamente mas com uma diferença, que não veio pela porta, mas sim numa nuvem, de resto como andava no mundo (...)” Repare-se também que tal luminosidade, contra as leis da física e da óptica, tem aqui a sua “catástrofe” para dentro, como se se polisse nela um *espelho de manifestação transcendental*... “A aparição de Jesus era num clarão, e era visível desde a Cabeça até ao meio-Corpo (...)” (VM, 119) – o resto ocultando-se dentro desse clarão, como “nuvem” de tal energia-luz, sob a forma de *globo*. Cf. também VM, 129...; também VM, 159. Há também um testemunho curioso da irmã de M. que “viu duas vezes de noite aquela luz e pôde observar de dentro do seu quarto como todo o quarto de M. estava iluminado e como tudo brilhava.” (VM, 28) Note-se que são as ‘coisas’ que emitem ‘luz’, uma luminosidade que vem *de dentro*... Cf. Celia GREEN e Charles McCREERY, *Apparitions*, Oxford, Inst. of Psychophysical Research, 1975, pp. 8 e segs.: «The Illumination of the Environment».

⁷⁶ As diferentes visões vêm mesmo determinadas pelas **imagens ou ‘sacras figuras’** apercebidas e tornam-se valorizadas até em função de tal *identificação*.

– Na narrativa em causa M. tem a visão muito habitual do Santo que se identifica como Santo António, que ela tinha desde pequena como, e tratava carinhosamente por, seu «Padrinho». (VM, 3...) É *figura de instrutor* e iniciador do seu caminho celeste, muito descrito até no aspecto “físico” cabelos longos e porte, com hábito franciscano ou paramentado, e mesmo em minuciosas descrições destes paramentos, cores, etc. (cf. VM, 9: “(...) *que em criança viu um monge (...) onde ela morava naquele tempo, que lhe disse que não tivesse medo, que ele não fazia mal. M. não sabia quem era aquele padre. Na sua última visita disse-lhe Santo António que foi ele próprio quem ela viu.*”; também: VM, 4, 117...cf. *supra* n. 11) ao invés do Anjo (cf. *supra* n. 144...; cf. VM, 109: “*que parece transparente*”; cf. ainda C. GREEN e C. McCREERY, *Apparitions*, ed. cit., pp. 150 e segs.: «Opacity and Transparency»), e referido sem nome, apenas “da Guarda” ou no plural (VM, 109, 137-138...e n. 90), o que seria significativo de uma instância não-individual mas de *species*, os Santos que M. visiona têm nome e individualidade correspondente às características da respectiva vida terrena.

– Para além de Santo António, St^a. Teresa do Menino Jesus, (invocada no contexto de rosas e penitências, de oração e santidade, vulgarmente chamada «**Santa Teresinha**», VM, 2 e segs.), há como que a transposição deste “par” imaginariamente funcional (*animus* – *anima*, também “masculino” – “feminino”)...cf. C. G. JUNG, *Mysterium Coniunctionis: Untersuchungen über die Trennung und Zusammensetzung der seelischen Gegensätze in der Alchemie*, Zürich, Rascher V., 1955-1956, t. I, pp. 104 e segs.), nas visões também de outras duas figuras excelsas: Jesus (não designado na narrativa por Cristo, mas muito pela fórmula **Nosso Senhor**...) e **Nossa Senhora** (assim referida, embora também por epítetos como Mãe de Misericórdia, Nossa Senhora das Graças – “**Medianeira de todas as Graças**” (VM, 91), da Purificação, em iconografia própria: VM, 140:

das “figurações comuns” por ela já vistas (em igrejas, em livros e pagelas, no imaginário das narrativas estilo *legenda aurea*), confirmam essa individualidade do âmbito sagrado de acordo com o recorte que o psiquismo densificado e num gume muito fino é capaz de talhar numa tal matéria subtilíssima das impressões sensoriais, ou dita ‘astral’, e que como um líquido se deixa moldar pelo vaso que o contenha.⁷⁷ Isto não significa que tais “entidades”, assim densificadas e como que cristalizadas por um

“*Nossa Senhora estava vestida de branco com um cinto doirado e com muitas estrelinhas no fato branco. Tinha uma capa azul aos ombros e um véu branco na cabeça e apresentou-se como Nossa Senhora da Purificação, dizendo que M. mandasse fazer uma imagem assim.*”...).

– Aquém dos Santos instrutores fica ainda um outro par de figuras vistas: o P. Cruz referido nas suas intercessões *post mortem* (VM, 6, 104 e 111...), e a Sãozinha (de Alenquer), embora só mencionada uma vez (VM, 9: “...a Sãozinha já em criança rezava muito a S. Teresinha”).

– São ainda referidas as visões associadas a Santo António, de S. Francisco de Assis (VM, 118...), e, no feminino, de St^a. Rita (VM, 91 e 130), de St^a. Margarida Maria Alacoque ou St^a. Gertrudes de Helfta (nomeada como “*uma Freira, que tinha um coração nas mãos, segurando-o com um pano*” VM, 75; a identificação é sugerida pelo confessor: VM, 77, e confirmada por “N^a. Sr^a. como sendo St^a. Margarida Maria” em VM, 78), ou a Sagrada Família em ligação com N^a. Senhora (VM, 68-69). Cf. VM, 130: “*Durante esta agonia viu M. o Céu e os santos, como S. Teresinha, S. Margarida Maria, S. Rita e S. António, enfim todos com uma coroa linda na cabeça* [visão, assim, da auréola?]”

– As referências ao **Deus Menino** são escassas (VM, 68, 69...), o que se poderia explicar do ponto de vista do seu imaginário libidinal, na não necessidade que esta leiga, casada que era, teria de evitir o erotismo sacro face ao Homem-Deus preferindo-Lhe a representação inocente (“assexuada”) do Menino, como com frequência se psicanalisa em vários casos de visões por parte de freiras ou mulheres consagradas.

– Interessante, ainda com relevância psicológica, é no caso de M. as imagens masculinas do poder (‘na estátua do Sagrado Coração de Jesus, em Fátima, «Cristo Rei»’: VM, 138), como **figura paterna**, desde o «Pai espiritual» (o confessor, com quem chega a confundir, uma vez, o «Padrinho»: VM, 105) até ao Sumo Pontífice (cf. até: “*Jesus, vestido de Pontífice, celebra a S. Missa*” VM, 110) e, sobretudo, na visão de **Deus Pai**, na iconografia popular e antropomórfica do Ancião de barbas longas e venerando (também como o “Ancião dos dias” de *Dan* 7, 9, 13... em hebr. *hattiq yômawayâ*, ou no gr. *palaiôs hemerôn*, e do *Ap* 1, 10-18) Cf. VM, 68: “*Também viu um ancião com barbas brancas e cabelos caídos até aos ombros. M. não soube dizer quem era e já O tinha visto noutras aparições.*” (passa-se vem Fátima, Outubro de 1951); numa visão do Céu concretiza-se: “*Jesus mostrou o Céu a M. e ela viu o Pai Eterno: Cabeça, barbas e meio-corpo, o resto do corpo ficou num esplendor muito grande. Viu Jesus inteiro ao lado do Pai e Nossa Senhora de pé ao lado do Pai. Jesus também explicou que no Céu só Jesus e Nossa Senhora estão com corpo e alma; que o Pai não tem corpo; que Jesus é nosso Irmão e que o Pai criou o mundo e governa o mundo.*” (VM, 129; de notar o esclarecimento da “incorporalidade” do Pai em contraste com a sua, então, “fantasmática” visão; também a ausência de indicação trinitária, numa “teologia” que parece invocar arquétipos do Pai, da Mãe e do Filho ainda que nessas outra expressões...). Este “imaginário” trinitário, como ainda na visão de Lúcia, em Tuy (*vide supra* n. 113), inspira-se também de A.K. Emmerick e provém desde Hildegarda de Bingen, e de St^a. Brígida da Suécia... *vide* Roland MAISONNEUVE, *Les mystiques chrétiens et leurs visions de Dieu un et trine*, ed. cit., pp. 101 e segs. *Vide supra* n. 142 e *infra* ns. 150 e 182.

⁷⁷ É muito discutível, no plano subtil e visionário de psiquismo tão sensível face à real comunicação espiritual, se não impregna o **metamórfico do visionável** ao modo da *vidência* e das suas “informações” próprias – no caso, de ordem iconográfica e da mnésica representação da imagem de Deus e dos Santos... *Vide* n. anterior. É ainda o caso, por exemplo, da projecção de uma *protecção* que M. se vê ser para com Jesus: “*De repente ouviu M. que atiravam pedras a Jesus, mas quando Jesus passava por entre a multidão indo-se embora, nem uma pedra caiu mais.*” (VM, 69)

imaginário assim criativo e muito frequente, não reflectam essa marca assim como que gravada ainda que pelo ‘vento do espírito’ nessa argila desse modo arquetipicamente plasmada.⁷⁸

15 – *Hermenêutica da visão em termos imaginários*

Valerá a pena citar aqui, um pouco mais detidamente, algumas das palavras de hermenêutica que, a propósito do comentário teológico acerca do “segredo” de Fátima, foram produzidas pelo actual Papa Bento XVI, então, Cardeal Joseph Ratzinger, pela Congregação para a Doutrina da Fé. Situando tal visão no âmbito da *visio imaginativa*, (nem sensível, nem intelectiva) afirma: “*Este ver interiormente não significa que se trate de fantasia, que seria uma expressão da imaginação subjectiva. Significa, antes, que a alma recebe o toque suave de algo real mas que está para além do sensível, tornando-a capaz de ver o não-sensível, o não visível aos sentidos: uma visão através dos «sentidos internos». Trata-se de verdadeiros «objectos» que tocam a alma, embora não pertençam ao mundo sensível que nos é habitual.*”⁷⁹

Considera, por isso, uma especial necessidade de discernimento entre o que fosse projecção ainda subjectiva e essa outra dimensão da

⁷⁸ Cf. *Jo 3*, 8. Vide n. anterior. Poderia levantar-se a dúvida sobre a **identidade da “visão”**, independentemente de *quem se diz que ela é*, pois o *nome* que usa ou que identifica essa “pessoa” pode constituir mais o chamamento ‘genérico’ de *várias instâncias que aspirem a tal personificação*, mais um “molde” de ser, do que o único de determinada individualidade. Um pouco como se passa no teatro em que o personagem pode receber várias interpretações consoante os actores variados que a desempenham... M. tem estados “confusionais” óbvios, como quando toma o confessor por S. António e lhe fala como se tratasse desse “personagem”: “...*Estava ela muito doente...*” – **refere o confessor** – “*Vomitava sangue e não estava consciente do que se passava em volta. Pareceu ao confessor que M. pensava que este era Santo António, agarrou na estola e na mão do confessor e disse: «Querido Padrinho, leva-me ou fica comigo. (Como no dia seguinte o Santo disse a M., <estava> [tinha estado] Ele sempre presente).*” (VM, 105) Aliás, na tradição visionária como na prática clínica (casos de esquizofrenia) é longa a lista de identificações de figuras que se apresentam como Santos, como Jesus Cristo, etc. Apesar de toda a plastia antropomórfica do relato de M. isso não significa que no seu plano “celestial” próprio essas figuras não se metamorfoseiem a partir de outras instâncias cuja radicalidade aponte, de facto, para o divino, o angélico, a comunicação de Santos... No nível imaginário os “personagens” acabam por ser *realíssimos* comparados com a aparência física que fosse perceptível. Cf. VM, 85: “*O que vês (o corpo de S. António) não é nada.*”; VM, 118-119: “*S. António aparece muitas vezes «de velho» pedindo esmolas...*” Este divino disfarce – sob a capa de mendigo... – é tema retomado na literatura mística: vide St^o. CATARINA DE SENA, in *Vita...* por B^o. Raimundo de Cápuá, II, c. 3, ed. cit., pp. 142 e segs.

⁷⁹ Cf. Joseph RATZINGER, “Comentário Teológico”, in: Congregação para a Doutrina da Fé, *A Mensagem de Fátima (O Segredo)*, ed. cit., pp. 51-52. A base é sempre a doutrina dos vários tipos de *visões* de St^o. AGOSTINHO, *De Gen. ad litteram*, XII, 36, 69: “*Nimirum enim erunt et tunc ista tria genera visionum, sed nulla falsitate aliud pro alio approbabitur, nec in corporalibus, nec in spiritualibus visis; multo minus in intellectualibus, quibus ita praesentatis et perspicuis perfruetur (...).*”

realidade imaginária: “Por isso, exige-se uma vigilância interior do coração, que, na maior parte do tempo, não possuímos por causa da forte pressão das realidades externas (...). Pois, “como dissemos, a «visão interior» não é fantasia, mas uma verdadeira e própria maneira de verificação. Fá-lo, porém, com as limitações que lhe são próprias. Se, na visão exterior, já interfere o elemento subjectivo, isto é, não vemos o objecto puro mas este chega-nos através do filtro dos nossos sentidos que têm de operar um processo de tradução; na visão interior, isso é ainda mais claro, sobretudo quando se trata de realidades que por si mesmas ultrapassam o nosso horizonte. O sujeito, o vidente, tem uma influência ainda mais forte; vê segundo as próprias capacidades concretas, com as modalidades de representação e conhecimento que lhe são acessíveis.”⁸⁰

E conclui tal consideração: “Assim, tais visões não são em caso algum a «fotografia» pura e simples do Além, mas trazem consigo também as possibilidades e limitações do sujeito que as apreende.”⁸¹

16 – Visões e comunicações

Por outro lado, na clássica, mas pobre distinção, entre o ‘subjectivo’ de tais visões apenas observadas pela própria, e o que fossem aparições, do foro ‘objectivo’, ou apreciáveis por outrem, não se pode deixar de sublinhar que existe nas narrativas em causa a pretensão de as entender nesse plano verificável por outros, até pelo símile que se deseja em relação à mensagem de Fátima, ao “milagre do sol”...⁸² e também pela referência aos fenómenos meteorológicos

⁸⁰ *Ibid.*, pp. 51-52. Cf. *supra* n. 149, ainda na lição escolástica de que o ‘dado’ é recebido *in modo recipiendi*... cf. S. TOMÁS DE AQUINO, in *De an.*, II, 24, 552-554...

⁸¹ *Ibid.* Cf. nossa reflexão sobre o estatuto da *imago*, em Carlos H. do C. SILVA, “O Imaginário na Filosofia – Da imagem intermédia ao imaginário especulativo – ou do pensar por interposta «pessoa»”, in: Alberto Filipe ARAÚJO e Fernando Paulo BAPTISTA, (Coord.), *Variações sobre o Imaginário, Domínios, Teorizações, Práticas hermenêuticas*, Lisboa, Instituto Piaget, 2003, pp. 287-336.

⁸² Enquadramento continuado da **fenomenologia de Fátima**: cf. *supra* ns. 5 e 78; *vide* ainda Carlos H. do C. SILVA, “Aparições e experiências místicas – Reflexão sobre o fenómeno de Fátima e contributo para uma sua renovada meditação espiritual”, in: Várs. Auts., *Fenomenologia e Teologia das Aparições*, («Actas do Congresso Internacional de Fátima», 9-12 Outubro de 1997), Fátima, ed. do Santuário de Fátima, 1998, pp. 353- 393. Assim, nesse contexto, a seguinte visão: “*Lá estava Santo António à espera. De repente ela viu os três pastorinhos de Fátima, de joelhos, viu o rebanho e Nossa Senhora em cima duma azinheira. Nossa Senhora era linda, linda. Também viu Jesus tal qual como é quando [lhe] aparece <a ela> no quarto. (...).*” (VM, 68) O elemento “solar” da Relíquia ecoa ainda o registo da comunhão angélica segundo as revelações de Lúcia: “*Estando, pois, aí, apareceu-nos [o Anjo] pela terceira vez, trazendo na mão um cálix e sobre ele uma Hóstia, da qual caíam, dentro do cálix, algumas gotas de sangue. Deixando o cálix*

estranhos, que se crê acompanharem alguns dos passos videnciais em questão: ventos muito fortes, mudanças súbitas dos ares, derrube de objectos ou movimentos bruscos, etc.⁸³ Mais que a passagem de manifestações *visionárias* para outras *visíveis*, ou assim apreciáveis por outros, deve notar-se que grande parte dessas ‘descrições’ são *testemunho exclusivo da própria*, o que poderia levar a supor uma ‘fraude inconsciente’, por exemplo na bofetada que diz ter levado do “ranhoso” (o Diabo), podendo ser tantas vezes induzido como fenómeno hipnótico e de auto-punição, etc.⁸⁴

17 – Ilusionismo preternatural

Noutros casos pensar-se-ia, efectivamente, na presença de fenómenos preter-naturais de ordem diabólica, independentemente da narrativa projectiva e de reacção psicológica que em relação aos mesmos aconteça.⁸⁵ Basta dizer que a simulação da possessão é um

e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração: «Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra (...).» (Ira. LÚCIA, *Memórias*, ed. cit., p. 157) Sublinhe-se aquele contexto de “milagre eucarístico” também presente no *Sangue*. Cf. *supra* ns. 15 e *infra* n. 167.

⁸³ Tanto **fenómenos ‘meteorológicos’**, dir-se-ia, “plásticos” e também influenciáveis por certos estados psíquicos de natureza astral, que exprimam ambiências celestiais, – *vide*, por exemplo, *VM*, 17: “...*Irradiava tanta luz disso [de uma luz muito clara em forma redonda], que o terreno onde se encontravam parecia estar cheio de pérolas; árvores, pedras, tudo brilhava.*” – , como de manifestações negativas ou ‘diabólicas’: “*Tudo estava em paz e era noite profunda. M. sentou-se numa cadeira no pátio mas de repente começou um barulho infernal em volta dela e soprava um vento de redemoinhos.*” (*VM*, 96) São vários os passos relativos a tal turbulência e barulho infernal: *VM*, 92, etc. O que está adentro da tradição clássica, até pagã, segundo a qual a moção dos “ares” – dos *meteora* – corresponde a esse mundo também ‘preternatural’ e de luta entre os anjos bons e maus: cf. Peter BROWN, *The Making of Late Antiquity*, Cambridge (Mass.), Harvard Univ. Pr., 1978; trad. franc., Paris, Gallimard, 1983, pp. 21 e segs.: «Un débat sur le sacré».

⁸⁴ Assim, popularmente, se refere o *Maligno* por “ranhoso” segundo os depoimentos de Irmã D. e irmã G. (apensos ao *VM*, a pp. 167, 168, 169) *sobre os acontecimentos diabólicos* ocorridos em Castelo Branco e também narrados em *VM*, 142-143 e 144-145. cf. *VM*, 169: “*Outra vez encontrava-se a M. no jardim... debaixo dum cedro a rezar e fazer penitência pelos sacerdotes, quando o ranhoso lhe deu uma grande bofetada. A M. comentou depois para as pessoas presentes (...): «Querem lá ver que nunca apanhei do meu [marido] e levei uma grande bofetada daquele ranhoso!»* “ *Vide* excertos citados abaixo no corpo do texto; cf. também n. seguinte. A perturbação é consentida, segundo M.: “*O Santo disse que Jesus deu permissão ao demónio para atormentar M.*” (*VM*, 92) e *vide supra* n. 138.

⁸⁵ Não sendo aqui ocasião para discutir o porte do *diabólico* ao longo desta narrativa, não se deixa de sublinhar a *frequência* e o quase constante “contraponto” com as graças de Deus, desta voragem de luz, ou deste lado sombrio até do seu mesmo psiquismo... Cf. vários contributos em: Jeremiah ABRAMS e Connie ZWEIG, (eds.), *Meeting the Shadow, The Hidden Power of the Dark Side of Human Nature*, N. Y., G. P. Putnam’s Sons, 1990, pp. 165 e segs. Há como “lugar” destas visões o conhecimento também vidual do mundo infernal. Tal como na visão do **Inferno** mostrada aos Pastorinhos, segundo se refere nas Aparições de Fátima (Ira. LÚCIA,

traço também psicologicamente conhecido e até habitual. No caso da narrativa em causa conta-se significativamente o seguinte: “...*Veio o Santo e falando da possessa disse que aquela mulher era sim incomodada pelo demônio, mas que não era possessa, e que [M.] dissesse isto ao confessor. (...) Em vez de água benta usou o confessor água vulgar e a mulher reagiu fazendo caretas, por conseguinte era um engano.*” (VM, 63)⁸⁶

Há também descrições do aparecimento do demônio, segundo o imaginário próprio dessa visão: “*De noite veio o demônio à porta da entrada do quarto, que se abriu. Ela [M.] viu uma cara redonda, num clarão encarnado, de fogo encarnado. Viu uma mão com um frasco e disse o demônio: «Sou eu, que tenho sempre deitado aquele perfume no quarto.» Nisto, soprou por cima do frasco; caiu um chuvaireiro mas não entrou no quarto, caiu tudo ao lado dele. M. fechou os olhos e chamou por S. António, que logo veio e a sossegou.*” (VM, 139)⁸⁷ Já

Memórias, ed. cit., p. 105: “...um grande mar de fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados em esse fogo, os demônios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras (...).”, assim a descrição deixada pelo testemunho de M. tem muitos traços idênticos: “[Verão de 1950] *Uma vez no pátio [de uma casa em Vila Franca] tomou S. António M. pela mão e, sem que ela pudesse explicá-lo, começou a terra a girar debaixo dos seus pés; a terra parecia-lhe dar uma volta e depois olhou M. para um abismo profundo cheio de fogo, um fosso muito fundo com labaredas enormes muito encarnadas. Aquele abismo tinha em toda a parte uma espécie de fornos e M. viu imensas almas nas chamas, mas em figura visível [ou seja, como se em corpo físico]. Saí-lhes fogo da boca, como se estivessem dentro a arder. M. reconhecia várias caras, sem no entanto poder dizer quem eram. Também viu muitos sacerdotes no inferno e também freiras.*” (VM, 32; note-se a preocupação com a condenação destes consagrados e a iconografia tradicional do “fogo” do inferno, com as labaredas, etc.) Neste caso não são ‘visíveis’ os demônios ao contrário daquele paralelo de Fátima, aliás, no eco do imaginário da «*Missão Abreviada*» (muito popular, da autoria do P. J. Couto) ou de «Catecismos» por imagens, ou com gravuras, que repunham toda essa representação escatológica dos “castigos infernais”... já presentes desde Dante e do imaginário islâmico medieval (cf. M. ASÍN PALACIOS, *La escatología musulmana en la Divina Comedia*, Madrid, Instituto Hispano-Árabe de Cultura, Madrid, 1961), também de St^a. FRANCISCA ROMANA, *Tratado do Inferno...* (séc. XIV), também em St^a. TERESA DE JESUS, *Vida*, 32, 1-9, ed. cit., pp. 173-175 (“*es tan pesilencial lugar...*”). Cf. outros dados históricos em: Robert MUCHEMBLED, *Une histoire du diable, XII^e-XX^e siècle*, Paris, Seuil, 2000, pp. 249 e segs. Adolphe GESHÉ, “Le mal et l’imaginaire en théologie”, in: Myriam WATTHEE-DELMOTTE e Paul-Augustin DEPROOST, (eds.), *Imaginaires du mal*, Paris/ Louvain-la-Neuve, Cerf/ Univ. catholique de Louvain, 2000, pp. 13-19. Ainda problematização teológica em Hans Urs von BALTHASAR, *L’enfer, une question*, trad. do alemão, Paris, Desclée, 1988 e Jacques ELLUIN, *Quel enfer?*, Paris, Cerf, 1994, pp. 153 e segs.

⁸⁶ Cf. J. LHERMITTE, *Mystiques et faux mystiques*, ed. cit., pp. 176 e segs., a propósito desta “demonopatia” cuja simbolização pode conduzir à análise do carácter *desviantes* e “teatral” da dissociação de **situação pseudo-“possessiva”** (como até por vários passos de VM, parece ter sido caso com M.). Alerta ainda este investigador para os “riscos do exorcismo” fora de contexto espiritual (*ibid.*, pp. 217 e segs.) Sobre esta encenação da possessão vide, Id., *Vrais et faux possédés*, Paris, Fayard, 1956, pp. 115 e segs.

⁸⁷ Cf. *infra* ns. 158, 159 e 169.

também o maligno é “personificado” como “*um monstro muito feio, em figura de macaco...*” (VM, 16), “*na figura dum cão*” (VM, 156), e como “*besta infernal*” (VM, 116)

Também há dúvidas da própria M. perante a visão de Nosso Senhor: “*M. teve medo que tudo fosse engano do demónio, já que Nosso Senhor disse que o demónio podia tomar a aparência de Nosso Senhor ou dos Santos, mas que o demónio nunca aparece com o crucifixo.(...)*” (VM, 22)⁸⁸

18 – *Audições místicas*

Aliás, aquele tipo de dúvida pode tornar-se amplificado, se se tiver em consideração a descrição dos fenómenos de audições “místicas”, não tanto por parte da própria no que ouve das vozes ou figuras que lhe falam, quer por *palavras explícitas*, quer por “grafismos”, neste caso, inaudíveis mas que vai transcrevendo; outrossim, pelos ruídos ouvidos por outros.⁸⁹ Não são os ‘barulhos’ que ela própria não compreende e que acompanham algumas dessas audições, depois explicadas como provenientes dos meios místicos relativos a tais mensagens,⁹⁰ mas os ruídos que até pessoas e

⁸⁸ É critério tradicional adentro nos sinais de discernimento esta presença ou não do crucifixo junto da aparição. Vide em St^a. TERESA DE JESUS, *Vida*, 29, 5-6, ed. cit., p. 155. Sobre a (forma da) cruz, do crucifixo no terço do confessor, na visão de M. refere-se: “*Jesus tomou a cruz do terço na sua Mão e perguntou a M. Se ela sabia o que significavam aqueles 4 pontos em flor, nas extremidades. Jesus deu depois a explicação: que era a flor-de-lis, o símbolo dos escuteiros, símbolo de Pureza. Jesus disse ainda muitas mais coisas, que M. não pôde fixar. Jesus benzeu todos os terços (...)*” (VM, 36) (Na fotografia da mão com o estigma, vê-se que M. segura o crucifixo em causa.) Ainda nessa visão parece haver uma certa “cópia” da Santa de Ávila: “*Una vez, tiniendo yo la cruz en la mano, que la traía en un rosário, me la tomo [el Señor] con la suya, y cuando me torno a dar, era de quatro piedras grandes, muy más preciosas que diamantes, (...)*” (St^a. TERESA DE JESUS, *Vida*, 29, 7, ed. cit., p. 156)

⁸⁹ Cf. *supra* n. 113. Nalgum caso refere-se tal *mensagem* a uma curiosa “revisão de texto” feita pela personagem visionária: caso da «*Oração pela Santificação dos Sacerdotes*» (in: VM, 97) composta por M. “*no mês de Setembro de 1952, foi no original corrigida por S. António. O Santo pôs na primeira frase o acento ´ [agudo] sobre a palavra «amantíssimo». M. não sabia também escrever a palavra «glorifiquem». O Santo escreveu primeiro e apagou; depois escreveu ela a palavra. As últimas palavras da oração são de Santo António, mas escritas por M. (Nota do confessor)*” – essas palavras finais são: “*«Coração de Jesus, eu vos amo! Converti os pobres pecadores, que muitos há que nunca Vos conheceram; muitos desprezando os Vossos mandamentos Vos renegaram. Jesus, tende piedade de nós!»*” (VM, 97)

⁹⁰ Cf. VM, 2: “*Então veio Jesus, quer dizer a Santa Face de Jesus, coroada de espinhos e totalmente deformada. Ao mesmo tempo [M.] ouviu uma gritaria medonha e um barulho infernal de muitas vozes. - Mais tarde M. soube que aquele barulho era o dos Judeus amotinados, que exigiam a morte de Jesus no tribunal de Pôncio Pilatos.*” Também audição de ruídos infernais: “*Nas últimas três semanas está o demónio muito zangado, bate muito nas portas e nas janelas e não deixa ninguém descansar de noite.*” (VM, 92) Os exemplos multiplicam-se desta perturbação,

familiares junto ao seu quarto escutaram, por exemplo, como um arrastar de correntes, um folhear de páginas (de missal), um roçar de vestes, etc.⁹¹ – porém barulhos cuja identificação causal não foi presenciada testemunhalmente.⁹²

Também tem a escuta de cânticos, sem reconhecer visualmente quem seja a presença fantasmática que assim os entoia: “*Quando Santo Antônio lhe deu a S. Comunhão, ouviu cantar versos muito bonitos, mas não via quem é que cantava. Dos versos fixou alguns: (...) [cf. últimas três estrofes de oito] «A Jesus todos ofendem/ E flagelam-Lhe o coração,/ Jesus amaldiçoou o mundo,/ E continua a maldição./ / Ao mundo tu queres muito, / Pedes por ele a salvação,/ Mas o mundo não quer/ Penitência nem oração./ / Se todos ajoelhassem/ E pedissem a salvação,/ Jesus lhes perdoava/ E levantava a maldição.»*” (VM, 78)

19 – Transe místico

É por isso que a origem de tais ruídos pode não ter tido tal pretensão “identificação” como *fenómenos sobrenaturais*, mas serem causados por comportamentos da própria em ‘estado hipnótico’ ou de transe. Deve notar-se que o que se designa por transe não se assimila ao que no plano espiritual se designa por êxtase de experiência sobrenatural, de união ou até, preferentemente, de *enstasis* “gnóstica” numa consciência acrescida, nem sequer se confunde com o que num nível psico-fisiológico fosse um estado comatoso e de inconsciência. Trata-se, outrossim, de um estado visionário de alteração psíquica da vulgar representação do mundo, tal que

quicá também induzida ou em espécie de *polter-geist* complementar às forças positivas também, de noite, despertas. Cf. *supra* ns. 113 e 117.

⁹¹ Por exemplo, o testemunho recolhido de L.: “*Ela estava acordada e deu pela entrada de Santo Antônio, pelo barulho que faziam as vestes. Ouviu o Santo folhear um livro (as folhas faziam ruído). E, de seguida, ouviu a voz, como dum padre, que está a celebrar a S. Missa na igreja. Não compreendia nada das orações, como não compreende quando um padre celebra [na época, em latim]. (...) Ouviu a fracção da Hóstia. Não deu pelo perfume. (...) Ouviu o Santo rezar os Padre-Nossos, Ave-Maria e Glória ao Pai, mas não ouviu M. a responder.*” (VM, 67: de notar a presumida identificação pelo ruído das vestes, etc. e sobretudo este último pormenor de *só ser audível uma voz de padre e não a de M.!*: estaria presente um desdobraimento, uma *dissociação* da mesma?...).

⁹² No mesmo caso, referido no testemunho reproduzido na n. anterior, há um outro testemunho também auditivo significativamente diverso: “*G. estava no quarto que fica atrás do quarto das senhoras, no fundo da casa. Estava a rezar o terço, sentado na cama. Ouviu o rangido de roupas, sentiu o perfume «muito activo» que continuou até de manhã, quando abriram as janelas. Ouviu uma voz sumida e o barulho das folhas dum livro, mas pensou que era as senhoras a falar e mexer com coisas de roupa. Só o ruído das folhas parecia vir do quarto de M. Ouviu o ruído dum terço. (...) G. não pensou que foi coisa extraordinária.*” (VM, 67)

é o “objecto” visionário a “prender” ou a reter por completo a atenção lúcida. Donde o carácter *transitivo* deste “estado” em que se perde tal consciência centrada habitual, numa fenomenologia interior paralela à da hipnose, sobretudo tendo em conta uma heteroreferenciação. No caso este transe poderia ser induzido por uma espécie de auto-hipnose (a partir da oração, do visionário da Paixão...) ou constituir-se mesmo pela abertura de consciência e exposição a influência externa (de outras entidades espirituais).⁹³

Tal estado ainda se pode manifestar por efeitos telequinésicos e sobretudo pelas conhecidas transformações do timbre da voz própria, quando era escutada a fala masculina atribuída, por exemplo, ao santo que a visitava.⁹⁴

20 - Paradigma da Mensagem de Fátima

Tanto os efeitos dioráticos, como estes fenómenos acústicos, bem assim como a ocorrência de certos perfumes, tomados como odor de santidade,⁹⁵ associavam-se nesses momentos nocturnos em que ocorriam

⁹³ Cf. *supra* n. 141 e *vide* Didier MICHAUX, “Formes d’hypnose et formes de transe” in: Id., (dir.), *La transe et l’hypnose*, Paris, Imago, 1995, pp. 265- 291. Cf. ainda: André CUVÉLIER, “Les transes religieuses contemporaines”, in: *Ibid.*, pp. 177-186 e Jean-Michel PETOT, “Hypnose, absorption et ouverture à l’expérience”, in: *Ibid.*, 223-234. Este estado de **transe**, afinal com todas estas cambiantes vai ser “interpretado” segundo o modelo da Paixão de Jesus: “...**que M.** [depois da Agonia (Sexta-Feira S.) e antes da Ressurreição (Páscoa)] *continuará a ficar num estado especial até ao momento que Jesus ressuscitou da morte...* - estado de “morte” – “*Assim ficou M. imóvel o resto do dia e todo o dia de Sábado de Aleluia.*” (VM, 60) Não se trata, como hoje se diz, de uma NDE (= “near-death experience”), nem propriamente de um estado de transe inteiramente *lúcido*, já que muitas vezes ‘de nada ou pouco se lembra’: “...*Nosso Senhor disse-lhe muitas coisas, mas M. depois já não se lembrava de tudo.*” (VM, 60) Portanto, um estado semelhante ao da semi-consciência do *sonho*... Todavia, não é isto consequência análoga à da passagem pela hipnose, nem de nenhuma “abdução” ou *raptus mentis*, como melhor se diria, outrossim, um ‘crepúsculo’ interior (um estado de “twilight”), uma espécie de “*sono lúcido*” (cf. Abade Faria, séc. XVIII) distinto, que mais propriamente caracteriza tal *transe*. Diz A. CUVÉLIER, art. cit. *supra*, p. 182: “*On pourrait croire qu’en pleine transe le sujet est isolé du monde extérieur. Mon expérience m’a démontré le contraire, les deux personnalités n’étant pas hétérogènes.*” Cf. *infra* n. 189.

⁹³ Cf. n. 160. Esta voz seria audível para os habitantes na casa de M.: “*As pessoas da casa viram de noite a luz milagrosa de S. António e ouviram os ruídos no quarto que acompanhavam os martírios.* – (Nota do confessor)” (VM, 61); é ainda o Santo que “*as outras pessoas em casa... tinham ouvido tudo.*” (VM, 67). Cf. também n. 114.

⁹⁵ A alteração dita mística dos vários sentidos refere também o olfacto extraordinário, – ainda inspirado por 2Cor 2, 15-16 no contraponto do “bom odor de Cristo” em relação ao que “da morte conduz à morte”, – quer na apreensão de cheiros, quer na produção de um, muitas vezes dito, **odor de santidade**. Cf. Jean-Pierre ALBERT, *Odeurs de sainteté, La mythologie chrétienne des aromates*, Paris, Éd. École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1996, pp. 251 e segs. ; Joachim BOUFLET, *Encyclop. Des phénomènes extraordinaires dans la vie mystique*, t. I, ed. cit., pp. 113

esses “celestes” encontros.⁹⁶ Normalmente detonando-se a horas certas, depois da meia-noite, e correspondendo a uma indução orante cada vez mais habitual, embora também prolongando-se pelos calendários litúrgicos, quer da Paixão e das outras sexta-feiras de agonia, quer das festas e, em especial, dos dias proféticos das revelações de Fátima.

Em 12 de Outubro de 1953, **“chegada a Fátima, pediu M. uma maca no hospital, pois não podia andar. (...) No dia seguinte, durante a procissão da Imagem de Nossa Senhora para a escadaria da Basílica viu a Mãe de Deus. Nossa Senhora apareceu-lhe como das outras vezes, entre o hospital e a Basílica. Nossa Senhora parecia estar longe de M., mas esta via tão nitidamente a Querida Mãe do Céu, como se estivesse ao pé. Os pastorinhos Jacinta e Francisco estavam de joelhos cada um ao lado de Nossa Senhora. Esta aparição**

e segs. ; Xavier YVANOFF, *La chair des anges*, ed. cit., pp. 23 e segs. : «Le corps angélique – L’odeur de sainteté»... Na narrativa em causa há vários exemplos destes perfumes (“cheiro a rosas” VM, 93; “um perfume celeste” VM, 111, “nuvens de incenso” VM, 147 e 148...) que se exalam de forma misteriosa: “Desde que o Santo entrou espalhou-se um cheiro de incenso muito agradável pela casa.” (VM, 66); “Nisto encheu-se o quarto e depois toda a casa de perfume, que durou muitas horas e que foi observado não só pelas pessoas da casa mas também por pessoas de fora (...)” (VM, 136); o mesmo é relatado pelas crianças que entraram no quarto de M.: “L. ...notou um delicioso e profundo odor. Também as crianças invadiram o quarto e uma delas, R..., disse: «M., usa perfume?» Mas ninguém viu S. António.” (VM, 121) Cf. *supra* n. 155. Além disso, é a própria protagonista M. a exalar tal odor: “Neste tempo começou M. a exalar perfume quando transpira. Ela pediu muito a Nossa Senhora que este perfume não viesse. (...)” (VM, 136). O simbolismo do perfume tão volátil e subtil a assinalar o imortal e celeste de uma diversa química da santidade, como testemunhado foi no caso do Santo P. Pio, e de outros estigmatizados...ainda de S. Serafim de Sarov, etc. O contraponto é dado pela diabólica simulação de tal odor, cf. VM, 139 (cf. *infra* n. 161), embora nesta narrativa não sejam referidos cheiros nauseabundos que normalmente acompanham estas outras experiências negativas ou de morte (o ênxofre, o fétido, o putrefacto...) Cf. *supra* ns. 156 e 157.

⁹⁶ **Nocturnas ‘aparições’...** Cf. Aniela JAFFÉ, *Apparitions, an Archetypal Approach to Death Dreams and Ghosts*, Irving (Texas), Spring Publ., 1979, pp. 75 e segs.; Celia GREEN e Ch. McCREERY, *Apparitions*, ed. cit., pp. 18 e segs. – não deixa de ser notório o ciclo quase sempre nocturno das visões e fenómenos estranhos narrados por M., normalmente ocorrendo depois da meia-noite até às três da manhã ou mesmo até de madrugada. (cf. *infra* n. 169) Equivalência, de algum modo, à vigília monástica, na oração solitária ou no ofício longo do monge pelas horas da madrugada... Afastada alguma suspeição de toda uma maquinação de trevas ou de embuste num pseudo-misticismo até confuso, nem por isso as celebrações rituais de noite deixam de ser estranhas e fora do hábito litúrgico. O que terá suscitado suspeitas de “sessões” espíritas, de feitiçaria...: “Na noite de 24 para 25 de Outubro [de 1950] veio o Padrinho e disse que M. (...) oferecesse [o martírio] pelos sacerdotes que falam contra os factos, que com ela se verificaram. Disse que se alguém falasse ao confessor sobre «sessões» na casa de M., que fosse lá ver e assistir à reza do terço.” (VM, 50) Pode, entretanto, esta directa envolvimento da noite sugerir ainda a “noite escura” da purificação (*supra* n. 50) a que M. é conduzida e que chega até a formular-se por uma vez: “Que o demónio vai atacá-la com grandes dúvidas contra a Fé...Que vai ficar numa noite muito escura, onde só a Fé será a única luz.” (VM, 135). Pareceria eco ainda de S. JOÃO DA CRUZ, *Subida...* II, 3, 6: “la noche de la fe será mi guía...”; II, 4, 2: “arrimándose a la fe oscura, tomándola por guía y luz...”, e segs. (ed. cit. pp. 132-133). Cf. *infra* n. 172.

era tão viva, que M. muito claramente via os mais pequenos pormenores, por exemplo o lenço da cabeça de Jacinta.” (VM, 122)⁹⁷

Ao assim convencional do imaginário destas frequentes visões beatíficas contrasta interpretação mais subjectiva ou dramática dos momentos das Agonias. Nestas agonias, que acabam por ser presenciadas ao longo da noite e dia, até por vários sacerdotes além de familiares ou outras pessoas, regista-se, além dos gestos e atitudes facilmente identificáveis pela ‘encenação’ *imaginária da Paixão*, como em tantas outras situações similares, um tipo de *transe estacionário* e duradouro que analogo o leito com o altar ou o madeiro sacrificial.⁹⁸

21 – Mística ‘estacionária’

A ordem que assume ter ouvido ‘de se meter na cama, para não mais se levantar’ oferecendo assim a sua vivacidade, o seu movimento,

⁹⁷ Como noutras suas visões dos “quadros” de Fátima (como ‘*scopèmes*’, na acepção de E. LABORDE-NOTTALE, *La voyance et l’inconscient*, ed. cit., pp. 115-136; vide supra n. 108), sublinha-se aqui a vivacidade e os efeitos “visíveis” em M., segundo se narra de seguida no mesmo passo: “*Chegou uma senhora ao pé de M. (pensando que M. era uma doente que vinha pedir cura a Nossa Senhora) e disse-lhe: «Com certeza vai acontecer um milagre consigo, pois vejo uma coroa de estrelas em volta da sua cabeça e um clarão em volta de si.» M. não sabia que dizer, mas interiormente duvidava que fosse a verdade, pois sentia-se tão indigna. (Mais tarde, no dia 16 de Outubro, repreendia-a S. António, por ela ter duvidado.)*” (VM, 122).

⁹⁸ *Estacionária*, não apenas por penitência, mas como desejo de ficar no seu quarto- templo, junto da Relíquia – Ssmo., vivendo em si e ali todo o mistério eucarístico e redentor... cf. VM, 80: “*Também perguntou Jesus o que ela preferia: «... ou ficar cá de cama, ou ir a Fátima?» Ela respondeu: «O que Jesus quiser.» – Jesus disse: «Não, tu deves dizer o que tu própria preferes.» Respondeu ela: «Ficar cá.» « - Porquê?» perguntou Jesus. «Para nunca deixar o Preciosíssimo Sangue de Jesus no cálix.» Jesus mostrou-se, então, muito satisfeito.”*

Há em toda esta ambiência mística como que **quatro elementos** fundamentais:

1) a atitude de M. como *estacionária*, ou seja, desejando-se imóvel como símile da contemplação de Deus;

2) por outro lado, o *transe* da vivência imitativa da Paixão, sobretudo nas *agonias*;

3) ainda, a centração desse *drama extático* no Sangue, depois acessível através do ‘milagre eucarístico’ e da Relíquia “viva” do Preciosíssimo Sangue (VM, 70...);

4) enfim, a visão sobreposta que reanima da adoração do Ssmo. ou do ‘Preciosíssimo Sangue’ (VM, 77: “... *expôs o confessor a Relíquia do Precioso Sangue para Adoração*” (a 27-28 de Janeiro de 1952)), na Santa Face cuja visão mais intensifica a primeira atitude de oração e reparação (O *Ecce Homo*: VM, 91; a Santa Face: VM, 70 e n. 147).

M. que se oferece (1), a Agonia em que se identifica (2), o Sangue desse mistério de regeneração espiritual (3), mas também física (VM, 74: “*Durante a S. Missa deu[-lhe] Jesus <a ela> de beber, como que uma concha do Precioso Sangue e disse-lhe que podia comungar na mesma de manhã da mão do confessor. S. António ajudou a S. Missa de Jesus.*”), e a sua transfiguração no Rosto amargurado do Redentor (cf. ainda supra n. 145), em que, de certo modo, se pode ver ao espelho, como vítima desse mesmo holocausto (4)... – eis essa crucial concentração simbólica que possibilita todas as demais analogias (leito-madeiro da cruz...) e outras transposições. Mudança de nome, do de baptismo C..., para o ‘dado por S. António’, M. cf. VM, 86 e 87...

nessa espécie de “sepultar-se em vida”,⁹⁹ predispunha a esse máximo dramatismo do movimento e do esforço, carregando essa cruz, levada a sensibilidade adormecida a esse paroxístico despertar na hora densíssima de trevas, ou no drama maior em que o corpo se sente retalhado até à morte na crucifixão.¹⁰⁰ O imaginário deste movimento e desta hipersensibilidade acumulada, e então em manifestação agónica, contrasta (e só é possível) por essa primeira ou básica *imobilidade* de dias ou de muito tempo de *estacionária* na cama.¹⁰¹



Retrato de uma célebre ‘estacionária’, a estigmatizada Teresa Neumann

⁹⁹ Vide *infra* n. 175 e excertos citados a seguir no corpo do texto.

¹⁰⁰ A sempre *Hora de trevas...* também do *Consummatum* redentor; por outro, do tempo de combate mítico ou simbólico com as *horas de trevas* (também de Gethsemani) que, aliás, se contrapõem às 3 da tarde, (da Morte de Jesus, e como particular “Hora da Misericórdia”)... Cf. *supra* ns. 165, 167 e 168 (também nosso estudo: Carlos H. do C. SILVA, “Expressões recentes da devoção à Misericórdia Divina: A «Coroa» e outras fórmulas segundo a mística Faustina Kowalska” (Comun. ao Colóquio «Piedade Popular», org. Centro de História da Cultura/ História das Ideias, Fac. C. Sociais e Hum., Univ. Nova de Lisboa, 20-23 Nov. 1998), in: *Actas do Colóquio Internacional- «Piedade Popular», Sociabilidades – Representações – Espiritualidades*, Lisboa, Terramar/ Centro de História da Cultura/ História das Ideias, Fac. C. Sociais e Hum., Univ. Nova de Lisboa, 1999, pp. 307-325); e *vide* ainda VM, 153: «Os três dias de trevas», (correspondentes às 72 horas da *Paixão*)...

¹⁰¹ Cf. *supra* n. 10. Também entre os primeiros monges cristãos havia verdadeiros “atletas” desta prodigiosa **imobilidade**: os *estilitas*, assim designados por viverem, dia e noite, literalmente em cima de uma coluna, como o célebre S. Simeão...: cf. García M. COLOMBÁS, O.S.B., *El monacato primitivo*, Madrid, B.A.C., 1998 reed., pp. 125 e segs.: «Diversos tipos de anacoretas»; Jacques LACARRIÈRE, *Les hommes ivres de Dieu*, Paris, Fayard, 1975, pp. 183 e segs.: «Stylites et dendrites». Além de longa história dos ‘emparedados’ (na medievalidade; das clausuras em vida como sepulturas...), na época moderna, o *leito* análoga o *sepulcro* e essa *mortificação* como berço e túmulo. Muitas são as mulheres místicas recolhidas ao leito, pelo menos em longos períodos como aconteceu com M. Numa contemporaneidade com este caso citem-se B^{ta}. Alexandrina de Balasar, M^{ra}. Conceição P. da Rocha, lembre-se A. K. Emmerick e Teresa Neumann, ainda Ir^{ma}. Elena Aiello, Luísa Piccarreta, Marta Robin... *Vide infra* n. 175.

Trata-se de algo que é ainda lido por M. como penitência (VM, 47: “*O sacrifício de ir para a cama para sempre...*”): “*Nosso Senhor então disse: Que fosse para a cama e não se levantasse mais sem ordem de Jesus. Que só uma vez por dia comesse o que quisesse e à noite tomasse algum líquido.*” (VM, 46) O leito torna-se um “altar” de transformação do seu ser e, de tal modo, que “*em breve devia viver durante 7 dias só da Sagrada Comunhão; os dois primeiros dias podia tomar um pouco de chá, 3 dias a seguir não tomar nada e depois, outra vez, dois dias um pouco de chá. Durante aquela semana devia ficar na cama.*” (VM, 21). Enfim, chega a estar “*nove dias a viver só com a Sagrada Eucaristia*” (VM, 35) e a partir de 1 de Agosto de 1951, “*foi M. de vez para a cama.*” (VM, 63)

Esta imobilidade como que a garantir indirectamente e numa concentração nesse seu espaço do quarto ou cela, qual “vaso alquímico”, a cristalização ou o acolhimento dessa energia visionária e até assim expressiva fisicamente, é ainda mais aprofundada pelo que no seu caso, como noutros análogos, se sabe serem os prolongados jejuns, inclusive a quase supressão de líquidos, em regimes até de risco vital.¹⁰²

E, quando se diga que tanto esta prática de imobilidade, quanto outros daqueles *métodos de ascese*, são bem conhecidos quer do *yoga* oriental, quer das formas tradicionais de mortificação ascética desde o antigo monaquismo, nem isso elimina a simbiose própria entre a hora de todo esse abnegado esforço e o encontro do dom correspondente.¹⁰³

22 – A mística imaginária: categorias diferenciais

O que se verifica é mesmo a justaposição do que no sentido do espírito crítico e das dúvidas expostas se poderia considerar *um caso de*

¹⁰² Cf. *supra* n. 140. Estão descritas vários casos em que o prolongado jejum e tal imobilidade produzem manifestações visionárias, também de movimentos místicos, etc. Sem aqui pretender um diagnóstico da situação, seria oportuno remeter, no caso da pretensa **inédia e abstinência** severa para Rudolph M. BELL, *Holy Anorexia*, Chicago, Univ. of Chicago Pr., 1985, pp. 160 e segs.; *vide* também Jacques MAÎTRE, *Anorexies religieuses, anorexie mentale – Essai de psychanalyse sociohistorique, de Marie de l’Incarnation à Simone Weil*, Paris, Cerf, 2000, pp. 28 e segs.

¹⁰³ Cf. Xavier YVANOFF, *La chair des anges, Les phénomènes corporels du mysticisme*, ed. cit., pp. 208 e segs.: «Les **stationnaires**: L’immobilisme dans les techniques yogiques». Tanto no *yoga* dos *asanas*, como no *za-zen* ou no *ch’an* já da tradição búdica encontra-se a ênfase no “estar”, no “ser sentado”, pelo culto da imobilidade do corpo e da mente, cf. *Samnyâsa-Upanishad* (trad. e Alyette DEGRÂCES-FAHD, *Upanishad du renoncement*, Paris, Fayard, 1989, pp. 60 *et passim*); M. ÉLIADE, *Le yoga, Immortalité et liberté*, Paris, Payot, 1954, pp. 57 e segs. *Vide supra* ns. 10 e 173.

pseudo-mística, com o reconhecimento que, no plano próprio da linguagem de eficácia dessas energias e dons, e ainda que por uma espécie de sacramentologia “mágica”, se diria *uma mística imaginária*.¹⁰⁴

Claro que nem todo o visionarismo será digno de crédito ou sequer viático em relação a uma real experiência espiritual, pelo que sem dúvida importa ter presente em tudo o que se salientou um critério de análise detalhado e minucioso. E bastaria tomar como exemplo o cuidado da ascético-mística do autor de *Grâces d’oraison*, para apontar o carácter multifactorial da grelha perspectiva que importa ter presente em relação aos vários planos de leitura e de consideração do caso em questão.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Repare-se que tal não lhe retira “valor”, só que a situa adentro desta perspectiva. Quanto ao que designamos por uma espécie de “sacramentologia” *mágica* (por oposição ao que será o dinamismo de libertação da antiga tradição dos sacramentos: Maurice JOURJON, *Les sacrements de la liberté chrétienne selon l’église ancienne*, Paris, Cerf, 1981), queremos com isso significar alguns elementos do referido “mecanicismo” crédulo e da própria *ligação simpatética* e mágica que está admitida, não sem alguma relutância (por parte do confessor), em alguns passos ou episódios da narrativa em questão. Cf., por exemplo, o caso de uma **misteriosa chave**, VM 88 e 93: “(*Acerca desta chave contou M. que caiu no meio das pessoas, que estavam a rezar com ela no seu quarto...*)” Dois meses após: “*O Santo* [que lhe aparecia] *perguntou com um sorriso se M., então, não sabia a quem pertencia a chave. Ela respondeu que pensava que era do Santo...* *O Santo disse que a chave vinha dele e que pertencia ao cofre de Santo António e que era destinada para o confessor como «um sinal de união» entre o Santo e o confessor, e que serviria para expulsar o demónio dos possessos. O Santo disse para dizer ao confessor que experimentasse com a chave e directamente poderia distinguir entre possessão aparente e possessão verdadeira: que com o contacto com a chave o demónio era expulso e nunca mais voltava.*” (VM, 93)

Note-se que a “chave” (quicá assim “materializada” como se numa ‘precipitação’ espiritual; compare-se com o que se relata de mestres orientais, como Sai Baba: cf. Samuel H. SANDWEISS, *Sai Baba, The Holy Man...and the Psychiatrist*, San Diego/ Califórnia, Birth Day Publ. Co. 1975...) se associa simbolicamente ao “abrir e fechar”, *ligar ou desligar*, do poder de perdão dos pecados (Mt 16, 19; 18, 18...; Lc 13, 16...), mas também da linguagem dos ritos afro-brasileiros ali até indiciados pelo “cofre” (cf. também R. BASTIDE, *Le Candomblé de Bahia (Rite Nagô)*, Paris, Plon, 2000 reed., pp. 84 et passim; e vide France SCHOTT-BILLMANN, *Corps et possession, Le vécu corporel des possédés face à la rationalité occidentale*, Paris, Gauthier-Villars, 1977, pp. 183 e segs: «La Possession latente»...).

Sem aqui pretender aprofundar este outro contexto, não deixa a chave (também do ‘poder’ ainda da Igreja, em S. Pedro) de constituir alguma dificuldade em relação aos ‘objectos sacros’ e meios habituais, até em exorcismo... Donde que o confessor ainda confidencie, VM, 127: “...*nem tudo lhe era claro* [a ele, confessor] *e, de facto, o caso da chavinha que Santo... deixou no quarto para <ele> [si], para experimentar nos casos de possessos, hesitou em o declarar ao Cardeal...*”. Já depois da morte de M. ainda esta chave, de facto, usada nos exorcismos que esse sacerdote realizava, foi caso de mágicas ocorrências: operativa e poderosa nesse rito, depois perdida, enfim, reencontrada maravilhosamente! (VM, 93-94) Cf. ainda Joe NICKELL, *Looking for a Miracle*, Amherst/ N.Y., Prometheus B., 1993, pp. 232 e segs.; e sobre o visionário de *portas e chaves*, adentro nos fenómenos de poder sobre os elementos: cf. Joacim BOUFLET, *Encycl. des phénomènes extraordinaires dans la vie mystique*, t. 2, ed. cit., pp. 353 e segs.: «Portes et clefs».

¹⁰⁵ Cf. P. Augustin POULAIN, S.J., *Des Grâces d’oraison, Traité de théologie mystique*, Paris, Beauchesne, 1931 ; existe trad. inglesa parcelar: «Revelations and Visions – Discerning the True and the Certain from the False or the Doubtful», N.Y., Alba Pr., 1998.

Augustin Poulain, nessa sua obra, chama a atenção para as *cinco principais causas de erro* nessa avaliação de um caso de *revelações* ou *visões* como o presente: 1. interpretações inexactas das visões; 2. ignorância do contexto histórico preciso; 3. misto entre actividade humana e plano sobrenatural; 4. modificações operadas, ainda que involuntariamente, pelo vidente; e, 5. reformulações feitas pelos secretários ou editores.¹⁰⁶ Ora, no caso analisado, pode reconhecer-se que embora possam existir algumas falhas nos pontos 1, 2 e 5, reputam-se como mais graves o já assinalado híbrido entre nível psicológico humano e plano sobrenatural, bem assim as alterações de estado conscientes ou não que a própria vidente revela ao longo das várias narrativas.

Não se quer com isto dizer que haja nesta narrativa visionária o que o mesmo teólogo designava por *erros grosseiros* (tal a mentira ou fraude deliberada, uma imaginação delirante, o sistemático ilusionismo da memória... ou mesmo a acção do demónio ou a invenção alheia),¹⁰⁷ mas que tal deformação subjectiva e quiçá também das faculdades psíquicas alteradas por experiências de *border-line*, poderão configurar, por vezes, graves ilusões. Não como desejada deturpação, muito menos na boa fé do secretário e confessor que, reconhece-se, com extremo cuidado anota com pormenor, porém ou na deformação *mnésica* da narrativa, ou mesmo na intervenção estranha do factor aleatório e preternatural.

Ora, de acordo ainda com este exemplo de metodologia e critérios de apreciação da ascético-mística, a aplicar ao caso presente, há-de ainda fazer-se menção do que seriam os (sete) *pontos de vista* que poderiam contribuir *para um justo discernimento espiritual*: 1. conhecimento das qualidades naturais da pessoa em causa; 2. a sua formação, grau de instrução, etc.; 3. a vida moral ou de virtudes; 4. as graças recebidas; 5. o juízo da própria sobre tais revelações; 6. quais as provações, contrariedades ou obstáculos encontrados; e 7. as precauções da pessoa em relação às revelações, atitude de humildade, etc.¹⁰⁸ No caso em discussão, salientaram-se vários aspectos e testemunhos acerca dos

¹⁰⁶ Cf. A. POULAIN, *Des Grâces d'oraison...*, ed. cit., IV, c. xxi, pp. 338 e segs.: «Cinq causes d'erreur ayant pu influer sur des révélations véritables ou regardées comme telles (...)»

¹⁰⁷ Cf. *Ibid.*, IV, c. xxi, § 2, pp. 356 e segs.: «Cinq causes de révélations absolument fausses.»

¹⁰⁸ Cf. *Ibid.*, IV, c. xxii, § 2, pp. 368 e segs.: «Sept espèces de renseignements à se procurer sur la personne qui se croit favorisée.»

enquadramentos da vida, da cultura e meio, da formação moral e religiosa, e até do parecer favorável e benévolo do seu director espiritual, que não hesita em salientar as virtudes e a abnegação perante um caminho tão provado em termos de doença, de sofrimento moral e até da frequente vivência da agonia espiritual. Todavia, quer na descrição que bem parece por demais exagerada por parte da própria, quer sobretudo na avaliação manifesta ou implícita sobre as graças recebidas, parece revelar-se uma das fragilidades maiores: a falta de sistemática e prudente verificação das revelações e uma até menor humildade implicada no *narrativo* e sua economia de fins em causa.

Muito haveria, pois, de se ter em conta quer os aspectos autenticamente *visionários* e de real contacto espiritual, quer os que, como se foi salientando, podem exigir outra hermenêutica inclusive numa leitura clínica ou ao menos de consideração nos quadros de uma psicopatologia do religioso.

Podem, assim, resumir-se muitos daqueles elementos anteriormente considerados e até mencionados em anotações, tais os fenómenos extraordinários e as *instâncias do visionarismo* em questão, no quadro que se elaborou e que de seguida se apresenta. Nele se salientam, de forma esquemática, as possíveis correspondências objectivas e subjectivas, bem como paradigmáticas e até simbólicas em causa:

Imaginário dos passos da Paixão	Fenómenos objectivos	Faculdades subjectivas	Efeitos 'místicos' extraordinários	Resíduos ilusórios doença/engano 'diabólico'
<i>Ecce Homo</i> e devoção à <i>Santa Face</i>	Luzes, clarões, irradiações... estranhas	Visão interior	"aparições" de Santos...de Deus...	Hipersensibilidade e histeria/ ilusão
Instrução evangélica (e A.-K. Emmerick)	Vozes, falar em línguas, ruídos ou barulhos...	Audição 'mística'	Mensagens que passam de escritas a audíveis..	Dissociação da personalidade/ falso ensinamento
Medianeira <i>Mãe de Misericórdia</i>	Odores espirituais...	Olfacto interior	Odor de santidade...	Reminiscências/ formas obsessivas
Consagraç. Eucaríst. <i>Precios^{mo}. Sangue</i>	Inédia e adipsia, abstinências...	Sabor místico	Comunhão mística e bebida oleácea...	Anorexia/ tentações diabólicas...
Agonia de Cristo: coroação de espinhos, flagelação, estigmatização, crucifixo, morte e coma...	Dores, doença... Cabeça, coluna, chagas, transe	Tacto, toque místico	Estigmatização, Crucifixo mística, agonias mortais...	Dermografias, catatonia.../estados possessivos
Evangelho de <i>Morte e Ressurreição</i> (tamb. Purgatório e Céu)	Culpa a expiar Fogo febril...Calor sobrenatural	Entendimento crédulo, Amor vontade oblativa	Reparação Purificação Oblação <i>Alma vítima</i>	Hipertrofia egoica, esquizofrenia/ Alienação e dano infernal

V – Conclusão :

VER... E, VER, SEM JULGAR

“Dans ces hallucinations non patho-logiques, il y a une certaine illusion parce que les représentations surinvestissent la perception. La question ne se pose pas ainsi lorsque c’est le sentiment qui perçoit affectivement la présence et qu’il la localise dans la proximité sans la fixer dans le champ perceptif.”

(Antoine VERGOTE, *Religion, foi, incroyance – étude psychologique*, Bruxelles, Mardaga Éd., 1987², p. 175)

“...*E M. olhava com atenção para o Santo ; disse Ele : «O que vês (o corpo do Santo...) não é nada.»...*” (VM, 85)

1 – Poder-se-ia ser tentado a criticar a pseudo-mística com os muitos argumentos não só já atrás implícitos, da *projecção* psíquica, da *banalização* do sobrenatural, da *simbolização* mórbida ou até de um ‘masoquismo cristão’, parte da ambiência da época, parte da sua mesma hipersensibilidade, porém isso seria uma equivalente cegueira mental em pretender introduzir no espaço diga-se vulgar e tridimensional uma tal métrica de um conhecimento superior, de um diagnóstico que evitasse aquelas ilusões.¹⁰⁹

Ora, como se disse, pode este mesmo plano dito mais esclarecido ser ali uma cegueira, por causa do excesso de inteligibilidade, aliás espúria uma vez que o que move à realização sacra, naquele caso, é o *imaginário real*, o regime de visões e de fenómenos mesmo paradoxais, até pelo *mimetismo emocional* que suscita.¹¹⁰ Do ponto de vista prático, quer de consequência moral, quer de eficácia espiritual, o que se tem de perguntar é pelos ‘frutos’ de tal sistema de acções e não tanto pela sua ‘verdade’.¹¹¹

É mais fecunda, ainda que “mentira” assim espiritualmente subscrita ou reinterpretada, do que se fosse uma ‘verdade de todos e de ninguém’ e

¹⁰⁹ Cf. *supra* ns. 28 e 36.

¹¹⁰ Vide ainda: Carlos H. do C. SILVA, “Diário da Misericórdia e dom imaginário da Linguagem – Condições diferenciais e regime redaccional da mensagem mística de Santa Faustina Kowalska”, in: *Rev. de Espiritualidade*, X, nº 39 Julho/ Set., (2002), pp. 165-224; também Susan BLACKMORE, *The Meme Machine*, Oxford, Oxf. Univ. Pr., 1999, pp. 147 e segs.; cf. ainda D. W. WINNICOTT, *Playing and Reality*, trad. cit., pp. 76 e segs.: «Jouer. L’activité creative et la quête du soi».

¹¹¹ Ainda o critério bíblico *Mt 7*, 16...; também em Aug. POULAIN, S.J., *Des grâces d’oraison, Traité de théologie mystique*, Paris, Beauchesne, 1931, c. 12, pp. 158 e segs. : «Impulsion aux vertus» ; P. Barthélemy FROGET, *De l’habitation du Saint-Esprit dans les âmes justes, d’après la doctrine de saint Thomas d’Aquin*, Paris, Lethielleux, 1938, pp. 425 e segs. : «Les fruits du Saint-Esprit...».

sem bem-fazer que fosse. Aliás, o que credita o *fenómeno místico* é menos a ‘ciência’ acerca dele do que esta perspectiva de reelaboração comunitária dessa linguagem que deixa de ser do fantástico para se integrar nos paradigmas até sapienciais dos arquétipos do imaginário.¹¹²

Escute-se o seguinte passo visionário:

“O céu estava limpo. Depois apareceram nuvenzinhas branquinhas, que se transformaram num jardim celeste admirável. Distinguiam[-se] quatro rosas muito lindas e no meio das rosas uma luz muito clara em forma redonda. Irradiava tanta luz disso, que o terreno, onde se encontravam parecia estar cheio de pérolas; árvores, pedras, tudo brilhava. As sobrinhas estavam perplexas. M. viu Jesus de braços abertos. Aquela luz intensa saía da auréola luminosa de Jesus. M. gritava: «Jesus, Jesus, Jesus, tende compaixão de mim; pela Vossa Santíssima Face, preendi-me nos Vossos benditos braços.» (Assim é que S. António lhe tinha dito que rezasse.) M. fez as duas meninas clamar a mesma coisa. Ambas queriam ver Jesus mas a luz intensa cegava a vista, não a podiam fixar e começaram a chorar. Isto durou cerca de dez minutos. Jesus desapareceu, a luz sumiu-se lentamente. Ficaram cheias de alegria. Ainda muito tempo persistiu uma nuvenzinha branca no alto do céu em forma duma coroa de espinhos muito branca.” (VM, 17)

Se a vida não é um espectáculo, no sentido em que até certo lastro cultural assim o pretende, como resultado mesmo político do esteticismo dominante,¹¹³ também o pretensão domínio dos actos e do juízo crítico não esgota num lado moral do viver o sentido mais gratuito e admirável da vida. Ora, mesmo num tugúrio, na cela mais recôndita e nos recessos de alma, se pode achar o lugar para um *incendium amoris* de uma outra atitude.¹¹⁴ Trata-se do espaço *poiético* em que a ‘poesia da vida’ se

¹¹² Eis também ainda o critério eclesial e de “**comunidade de Fé**”, para averiguar a “mística” integrando-a na economia (doutrinal) da Revelação. Vide Karl RAHNER, *Grundkurs des Glaubens, Einführung in den Begriff des Christentums*, Freiburg im Breisgau, Herder V., 1976, pp. 210 e segs. Aquela perspectiva “estética” de uma verdade “für Alles und Keinen” (cf. F. NIETZSCHE, *Also Sprach Zarathustra*, in: “«Sämtliche Werke» Kritische Studienausgabe, t. 4) não é a que *encarna* a experiência cristã: cf. Thomas MERTON, *The New Man*, Turnbridge Wells, Burns & Oates, 1976 e reed., pp. 15 e segs.

¹¹³ Cf. Mário PERNIOLA, *Estética e Política (Nietzsche e Heidegger)*, trad. do ital., Lisboa, Ed. Sagres-Promontório, 1991. Apesar da forte componente moderna deste cultivo da aparência: Guy DEBORD, *La société du spectacle*, trad. port., Lisboa, ed. Mobilis in mobile, 1991; Cornelius CASTORIADIS, *L’institution imaginaire de la société*, Paris, Seuil, 1975, etc.; vide Zaki LAÏDI, *Le sacre du présent*, Paris, Flammarion, 2000, pp. 53 e segs.: «Du point de vue esthétique au point de vue moral». Cf. ainda Michel de CERTEAU, *La Fable mystique*, Paris, Gallimard, 1982, pp. 209 e segs.: «La scène de l’énonciation».

¹¹⁴ Será sempre esse místico *vaso de alma*, seja a ‘cela interior’ de St^a. CATARINA DE SENA, in: *Vita...*

faz a mística e ainda *figurativa visão*, mesmo que *na fronteira do sensível* e antes da conversão intelectualiva do olhar.¹¹⁵

2 – Poder-se-ia resumir grande parte dos diversos aspectos *visionários* em geral referidos tendo em conta vários níveis de uma global grelha de leitura.

a) Num *primeiro e mais elementar nível*, correspondendo aliás principalmente aos (3) anos iniciais da narrativa que se teve presente (com começo c. 1949), encontra-se o predomínio das *manifestações extraordinárias*, mais de carácter adjetivo, ver luzes estranhas, ouvir vozes, sentir odores excepcionais, etc. Além deste nível, dir-se-ia *literal* de percepção ainda pouco precisa, e em estado de alma ainda não purgado (por isso mesmo a purificar também por estas impressões e até primeiros sofrimentos), delineia-se um segundo nível que se designaria de *projecção psíquica*, onde se recortam e detectam os moldes da atitude própria e subjectiva.¹¹⁶

b) Neste *segundo plano*, mais diagnosticável na perspectiva psicológica, quer psicanalítica, quer até psiquiátrica, do que o primeiro (ainda enquadrável em contextos psico-fisiológicos ou mesmo sócio-

por Btº. Raimundo de Cápua, I, c. 4, ed. cit., pp. 46 e seg.: “construir no seu coração uma pequena cela interior”, seja o eco directo da *inhabitação trinitária*... Remeta-se ainda para P. Barthélémy FROGET, O.P., *De l’habitation du Saint-Esprit dans les âmes justes*, ed. cit., sobretudo pp. 185 e segs.; A. GARDEIL, O.P., *La Structure de l’Âme et l’Expérience Mystique*, Paris, Gabalda, 1927, t. II, pp. 41 e segs.; vide n. 148. Quanto ao « **incêndio de amor** », vide os fenómenos térmicos e de particular hipertermia nos místicos: cf. Aimé MICHEL, *Métanoia, Phénomènes physiques du mysticisme*, Paris, Albin Michel, 1986, pp. 203 e segs.: «Une chaleur excessive»; Jean GUITTON e Jean-Jacques ANTIER, *Les pouvoirs mystérieux de la Foi, Signes et merveilles*, Paris, Perrin, 1993, pp. 138 e segs.: «De l’*incendium amoris* à la Transfiguration». Também estas experiências ‘calóricas’ são atestadas por M. na narrativa que analisamos, cf., por exemplo, VM, 106: “**Jesus comunicou-lhe um calor abrasante que abrasava a sua cara e o seu íntimo. Jesus disse que ela fixasse com os seus olhos todas as pessoas que viessem ao pé dela, para lhes comunicar o fogo de amor de Jesus.**”; também: VM, 9: “**M. disse também ao seu confessor que aquele calor, que sentia no peito depois da Sagrada Comunhão, se repete cada vez que ela comunga.**”

¹¹⁵ Importa, no entanto distinguir entre uma tal « **imaginação vera** », criativa, mesmo quando de *rêverie*, como se poderia pensar a partir de G. BACHELARD, *La poétique de la rêverie*, Paris, PUF, 1960, pp. 4 e segs., e o “fantasear” tal como o caracteriza D. W. WINNICOTT, *Playing and Reality*, trad. cit., p. 40: “...*Le rêve va de pair avec la relation d’objet dans le monde réel, tout comme la vie dans le monde réel s’accorde avec le monde du rêve selon les modalités qui nous sont familières, en particulier à nous psychanalystes. La fantasmatisation reste un phénomène isole, qui absorbe de l’énergie mais ne participe ni au rêve, ni à la vie. Dans une certaine mesure, l’activité de fantasmer était restée statique pendant toute la vie.*”

¹¹⁶ No dia 19 de Março de 1951 recebe M. a indicação de uma **alteração das “aparições”**: “**em breve cessariam... - M. ia sofrer muito, mais moral do que fisicamente.**” (VM, 59). Coincide também este novo período ao voto de estacionária na cama e à fase das grandes “agonias” nas Sextas-feiras... Em Setembro deste ano surge a ocasião para o ‘**anel de prata**’ dos primeiros *esponsais místicos*... (cf. VM, 65) É também nesta fase que se começa a celebrar a Missa no quarto de M.

culturais de mera *Gestalt* mística “perceptiva”), encontra-se o espaço para a *projecção* de medos e traumas, bem assim para a observação de estados interiores reflexos, também em relação àqueles fenómenos de primeira instância. Este segundo nível caracterizaria uma fase subsequente daquela narrativa visionária em que justamente, em mais dois ou três anos, se acumulam descrições de tais vivências de consciência do mal e do pecado, dos assaltos do demónio e das influências celestes, dos obstáculos espirituais, embora também dos meios de reparar, exorcizar, salvar a alma..., até pela especial ênfase dada ao sofrimento, não só a dor física, mas como expiação moral.

c) Mas existe no adensamento daquela narrativa, uma *terceira fase*, mais ou menos de um novo triénio, já não de predominância de fenómenos extraordinários, a purificar, nem de estados interiores, por já “hermenêuticos” (e, de certo modo, iluminativos) que sejam, – fase de um *visionarismo*, dir-se-ia, *autonomizado*, ou *absoluto*, e a que se abre misticamente o acesso. Já com mínima ênfase de ascese e, outrossim, no abrupto e revelacional desses estados, sobretudo passivos em que tal *imaginatio vera* acede a um plano que nem é maculado pela impureza sensorial grosseira das visões vulgares, nem reduzido às formas projectivas e subjectivamente não menos redutoras. Neste nível advêm imagens com a sua “personalidade” própria, sejam *pessoas* ou *universos de significação* e, mesmo que logo confundidos noutros daqueles níveis de leitura, tal imagética real não deixa de constituir o contacto com um “outro mundo” não menos concreto.

d) É óbvio que este terceiro nível fica ‘normalmente’ prejudicado pela leitura tradicional ou que, mais ou menos, com certa frequência impende sobre ele a partir de *um âmbito hermenêutico ainda mais vasto*, e que se pode encarar como um **derradeiro nível de referência** desta narrativa visionária. Trata-se do que se poderia chamar o *plano do simbolismo cristão* ou de certos arquétipos da respectiva espiritualidade, à luz dos quais, aliás, se vai fazer uma síntese de vida e de mensagem daquela narrativa. Este *quarto nível* simbólico é aquele em que se deixam integrar os outros planos numa articulação que os integre segundo a economia teológico-mítica ou da ‘teo-dramática’ cristã, dando sobretudo na última fase dessa narrativa o carácter testemunhal de *imitação* do drama divino, aliás reduzindo os êxtases, as visões, até as agonias... e numa conformação mais estável ou duravelmente inteligível da *missão* em causa.

Esta última fase corresponderá aos últimos dois anos narrados, por conseguinte até à morte da protagonista dessa história visionária. E

é à luz da economia cristã do sofrimento redentor e da morte oblativa, até já não numa visão particular, mas por uma óptica universalista, ao menos eclesial e de desagravo pelos outros, pelos pecadores e em especial pelos sacerdotes, que essa vida inundada de tantos níveis de fenómenos estranhos ganha uma lição integrada e virtuosa.

3 – Claro está que neste plano em que a iconografia religiosa, a figuração de Santos e de Deus, dos “lugares” escatológicos em visões de Inferno, Purgatório e Céu, sobretudo da *mediação* pela Paixão de Cristo, é mais do que meditada, usada “inconscientemente” como molde espiritual para o demais do visionarismo em causa, não se preserva por inteiro o que no plano específico de uma *imaginação realista* pode ser o reparo de outros ‘arquetipos’ ou até outros alinhamentos possíveis de consciência.

A atenção ao que, na presente narrativa, permite sugerir este outro vislumbre aquém e além, quer dessa leitura cristã, quer do diagnóstico clínico ou de um exame fenomenológico, aponta para quatro elementos essenciais que constituem *substância* de uma real **transformação de alma**:

- em primeiro lugar o *efeito da denegação forçada do corpo* (as austeridades aqui observadas na energia produzida por tal “sacrifício”);

- em segundo, a concomitante extrema força de vontade associada (como uma intencionalidade profunda e que nada tem a ver com o subjectivo desejo);

- em terceiro, um meio particular (dir-se-ia neutro, ou espiritualmente puro, como o é em essência o da oração) onde surja o que, por escassez de nome, diremos o aparecimento de um ‘*magnetismo luminoso*’;

- enfim, por último, o resultado de todos estes elementos (quase num simulacro da «pericorese» trinitária...) em que se obtém a estabilidade, dir-se-ia, em *absoluto* (ou “em Deus”) do que se designaria por *plasticidade do medium*, ou seja, pelo advento de uma “matéria” tão dúctil quanto o “espírito” e em que se estabelece a real comunicação (não do já comum, mas em *gênese do único* assim comungável).

Estes elementos entrevêm-se ao longo daquela narrativa e constituem os indicativos do que justamente salvaguarda, quer da credulidade vã, quer de uma hermenêutica verdadeira mas infecunda, apontando precisamente para *um saber visionário* que tem naquela sua regra compositiva elementos vitais e espirituais inalienáveis. Então o *medium* constituído não é ‘espelho’ de miragem, mas qual vera ‘maternidade’ de almas, numa especial e subtil *geração espiritual* que

fez da protagonista da narrativa, e também por isso, uma ‘*mãe para os sacerdotes*’.¹¹⁷

4 – Não se julgue, todavia, que no estratificado destes vários níveis esquemáticos de leitura deste caso vai mais do que uma aproximação *linear*, já que a inteligência que se nos impõe vem, outrossim, do entrecruzamento de várias instâncias e do traçado diferencial que resulte. Como se num gráfico de ondas em que momentaneamente, aqui e além, alguns desses níveis se sobreponham ou entrecruzem no seu traçado, criando assim um pontuado cujo seguimento possa traduzir o que se pode querer significar pelo seguinte: Que às vezes seja (mais) verídica a experiência espiritual em causa, outras nada disso; até, assim, ilusória ou enganosa noutros momentos; que em certos pontos se perceba pelo próprio cruzarem-se as linhas da objectividade da ocorrência dos fenómenos e da subjectividade da sua representação projectiva, que nem num nem noutro destes planos, mas num terceiro traçado se haja de procurar o sentido (complexo), porventura transcendente, de todo este quadro (nem de eventos, nem de estados de alma, mas de possibilidades inomináveis).

É para tal âmbito que, tanto a complexidade, como a própria aparente fragilidade do caso em análise, apontam definindo outras virtualidades até comparativas.

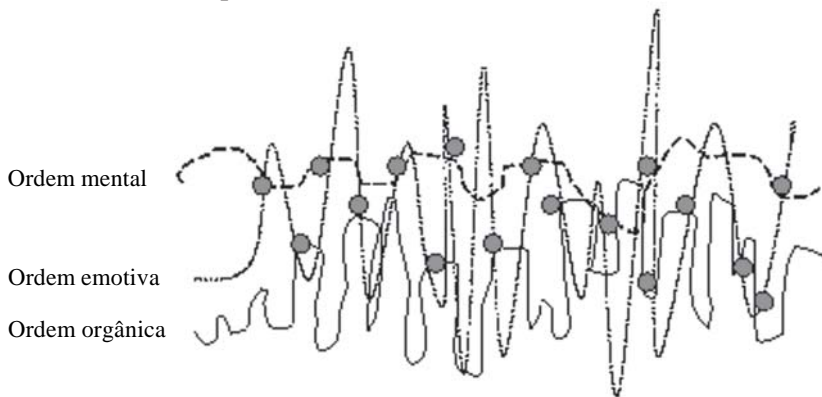


Fig. 1 - Alguns pontos realçados com *pequenos círculos* seriam as instâncias que permitiriam desenhar a linha aparente resultante desta complexidade (de pelo menos aqueles três traçados fundamentais), criando a *ilusão de uma sequência simples e coerente dos momentos*, como se constituindo até os vários ‘passos’ ou ‘fases’ da vida espiritual.

¹¹⁸ «Mãe» dos sacerdotes: cf. VM, 137: “*Escreveu [Santo António] duas vezes na parede que M. fosse «mãe dos padres».*” Já esta missão havia sido preanunciada numa visão de Nossa Senhora no seu quarto (“sacrário de almas”) “... *assim como o coração de M. é «sacrário de Jesus»*” (VM, 101).

O processo em questão no complexo universo da narrativa em questão impõe que se tenha presente o carácter multifactorial e a interferência doseada ainda dos vários aspectos que elencámos a propósito do caso de M. Tanto a componente de formação e de cultura, como as determinações subscientes e até doentias que constituam obstáculo a uma mais íntegra vidência; mas também os planos exógenos do meio e até de influências espirituais preternaturais ilusionistas. Enfim, nunca esquecendo o drama psico-religioso da experiência em causa, da admitida missão, etc. face ao que seja, efectivamente, a presença gratuita e o autêntico dom de Deus, ainda que veiculado pela linguagem de uma simbólica mística. Na ausência de uma pedagogia efectiva de purificação de tal ilusionismo psíquico, (não podendo confundir uma ascese psico-física de algum modo cega com tal *purgatio* de alma), os resultados videnciais serão sempre híbridos e impuros, permitindo a referida confusão entre os quatro principais núcleos ou níveis desta vivência: o seu *natural*, a *sub-natureza* (subsciente), o *preternatural* e o *sobrenatural*.

A diversa combinatória destes planos, no caso de M., permite até salientar aquelas diversas fases, inclinando a detectar uma progressiva transição do plano de *tradução* “natural” de um universo de graças, para um crescente apuramento concomitante de descida a ‘esconsos’ de alma (não isento de muitos riscos não purgados...) e de reconhecimento do âmbito gratuito do *espírito*.

5 – Todavia, no vasto universo de possibilidades abertas no reino do espiritual, não é esta particular “mediação” a de um caminho cujo simples olhar promova o restauro e a cura, o reequilíbrio e a reanimação da vida.¹¹⁸ Esse ficará como caminho para outros... A sua visão terá que cegar esse ‘olhar’ de obtenção de um tal *poder* de cura física, desse carisma que não haveria de ser o de M.¹¹⁹ Nela o que se rasga é a visionária capacidade, ainda como potência, mas de cura das almas, de ajuda, sim, mas no plano

¹¹⁸ Isso equivaleria à missão do *dom de cura* “física” ou terapêutica: “*a cura de doenças físicas, pois que para estas bastar-me-ia olhar para os doentes para ficarem curados, (...)*” (VM, 35). Reitera-se este carisma de M. em VM, 51. Vide n. seguinte.

¹¹⁹ Era opção entre *dois caminhos*: “M.: «*Na noite de 13 para 14 de Julho [de 1950], veio meu Padrinho, Santo António, pela 1,15 h. Veio lembrar-me do que já há tempos me tinha dito sobre a minha missão de fazer curas. Havia duas maneiras de as fazer e eu tinha que optar por uma: ou cura das almas, ou, então, a cura de alguns doentes, escolhidos por Deus, cujas doenças fossem físicas. Eu respondi que me custava a escolher, mas que meu Padrinho viu qual a maneira, que eu preferia, que era a cura das almas; no entanto, que fosse feita a Vontade de Deus e não a minha.*” (VM, 34-35) Vide n. seguinte.

próprio da intermediação imagética e delimitada pela esfera própria do seu sofrimento (assim unido aos méritos do padecer de Cristo).¹²⁰

Sonda-se a virtude de uma visão em Fé, em Esperança e em Caridade, nessa transfiguração teológica de um olhar que, sem tal, restaria na crença e na mera expectativa humana, apenas procurando-se a si mesmo em afecto religioso mas sem a libertadora experiência do Espírito...

Porém, é naquele horizonte de um *ver*, um *ver sem julgar*, todavia quase naquela dormência de olhos em que se consente que as coisas vistas cheguem até essa luz do além e se embalem nela..., – é em tal extrema fronteira, ainda que de cenas tão repetitivas como a da Paixão, e só verídicas porque assim semeadas de derradeira agonia psíquica, que se há-de situar esse *imaginário* onde ilusão e verdade, crença e eficácia, ficam como ‘no’ esfíngico de todo este mundo de ‘brincar divino’.¹²¹

É aí que se nos dá a pressentir, ainda e ainda, um *ver*, mesmo onde já nem preciso seja o visionário *olhar*, deste caso aqui referido. Terá sido essa, aliás, a lição colhida em preclara consciência pelo sacerdote que melhor a compreendeu (sem julgar), e cujo sorriso e olhar foi iluminado por tal *vero imaginário* jardim de dor e de amor.¹²²

¹²⁰ A cura das almas é mais penosa: “*Meu Padrinho <fez> [deu-me] a explicação que me custava mais a cura das almas que a cura de doenças físicas, (...) que, para as almas me sacrificaria muito, todavia preferi assim.*” (VM, 35) Note-se esta confissão da sua preferência já assim consciente.

¹²¹ A ‘Esfinge’ das várias dimensões do humano e da realidade, que diz, até etimologicamente, esse “nó” das diversas naturezas ou instâncias, onde a ilusão também tem esse seu profundo lugar como um *fazer de conta*, e um *fazer que seja*, porque assim se creia e deseje... A certo passo da narrativa considerada diz VM, 121: “*Depois caiu M. numa espécie de sono e viu num sonho uma grande cruz. Na parte mais alta estava Jesus e no meio da cruz Nossa Senhora com um terço enorme que pendia até à terra. M. estava atarefada em trazer almas, que Nossa Senhora içava para cima, para Jesus. (...) Quando M. acordou, veio Jesus e perguntou-lhe: «Gostaste do sonho que tiveste?» (...).*” (Interessante esta visão por fora do sonho, validando-o segundo este *ludus* visionário...) O importante do “sonho” assim mais real do que o que pareça sem ele, reside na *poiesis*, mais do que em qualquer moral de *práxis*, ou mesmo numa *teoria* considerativa: sendo possível tal eficácia “poética” (ainda Jean-Yves HAMELINE, *Une poétique du rituel*, Paris, Cerf, 1997, pp. 31 e segs.), até como hoje se presume na hermenêutica evangélica, na medida do que se refira sem julgamento. Sobre tal *ludus* divino cf. *supra* n. 47... *Ver* sem mais, como em J. KRISHNAMURTI, *The Only Revolution*, London, Victor Gollancz, 1973, p. 132: “*The seeing of what is is part of that intelligence... There is no intelligence if there is no sensitivity of the body and of the mind – the sensitivity of feeling and the clarity of observation. Emotionalism and sentimentality prevent the sensitivity of feeling. (...) Intelligence has nothing to do with knowledge or information.*”; Id, *The Impossible Question*, London, V. Gollancz, 1973, pp. 12 e segs.: “*The Act of Looking*”...

¹²² Como assim seria a *visão mística imaginária*, uma real visitação a esse lugar... paradisíaco ou, neste caso, de um tal *locus purgatorium*... “...*Esta alma extraordinária terminou cá na terra a sua Missão, lentamente consumida como vítima do Amor divino. (...) M. deu-nos um exemplo por sua vida de oração e penitência sem nome pela santificação do clero e pela conversão dos pecadores.*” (VM, 163) – assim conclui esse sacerdote e confessor de M. a ‘pia memória’ do seu testemunho espiritual. E, em visão, Jesus com “*a cabeça dela entre as Mãos disse que as lágrimas dela eram as flores do seu jardim.*” (VM, 123).

BEATA MARIA DE JESUS CRUCIFICADO: UMA FLOR DE ISRAEL

ANTÓNIO JOSÉ GOMES MACHADO, OCDS

Introdução

O Carmelo é um belo jardim onde têm florescido flores de agradável perfume que adornam a Igreja.

A Beata Maria de Jesus Crucificado é uma dessas flores de extraordinária beleza que cresceu na Igreja à sombra do Carmelo. Nascida nos arredores de Nazaré, galileia como Jesus, viveu na segunda metade do século XIX. Maria apresenta-se-nos de forma paradoxal: por um lado a simplicidade e humildade de uma jovem analfabeta que passou a sua vida a servir; por outro lado, as graças místicas que recebeu e que a tornaram numa alma extraordinária. E é tão extraordinária a sua vida mística que nos desconcerta. Seria verdade, seria real tudo o que viveu? Desequilíbrio psicológico ou manifestações de Deus? A resposta a estas questões é-nos dada pela sua própria vida: que outra coisa não foi que a verdade vivida até às últimas consequências.

Num século marcado pelo iluminismo e o racionalismo, em que muitos procuraram afirmar a “morte de Deus”, surgiu esta jovem mulher, que através da sua vida, escondida e extraordinária, afirmou que Deus vive: Ele é o Amor que se derrama sem cessar pela humanidade. Desconhecida pela maior parte das pessoas é no entanto um tesouro a descobrir. De uma simplicidade e humildade comovedoras ensina-nos o caminho da santidade, ao qual todos somos chamados. Com ela podemos aprender que não nos devemos fechar à graça de Deus mas deixar que os dons que Ele nos dá rendam “cem por um”, mesmo que sejamos incompreendidos, e sempre ao serviço dos outros.

1. O nascimento e infância de Mariam

Mariam Baouardy nasceu a 5 de Janeiro de 1846 em Abellin, uma pequena e pobre aldeia próxima de Nazaré, em Israel. Os pais, Jorge Baouardy

e Maria Chahyn, eram católicos greco-melquitas. Pessoas simples e pobres, tinham uma fé profunda que iluminava os dias sombrios de trabalho e sofrimento. Jorge trabalhava na confecção de pólvora para foguetes e fogo-de-artifício, enquanto Maria tratava das lidas domésticas. Como a maior parte da população de Abellin a família Baouardy era pobre e vivia, modestamente, numa das muitas casas cúbicas da aldeia.

Jorge era um homem recto, honesto, abnegado, paciente e muito trabalhador. Apesar disso foi vítima de uma grande injustiça ao ser acusado inadvertidamente de um homicídio. Teve que passar pela humilhação da prisão, até que desfeito o engano e confirmada a sua inocência foi solto. No entanto a dor e a humilhação de tamanha injustiça aumentaram o sofrimento daquele casal, que vivia coerentemente os valores cristãos de acordo com a sua fé.

Tiveram nada menos do que doze filhos, antes do nascimento de Maria, mas como frágeis flores campestres e efémeras, morreram todas deixando o vazio naquela casa e enchendo de sofrimento aquele casal, que o que mais desejava era a alegria das crianças a encher o seu lar. Desconcertados pela vida tão dura, e madrasta, não perdiam, no entanto, a esperança porque confiavam em Deus e no Seu amor misericordioso. Recorreram ao céu e pediram o auxílio divino. Fizeram uma peregrinação a Belém, à Gruta da Natividade, e pediram à Virgem Maria a sua intercessão e para que velasse pela vida dos futuros filhos, prometendo que se a primeira fosse rapariga se chamaria Mariam (Maria).

«*A confiança faz milagres*»,¹ e assim Jorge e Maria viram as suas preces atendidas e nasceu-lhes uma linda menina, pequena e frágil, mas que viria a ser a glória da sua família e da sua terra. Dois anos depois nasceu um novo filho: Paulo. Mariam, a menina do milagre de Belém, foi baptizada, na Igreja greco-católica de Abellin, dez dias depois do seu nascimento recebeu o crisma, segundo o rito oriental.

Finalmente tudo parecia sorrir para esta família tão provada, mas a felicidade não ia durar muito. Num espaço de poucos dias a morte levou o pai e a mãe. Os pequenos ficaram, de repente órfãos e sós. Mais tarde, uma tia contará a Mariam as últimas palavras do seu pai murmuradas de olhos fixos numa imagem de S. José: “*Grande Santo, aqui está a minha filha. Nossa Senhora é a sua mãe, velai também por ela e servi-lhe de pai*”.²

¹ TERESA DO MENINO JESUS, Santa – *Obras Completas*. Paço de Arcos: Edições Carmelo, 1996, p.452.

² BRUNOT, Amédée – *Mariam, a carismática*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 18.

Paulo foi acolhido por uma tia materna em Társia e Mariam foi com um tio paterno para Abellin. Os dois irmãos nunca mais se viram.

Na casa do tio, Mariam era tratada com todos os mimos e como uma verdadeira filha, no entanto ela não esquecia que era órfã e isto deixava-lhe um vazio enorme no seu coração. Mariam foi crescendo e tornou-se numa menina sonhadora, muito pensativa e grande amante da solidão. Gostava de se retirar para locais isolados, contemplar as belezas da natureza, que a fascinavam, e meditar no Criador de tudo. A bela paisagem de Abellin fazia-a lançar-se nos voos místicos da contemplação. Nos seus passeios colhia flores que depois levava para casa para colocar junto do ícone de Nossa Senhora, por quem nutria uma profunda devoção. Apesar do tio ser um homem rico, ela nunca foi à escola, porque na aquele tempo, na sua terra, as meninas não necessitavam de saber ler e escrever mas apenas aprender os afazeres domésticos e prepararem-se para o casamento.

Desde muito pequena, Mariam sentia uma fascinação pelo absoluto de Deus: Deus Pai e Criador de tudo. Igualmente possuía uma consciência da brevidade da vida: «*Tudo passa na terra. O que somos afinal? Nada... apenas pó. E Deus é tão grande, tão belo, tão amável... mas não é amado*»,³ dizia ela. Sem que ninguém se apercebesse, em segredo como diz Jesus no Evangelho, a pequenita desde os cinco anos jejuava todos os Sábados, tomando apenas a refeição da noite.

2. O martírio de Alexandria

Não se sabe quais os motivos que levaram o tio a deixar Abellin e a ir para o Egipto, mas levou para lá a sua família e passaram a viver na periferia de Alexandria. Mariam deixou a sua amada Galileia e iniciou uma nova etapa da sua vida, sempre marcada com o sinal da Cruz.

Desde os sete anos que a pequena se confessava todos os sábados e desejava ardentemente receber Jesus na Eucaristia. Apesar dos pedidos insistentes, era-lhe sempre negada a Eucaristia pela sua pouca idade. Em cada confissão renovava o pedido e o confessor dizia-lhe que ainda era cedo e que ficava para “mais tarde”. Mariam esperava pacientemente mas com ansiedade. Num Sábado, o confessor, distraído, esqueceu-se de lhe dizer “mais tarde”, e ela aproveitando o momento, vendo nele um sinal de Deus, colocou-se junto com os comungantes e comungou o corpo e o sangue de Jesus, segundo o

³ MARIA DE JESUS CRUCIFICADO, Beata. In BRUNOT – *Mariam, a carismática*, p. 19.

rito bizantino. Dando-se conta da sua distração e do desejo daquela menina inocente, o confessor permite-lhe que comungue discretamente até ter a idade requerida. Aos doze anos fez a sua Comunhão Solene e a partir daí comungará sempre que possível. Mostrou sempre um grande amor à Eucaristia e já carmelita recomendará a comunhão frequente e diária.

Mariam estava para completar treze anos quando o seu tio, conforme os costumes orientais, a tornou noiva de um irmão da sua tia, que residia no Cairo, sem o seu consentimento. Marcou-se o casamento, ela recebeu as jóias oferecidas pelo noivo, a aliança, prepararam-lhe um belo vestido nupcial e tia indicou-lhe quais os seus deveres como esposa. Tudo isto foi inesperado para ela e totalmente contra a sua vontade. Ela não queria casar. Desde há muito tempo sentia dentro de si um desejo irresistível de se entregar totalmente a Deus e de ter Jesus como o único Esposo. A sua alma sedenta de Deus não se contentava senão com uma vida de entrega radical e exclusiva ao Senhor, na doação total da sua virgindade.

Tomou a decisão: não casará. Cortou as suas longas tranças e colocou-as junto das jóias oferecidas pelo noivo e entregou-as ao tio. Ao perceber as suas intenções e a recusa em se casar desabou uma tempestade naquela casa. Gritos, bofetadas, insultos, nada fez demover Mariam dos seus propósitos. O tio mandou chamar o seu confessor e um bispo, amigo da família, para a convencerem a cumprir os seus desejos e a não desonrar a família. Todos exortaram Mariam a obedecer ao tio, ninguém compreendia o seu desejo e a sua vocação. Tudo se tornava inútil pois ela não se deixava intimidar, por nada, permanecendo fiel aos seus propósitos. O tio ficou enfurecido e louco de raiva.

Ela, que fora tratada como uma filha, a partir desse momento passou a ser tratada como uma escrava. Foi destinada à cozinha e os empregados tinham ordens expressas para lhe dar as tarefas mais duras e maus tratos, se fosse preciso. Em casa era maltratada pelos tios e o confessor proibiu-lhe a comunhão. Mariam sentia-se só, incompreendida e sofria. Este drama durou cerca de três meses. Na mais completa desolação lembrou-se do seu irmãozinho que ficara na Galileia, desejava vê-lo, e na sua ingenuidade e simplicidade, quase infantil, decidiu enviar-lhe uma mensagem para que viesse ao seu encontro e a ajudasse. Secretamente ditou uma carta para Paulo, e tendo conhecimento que um antigo empregado da família estava de partida para Nazaré, foi ao seu encontro para lhe pedir que levasse a missiva. Foi bem recebida por este, e pela sua esposa, que insistiram para que jantasse com eles. Ela não queria, mas diante da insistência resolveu aceitar. Durante a conversa, Mariam contou-lhes a sua situação. Estes ficaram indignados com os maus tratos do tio, e o homem, um muçulmano fanático, começou a criticar e a

condenar os cristãos que ele confinou às atitudes do tio de Mariam e convidou-a a converter-se ao islamismo. Ela também ficou exaltada, pois estavam a tocar no que lhe era mais precioso: o cristianismo. Recusou com veemência tal despropósito. O homem tornou-se violento e, na acesa discussão, pegou na sua cimitarra, e sem pensar, desferiu um golpe na garganta da jovem que ficou inanimada e banhada em sangue. Pensando-a morta, e com medo, envolveu-a no seu grande véu e abandonou-a num beco escuro. Isto ocorreu na noite de 7 para 8 de Setembro de 1858. Foi o seu martírio e as suas bodas de sangue.

Segundo os relatos da própria Mariam, ela acordou mais tarde numa gruta e junto dela estava uma bondosa senhora vestida de azul. Quem a salvou? Quem a levou para aquela gruta? Quem era aquela senhora vestida de azul? Seria uma religiosa? Nunca saberemos estes pormenores. Mariam estava inanimada, nunca descobriu quem a salvara e quem era realmente a enfermeira que com tanto desvelo cuidou dela até ficar curada. No entanto, ela sentiu e afirmou sempre convictamente que quem a salvou foi Nossa Senhora e que foi ela a sua enfermeira tratando-a com uma delicadeza e bondade indescritíveis e celestiais. Ela não tinha dúvidas, Nossa Senhora, que velava por ela desde o seu nascimento, não a abandonou naquela prova tão dura e cuidou da sua filha. Não se sabe quanto tempo terá ela ficado naquele abrigo. Mariam, como boa oriental, tão tinha uma noção clara do tempo, mas pensa que teria sido à volta de um mês.

Perto do fim desta estadia na gruta, a misteriosa enfermeira revelou-lhe algo sobre o seu futuro: não tornaria a ver a sua família, iria para França, seria religiosa, primeiro como filha de S. José e depois como filha de Santa Teresa, tomaria o hábito de carmelita num convento, professaria noutra e morreria num terceiro, em Belém. Cicatrizada a ferida do pescoço, provocada pelo golpe, Mariam foi conduzida pela sua enfermeira até à Igreja de Santa Catarina. Quando ela saiu do confessionário viu-se sozinha, a bela senhora de azul tinha desaparecido.

Estes acontecimentos são de tal forma extraordinários que podemos interrogar-nos sobre a sua veracidade. Teria acontecido realmente tudo isto? A resposta é-nos dada pelas consequências do acontecido. Mariam levava, no seu corpo, as marcas deste martírio. A sua voz rouca e a cicatriz no pescoço atestavam que não fora um sonho. A cicatriz media dez centímetros de comprimento por um de largura na frente do pescoço. Aí a pele era fina e mais branca. Em 1875, estando em Pau, foi vista por um médico, que após os exames constatou que lhe faltavam vários anéis na traqueia. O médico era ateu mas reconhecia que devia existir um Deus, pois só com intervenção divina é que ela podia ter sobrevivido.

3. O êxodo duma israelita errante

Sozinha, abandonada na Igreja de Santa Catarina de Alexandria, sem casa, a pequena de treze anos não sabia o que fazer. Um franciscano, dessa Igreja, interessou-se por ela e arranhou-lhe um emprego como criada numa família cristã. Começou então a etapa itinerante da jovem israelita. Deixando esta família empregou-se numa outra onde permaneceu durante seis meses. Levava uma vida muito simples e pobre. Reservava para si apenas o dinheiro necessário para comprar azeite para a lamparina que mantinha sempre acesa junto do ícone de Nossa Senhora. O resto distribuía pelos pobres. O tempo livre que dispunha empregava-o a visitar e a ajudar famílias carenciadas.

Voltando-lhe o desejo de rever seu irmão deixou Alexandria e embarcou rumo a São João do Acre, mas uma tempestade fez encalhar o navio em Jaffa. Aqui empregou-se apenas por uns dias, pois decidiu ir em peregrinação a Jerusalém. Nos anos de peripécias que antecederam a sua entrada no convento, ela foi várias vezes a Jerusalém. Numa destas idas à Cidade Santa, Mariam fez no Santo Sepulcro o voto perpétuo de virgindade.

De novo em Jaffa resolveu partir para ir ao encontro do irmão. Mais uma vez embarcou e de novo o barco não foi para o destino desejado. Desta vez aportou em Beirute. Aqui, continuou a trabalhar como criada, primeiro na casa da família Atalla e depois na casa da família Nagiar. Humilde, simples, ingénua, trabalhava com afinco granjeando a simpatia dos seus patrões pela sua rectidão e postura irrepreensível. Os Nagiar, cuja filha residia em Marselha, fizeram-lhe a proposta de ir trabalhar para lá. Ela aceitou a oferta, deixou o Líbano e partiu para a França desembarcando em Marselha em Maio de 1863.

Em Marselha trabalhou como cozinheira da senhora Nagiar. Mas, como era muito jovem e ingénua, a patroa proibiu-a de sair, memo para ir à Igreja. Sedenta da Eucaristia não aguentou muito tempo aquela situação e empregou-se numa outra família árabe. A senhora Nagiar, não querendo perdê-la, prometeu-lhe mais liberdade e foi buscá-la para a sua casa.

4. A consagração a Deus

É em Marselha que se começa a concretizar a profecia da “senhora de azul”. Decidida a viver exclusivamente para Deus, procurou, com a ajuda do seu confessor, entrar para a vida religiosa. Primeiramente tentou as Irmãs da Caridade, mas estas, prevenidas pela senhora Nagiar, que não queria perder a sua empregada, não a aceitaram. De seguida procurou as Clarissas e sentiu-se

atraída pelo seu silêncio e pela sua pobreza, mas a sua saúde frágil, pelos prolongados jejuns, não lhe permitiram entrar no convento. Finalmente tentou as Irmãs de São José da Aparição e foi por elas admitida na casa-mãe da congregação nos subúrbios de Marselha.

Apesar de ser analfabeta e só falar o árabe receberam-na, pois encontravam-se lá muitas suas conterrâneas e a congregação possuía muitas casas no oriente. Daí em diante ela passou a ser chamada de Mariam, a “pequena árabe”. Mariam permaneceu dois anos no postulanteado. O seu francês estropeado divertia a comunidade, mas a sua simplicidade e espontaneidade edificavam todas as irmãs. Estava sempre disponível e reservava para si os trabalhos mais pesados. Foi neste período que tiveram início uma série de fenómenos místicos que tornaram a sua vida desconcertante. Era um paradoxo: por um lado a simplicidade e ingenuidade do seu carácter, por outro a quantidade de graças e carismas que a tornaram numa mística extraordinária.

Durante o postulanteado sucederam-se os seus êxtases, mas o mais extraordinário foi o aparecimento dos estigmas. Todas as semanas, da tarde de quarta-feira até à manhã de sexta-feira, apareciam-lhe feridas sangrentas nas mãos, nos pés e no lado. Ao sofrimento físico juntava-se o incómodo que aquelas marcas físicas, e visíveis aos olhares indiscretos, lhe provocavam. O seu amor por Jesus era tão grande e intenso, que com Ele partilhou a Sua dolorosa paixão.

O fenómeno repetia-se e deixou a comunidade, e as superiores, sem saber o que fazer. Não se sentiam capazes de lidar com esta situação. Uma postulante tão extraordinária suscitou opiniões diversas na comunidade. Um grupo de irmãs, das mais velhas e mais conservadoras, não se mostrou favorável. Chegando o dia da votação para a admissão ao noviciado, Mariam foi recusada. Mais uma provação. O que seria da sua vida? Para onde iria? Deus, que é Providência, velava pela sua filhinha. A Madre Verónica, mestra de noviças do Instituto de São José, ao receber autorização para deixar o Instituto e ingressar no Carmelo de Pau, sugeriu a Mariam que a acompanhasse, e ela a apresentaria à Priora. No dia 15 de Junho de 1867 teve o seu primeiro contacto com o Carmelo. Mais uma vez a profecia se concretizava: foi filha de São José, e agora estão a dar-se os primeiros passos para se tornar filha de Santa Teresa.

5. Mariam no Carmelo

Mariam entrou no Carmelo de Pau aos 21 anos, iniciando o noviciado, dois meses depois da sua entrada, e tomando o nome de Irmã Maria de Jesus Crucificado. Em pouco tempo a Irmã Maria tornou-se na jóia do Carmelo de Pau. A sua bondade e simplicidade, a sua humildade e disponibilidade

encantavam toda a comunidade. Todas se sentiam felizes por terem entre si uma israelita, conterrânea de Jesus. A “pequena árabe”, de rosto oval, olhos brilhantes de um negro intenso, tez morena, voz rouca, com um francês pitoresco, sempre com gestos afectuosos era cativante. Ela, por seu lado, sentia-se muito feliz no Carmelo.

Mariam entrou no Carmelo como irmã conversa, mas dadas as suas qualidades humanas e espirituais, as irmãs quiseram passá-la para irmã do coro. Passou a ter lições de francês e latim para poder seguir a oração do Ofício Divino. Para ela, tão simples e liberta de tudo o que é terreno, este esforço tornou-se numa verdadeira tortura. Ela que continuamente pedia para a chamarem de “pequeno nada” não se sentia à vontade com aquela situação. Aprendeu alguns rudimentos do francês que lhe permitiram fazer algumas leituras mas nunca seria capaz de escrever fluentemente. Ela não se importava de ser analfabeta e a eterna “criadita” de Deus. Por isso, não tardou em voltar para a sua condição de irmã conversa.

No Carmelo sucederam-se os êxtases que, para além de frequentes, duravam por vezes horas. Surpreendiam as levitações. Repetiram-se os estigmas. Dão-se as visões e aparições de Nosso Senhor, de Nossa Senhora, de anjos e santos. Reconhecendo naqueles fenómenos a acção de Deus, as superiores encarregaram uma irmã para ser a “sua secretária”, discretamente a vigiar, e assim poder anotar o que dizia, ou as mensagens que recebia nos seus êxtases.

No dia 24 de Maio de 1868 a Irmã Maria de Jesus Crucificado fez uma outra experiência mística. Ela, que se deu sem reservas por amor, recebeu também uma grande graça de amor. Num êxtase recebeu o dom da transverberação: o seu coração foi trespassado, como que, por um dardo de fogo e de amor. Uma dor lancinante e uma felicidade imensa invadiram o seu coração quase a ponto de não conseguir resistir. Para que não restassem dúvidas de tal graça mística, uma vez mais o milagre ficou impresso na sua própria carne. Após a sua morte, em Belém, seguindo um desejo por ela manifestado, foi-lhe extraído o coração para ser enviado para o Carmelo de Pau, berço da sua vocação carmelita. Na presença da comunidade e de vários sacerdotes, o cirurgião, Dr. Carpani, extraiu o coração de Maria e nele todos puderam ver e testemunhar uma cicatriz, aparentemente produzida por uma ponta de ferro. Os presentes questionaram o cirurgião se aquela marca podia ter sido provocada por uma doença ou lesão cardíaca, mas o médico afirmou categoricamente que aquele coração nunca tinha estado doente. Em 1929 foi feita uma nova avaliação, e reconhecimento oficial, do coração de Maria por uma equipa médica. Estes afirmaram que era difícil dar uma explicação

científica para aquele caso. Era a prova visível duma graça mística, elevada, na vida da “pequena árabe”.

Outro dom extraordinário da Irmã Maria de Jesus Crucificado foi o das profecias e o carisma do conhecimento dos corações.

Mas todos estes dons e graças místicas não a faziam sair da sua humildade. Vivia na simplicidade e na humildade de uma criança. Nunca se lhe viu uma atitude arrogante ou de vaidade, sobre si, ou sobre as graças místicas e fenómenos extraordinários de que era protagonista. Mostrou-se sempre humilde diante de todos e ficava perplexa por experimentar todos aqueles dons, sentindo-se tão “pequena”. Numa carta, a umas religiosas amigas, vê-se o seu desejo e esforço por viver nesta humildade:

«Repito uma pequena oração: “Senhor, dai-me um coração contrito e humilde na vossa presença para vos amar, um espírito sólido e recto para pensar em vós, um corpo forte, generoso, paciente para vos servir”. Depois, atiro-me nos braços de Jesus e digo-Lhe: “Fazei de mim tudo o que quiserdes, fazei-me realizar tudo o que quiserdes, apesar de tudo eu espero”».⁴

Viveu extraordinariamente a obediência. Considerava que, dos conselhos evangélicos professados, a obediência era o mais importante. Esteve sempre pronta a obedecer em tudo aos superiores por reconhecer neles a vontade de Deus. Durante a sua vida religiosa, para além de ter sido um grande testemunho, incentivou sempre as irmãs a viverem na obediência. Humilde e obediente, qual manso cordeiro, assim viveu a imitar o Divino Pastor, Jesus, de Nazaré, como ela.

6. A devoção ao Espírito Santo

Uma nota característica da espiritualidade da Irmã Maria de Jesus Crucificado foi a sua devoção ao Espírito Santo. Desde a sua infância manifestou uma particular devoção ao Espírito Santo que tão bem actuou na sua alma, e ela com docilidade deixou-se por Ele transformar. Os dons do Espírito Santo brilharam na sua alma, e na sua vida, e deste modo tornou-se naquela mística grandiosa e extraordinária. Mimada pelo Espírito Santo nunca se fechou aos seus apelos, e por Ele tinha a luz para compreender os mistérios insondáveis da fé. Por inspiração divina sentiu-se chamada a propagar a devoção ao Espírito Santo. Por isso, do Carmelo de Belém, recomendou ao

⁴ IDEM – *Florilège: extraits de lettres*. Toulouse: Éditions du Carmel, 2007, p. 12.

Patriarca de Jerusalém, Dom Bracco, esta devoção e a seu pedido foi dedicado um altar, na catedral, ao Espírito Santo.

Também por inspiração divina, ditou uma carta para o Papa em 1877. Da carta temos conhecimento dum resumo feito pela mestra de noviças:

«O mundo e as comunidades religiosas procuram novidades devocionais e negligenciam a verdadeira devoção ao Divino. Por isso, há tanto erro e desunião, falta de paz e luz. A luz não é pedida como seria preciso, contudo é ela que faz conhecer a verdade. Ela é negligenciada até nos seminários... Qualquer pessoa do mundo ou da comunidade que invocar o Espírito Santo e tiver devoção a Ele, não morrerá no erro. Todo o sacerdote que propagar esta devoção receberá a luz enquanto fala aos outros. Foi-me dito que no mundo inteiro todo o sacerdote celebre todos os meses uma missa do Espírito Santo e que quantos a assistirem receberão uma graça e uma luz especial».⁵

Esta súplica foi entregue no Vaticano ao Papa, mas só vinte anos depois, no pontificado de Leão XIII é que este determinou a novena ao Espírito Santo em preparação da festa do Pentecostes (pensa-se que em sequência do pedido feito pela Irmã Maria).

Num dos seus êxtases afirmou: «*Vi tantas coisas a respeito dessa devoção que daria para escrever livros. Mas eu não saberia fazê-lo, sendo uma analfabeta que não sabe ler e escrever. O Senhor dará a luz a quem Ele quiser*».⁶

É da Irmã Maria de Jesus Crucificado esta bela oração:

«Ó Espírito Santo, inspira-me,
Amor de Deus, consome-me,
Pelo bom caminho guia-me.
Maria, minha mãe, socorre-me,
Com Jesus abençoa-me,
De todo o mal, de toda a ilusão,
De todo o perigo, preserva-me».⁷

7. Irmã Maria de Jesus Crucificado: fundadora

D. Maria-Ephrem, carmelita e bispo de Mangalore, na Índia, sonhava com a fundação de um mosteiro contemplativo na sua diocese. Durante uma estada em França e visitando o Carmelo de Pau manifestou este desejo à priora que aceitou o desafio de uma fundação na Índia, confirmado pela

⁵ IDEM, In BRUNOT – *Mariam, a carismática*, p. 88.

⁶ *Ibidem*, p. 88.

⁷ *Ibidem*, p. 86.

comunidade. Era apenas necessário encontrar um benfeitor para promover a nova fundação. A Irmã Maria, num dos seus êxtases e numa aparição que teve, indicou às superiores quem seria o benfeitor da nova fundação: um membro duma das famílias mais importantes da Bélgica. Encontrado o benfeitor, fizeram-se os preparativos para a viagem e para a fundação.

Em Agosto de 1870 embarcou, em Marselha, um grupo de seis carmelitas rumo à Índia, entre as quais a Irmã Maria de Jesus Crucificado. A viagem foi difícil e dura. Das seis religiosas apenas três chegaram à Índia, em Novembro, as outras três morreram durante a viagem. Em Mangalore, na nova fundação, a Irmã Maria voltou à sua condição de irmã conversa, dedicando-se aos trabalhos da cozinha, da horta e da lavanderia. Trabalhava incansavelmente mas sem descuidar a sua vida interior, as penitências e os jejuns. Foi na Índia que a Irmã Maria fez a sua Profissão Solene, no dia 21 de Novembro de 1871. Foi um dia de bênçãos, de luz e de um êxtase prolongado. Por fim, era para sempre esposa de Jesus, o seu amor. Dizia ela: «*Jesus! A este nome, o meu coração dança de alegria*». ⁸

A todos procurava contagiar o seu amor a Jesus: «*Amemos Jesus, pois o número dos que O amam é pequeno. Amemo-Lo com todo o nosso coração, com todo o nosso espírito. Amemo-Lo não como O ama o mundo, amemo-lo como um filho ama a sua mãe, como um esposo ama a sua esposa, como um irmão ama a sua irmã, como um filho ama o seu pai...*». ⁹

Mas esta paz e este clima celestial não duraram muito. A “pequena árabe” foi acometida de tentações terríveis e diabólicas que a mergulharam nas trevas mais profundas. Incompreendida pelas superiores, pela comunidade e pelo bispo, que não conseguiam lidar com a extraordinariedade da vida e das experiências da Irmã Maria, e por uma série de mal-entendidos, ela foi mandada de volta para o Carmelo de Pau. Assim, deixou o Carmelo de Mangalore a 23 de Setembro de 1872 e chegou a Pau a 5 de Novembro.

Depois da sua saída de Mangalore a comunidade arrependeu-se por não ter sido capaz de compreender aquela irmã, que lhes era tão querida, e por quem nutriam um grande afecto e manifestaram a sua saudade. De volta ao Carmelo de Pau, Maria recuperou a tranquilidade e a paz. Foi, de novo, acolhida com todo o calor e carinho pela comunidade, assim como pelo bispo e pelos sacerdotes que assistiam o mosteiro.

Esta segunda estada no Carmelo de Pau foi um período glorioso de êxtases, levitações e outras graças místicas. No entanto, ela nunca perdeu a sua

⁸ IDEM – *Florilège*, p. 25.

⁹ *Ibidem*, p. 25.

simplicidade e autenticidade mostrando-se perplexa diante do “seu nada”. Mas é na pequenez das almas que se manifesta a grandeza de Deus.

Inspirada por Deus, a Irmã Maria de Jesus Crucificado, desde o seu regresso de Mangalore, começou a falar na fundação de um Carmelo em Belém. Inicialmente a ideia não foi muito bem acolhida. Ainda estava recente a fundação na Índia, com as dificuldades e problemas inerentes. Mas ela insistia que Deus desejava aquela obra e que todos os obstáculos seriam ultrapassados. De facto, a ideia foi amadurecendo e conseguiu-se o financiamento necessário, assegurado por Berthe Dartigaux, filha única do presidente do tribunal de Pau e sobrinha do Conde de Saint-Cricq, ministro de Carlos X. Depois de obtidas as autorizações necessárias da Santa Sé, começaram os preparativos para a fundação do novo Carmelo.

No dia 20 de Agosto de 1875 partiram, de Pau, as religiosas: sete irmãs professoras, uma noviça e duas conversas, entre as quais a Irmã Maria de Jesus Crucificado, a inspiradora e fundadora deste novo Carmelo. A benfeitora Berthe Dartigaux também as acompanhou, bem como o P. Estrate, dos Missionários de Bétharram, seu confessor, e que se tornou também no director espiritual da Irmã Maria e o seu primeiro biógrafo. Antes de iniciarem a viagem passaram em Lourdes para rezar aos pés da Virgem na Gruta de Massabielle. De Marselha embarcaram para a Terra Santa. A Irmã Maria regressava à sua pátria. Ela foi a alma desta empresa e durante a viagem todos se deixaram cativar por ela, reconhecendo nela algo de extraordinário.

Neste percurso fizeram uma paragem em Alexandria. Aí Maria, acompanhada pelas irmãs, quis rever a gruta onde fora tratada pela misteriosa “senhora vestida de azul”. A comitiva chegou ao porto de Jaffa a 6 de Setembro e dirigiram-se para Jerusalém. Finalmente, a 12 de Setembro, chegaram ao seu destino: Belém, a cidade de David.

Depois de instalada, convenientemente, a comunidade, numa casa provisória, começou a procurar-se o local para a construção do novo mosteiro. Foi a Irmã Maria de Jesus Crucificado que, seguindo um impulso do céu, indicou o lugar para a nova construção numa pequena colina com uma bela vista sobre a cidade de Belém. Foi igualmente ela que indicou o traçado do novo mosteiro. Tornou-se assim na fundadora e na “arquitecta” do novo Carmelo colocado sob a protecção do Menino Jesus. Como era a única que conhecia o árabe, a priora encarregou-a se supervisionar o trabalho dos operários. Visitava as obras, estimulava os operários, dava as indicações necessárias para a construção, recebia os fornecedores e pacificava as desavenças que por vezes surgiam entre os trabalhadores. Era respeitada e amada por todos. Trabalhava com os operários e o seu agir era sempre simples, cordial e atento para com todos.

A primeira pedra foi colocada a 24 de Março de 1876 e a 21 de Novembro, do mesmo ano, a comunidade trasladou-se para o novo mosteiro ainda inacabado. Desde que chegou a Belém, a Irmã Maria afirmava que Deus desejava também a fundação dum Carmelo em Nazaré. Falou do assunto com o Patriarca de Jerusalém, que aceitou e tratou de todas as autorizações necessárias com a Santa Sé.

Em Maio de 1878 a Irmã Maria de Jesus Crucificado viajou, com a priora e a mestra de noviças, até Nazaré. Na viagem pararam em Haifa e subiram ao Monte Carmelo. Passaram em Abellin, onde depois de 24 anos, Maria pôde rever com emoção a sua terra, as paisagens bucólicas, a aldeia, a sua casa natal e a Igreja onde tinha sido baptizada. Chegadas a Nazaré foram logo visitar o Santuário da Anunciação. Viram o terreno, comprado por Berthe Dartigaux, na encosta duma colina, com uma das mais belas vistas sobre a Galileia, onde se iria construir o futuro Carmelo.

De volta a Belém, continuou o seu trabalho de vigilante das obras e dos operários. Mas pressentia-se que caminhava inevitavelmente para o fim.

8. A morte de uma santa

Depois do regresso às suas origens e da visita a Nazaré para a fundação do novo Carmelo, do qual é a inspiradora, a Irmã Maria começou a dar sinais de grande debilidade física, prenúncio do fim. Em Julho teve várias crises de falta de ar. Uma tosse persistente incomodava-a noite e dia. Tinha o peito e os pés inchados e sentia-se a enfraquecer. Mas, apesar de tudo isto, ela continuava a fazer o seu trabalho e a cumprir fielmente todas as suas obrigações. Acompanhava os operários nas obras do mosteiro, na colina de David, sempre amável e afável para com todos. Carregava a cruz, mas carregava-a com humildade e com alegria. A serenidade que mostrava impressionava quantos a rodeavam.

No dia 22 de Agosto, pelas dez horas, a “pequena árabe” carregava dois pesados baldes de água fresca para os operários. Ao subir uma rampa tropeçou e caiu fracturando o braço em vários lugares. Levada para a enfermaria confidenciou à priora que iria morrer: «*Estou a caminho do céu. Vou morrer. Vou realizar o desejo de toda a minha vida: ir a Jesus*». ¹⁰ Apesar de todos os cuidados médicos e de assistência das irmãs o mal foi-se agravando, dando origem a uma gangrena. Passados dois dias o mal alastrou-se pelo ombro e

¹⁰ IDEM, In BRUNOT – *Mariam, a carismática*, p. 157.

pescoço. No dia 25, vista novamente pelo cirurgião, este constatou a evolução da doença e de nada valeram todos os recursos que aplicou na doente. Ao deixá-la, o médico confidenciou às religiosas que não havia nada a fazer.

Muitos sacerdotes ao saberem do fim eminente da Irmã Maria dirigiram-se a Belém, ao Carmelo, para a visitar, não tanto, segundo eles, para a confortar, mas para verem como morria *uma santa*. Dom Bracco, o Patriarca de Jerusalém, administrou-lhe a unção dos enfermos. Uma irmã registou os seus últimos momentos numa interessante narrativa:

«Às quatro e quarenta e cinco, ela foi acometida por uma violenta crise de tosse. De repente ajoelhou-se na cama e de mãos postas, falou com firmeza: - *Vou morrer, está na hora. Chamem as irmãs. Estou a sufocar...* - A comunidade reuniu-se. Os nossos bons padres (Belloni e Chirou) já tinham chegado para a assistir. Às cinco tocaram o Angelus: ela persignou-se e notava-se que movia os lábios.

A seguir ela lançou para o lado um olhar de surpresa e desprezo e imediatamente o seu rosto serenou, o seu olhar iluminou-se como em êxtase pela duração de um relâmpago.

Sugeriram-lhe a invocação: Meu Jesus, misericórdia! Ela disse: *Ó, sim, misericórdia!...* e foram estas as suas últimas palavras. Fizeram-lhe beijar o crucifixo, depois deram-lhe uma última absolvição e imediatamente ela entregou a sua bela alma ao Criador, sem agonia, com um sorriso celestial e tão suavemente que mal demos conta. Eram cinco e dez da manhã».¹¹

A Irmã Maria morreu no dia 26 de Agosto de 1878, no dia em que o Carmelo comemora a transverberação de Santa Teresa. No auge da sua vida, a jovem carmelita morreu como esposa do Crucificado, consumindo-se por amor à Igreja: *«Sou filha da Santa Igreja, minha mãe. Como gostaria de dar o meu sangue pela Igreja! Ofereço tudo por ela, pela unidade, pelo triunfo da Igreja»*.¹² Contam as crónicas, que os seus braços permaneceram flexíveis e por três vezes se abriram em cruz. Diante da impossibilidade de fechar o caixão, a priora ordenou-lhe que em nome da santa obediência ela fechasse os braços. Imediatamente os braços fecharam e se imobilizaram. Ela que fora obediente até ao milagre durante a sua vida foi-o também na sua morte.

Um grande número de pessoas participou no seu funeral no dia 27 de Agosto. E de todos os lados brotavam exclamações emotivas mas sinceras: *A santa morreu!* Foi sepultada à entrada do coro da capela do novo mosteiro, que só seria inaugurada em 1892.

¹¹ BRUNOT – *Mariam, a carismática*, p. 157-158.

¹² MARIA DE JESUS CRUCIFICADO. In BRUNOT – *Mariam, the little Arab: Sister Mary of Jesus Crucified*. Bethlehem: Bethlehem Carmel, 1995, p. 28.

A vida terrena terminara para a “pequena árabe”, mas no seio de Deus ela continuaria a sua missão de interceder pelos sofredores e pelos seus amigos.

9. A glória da humildade

A fama de santidade da Irmã Maria de Jesus Crucificado foi-se espalhando e ultrapassou os muros do mosteiro. No ano de 1919 teve início o processo informativo sobre a sua vida e as suas virtudes, o qual durou até 1922, ano em que foi enviada para a Santa Sé toda a documentação.

A introdução oficial da causa de beatificação foi assinada pelo Papa Pio XI em 1927. Seguiu-se o processo apostólico, em Jerusalém, procedeu-se ao reconhecimento dos restos mortais da serva de Deus e foram interrogadas 140 testemunhas, que foram unânimes em afirmar a heroicidade das virtudes da carmelita de Belém. O processo terminou com a sua beatificação no dia 13 de Novembro de 1983, pelo Papa João Paulo II, na Basílica de São Pedro, em Roma. No dia seguinte à beatificação, numa audiência especial aos peregrinos da Terra Santa o Sumo Pontífice referiu:

«Mariam é fruto da Terra Santa. Tudo nela nos fala de Jesus. Em primeiro lugar a terra onde viveu: Nazaré, em cujas cercanias nasceu; Belém, onde se consumiu o sacrifício; o Monte Carmelo, símbolo da vida de oração solitária que enquadrou a sua vida religiosa. Acima de tudo ela nos aproxima do Calvário, uma vez que não deixou em toda a sua vida de carregar a cruz de Jesus... Crucificado!».¹³

Os restos mortais da Beata Maria de Jesus Crucificado foram colocados numa bela e artística urna, no presbitério da capela do Carmelo de Belém, na parede direita olhando para o altar.

Santa Teresa de Jesus afirmava que a humildade é a verdade. A Irmã Maria de Jesus Crucificado viveu até à heroicidade esta virtude. E a humildade triunfou e chegou à glória. O “pequeno nada”, como ela gostava que lhe chamassem, tornou-se modelo, proposto pela Igreja, a imitar no caminho da santidade. Mostrou-se sempre humilde, a serva de todos, manifestando sempre o desejo de ser “pequena”. E o caminho da infância espiritual que ela viveu, precedendo Santa Teresinha do Menino Jesus, levou-a rapidamente à santidade. As duas carmelitas, quase contemporâneas, viveram intensamente esta via da infância espiritual, assumindo a sua pequenez, vivendo na humildade, na confiança e no abandono ao amor misericordioso de Deus.

«A Irmã Maria de Jesus Crucificado e Santa Teresinha do Menino Jesus são marcadamente almas gémeas. O Caminho da

¹³ JOÃO PAULO II. In BRUNOT – *Mariam, a carismática*, p. 168.

Infância Espiritual da Santa de Lisieux está virtualmente contido – por vezes até nos seus termos – na vida e na espiritualidade da Irmã Maria de Jesus Crucificado: o paralelismo entre ambas surge espontaneamente. Trata-se de duas almas pequenas, pequeninas diante de Deus e diante dos homens».¹⁴

Dócil ao sopro do Espírito Santo, a todos contagia para se deixarem guiar pelo Divino Paráclito.

«A Irmã Maria de Jesus Crucificado, oriental, compatriota de Jesus, é uma alma bíblica, ardente, arrebatada pelo Espírito de Deus, que, consciente do nosso esquecimento pelo “doce hóspede da alma”, se sente mensageira da missão de atizar nas almas o fogo do Pentecostes».¹⁵

Hoje, a Beata Maria de Jesus Crucificado é um estímulo para que todos possamos, numa entrega total ao amor de Deus, que tudo preenche, viver na simplicidade e na humildade dos discípulos de Jesus, para que no nosso “nada” brilhe o “tudo” de Deus.

Conclusão

O que dizer mais sobre este anjo de candura que Deus nos concedeu a graça de ter no Carmelo? Diante da sua vida apetece apenas calar, adorar a Deus e deixá-Lo agir na nossa vida.

A Beata Maria de Jesus Crucificado reproduziu na sua vida, com toda a pureza, a Palavra de Deus, tornando-se numa mensageira do Evangelho de Jesus Cristo. Nela podemos ver como que um ícone das Bem-aventuranças.

Diante dum mundo laicizado e secularizado, a experiência mística de Mariam, grita a existência de Deus e a importância da vida espiritual no crescimento interior e pessoal. Sentindo a sua debilidade e o “seu nada” descobriu a importância e a força do “tudo” de Deus que nos completa e plenifica. Guiada pelo Espírito Santo, tornou-se dócil à Sua acção, entregando-se totalmente à contemplação, deixando-se conduzir pelo bem e pelo amor a Deus e aos outros. O seu percurso é um sinal de esperança, sobretudo para a Terra Santa e para o Médio Oriente.

Que o exemplo da Beata Maria de Jesus Crucificado seja um incentivo para a paz e a reconciliação, para que no amor, possamos tornar realidade o Reino de Deus que Jesus veio instaurar.

¹⁴ MARIA DE SÃO JOSÉ, Bernardo – *La florecilla Arabe: Semblanza de la Beata Maria de Jesus Crucificado*. Vitória: Ediciones El Carmen, [1983], p. 9.

¹⁵ *Ibidem*, p. 56.

RE

revista de
ESPIRITUALIDADE

Ano XVI – Nº 64 – Outubro / Dezembro 2008

PORTUGAL, Alpoim Alves

Flores e frutos de Israel

SILVA, Carlos Henrique do Carmo

*Da ilusão crédula à mística imaginária
– A propósito do caso de uma visionária - II*

MACHADO, António José Gomes

*Beata Maria de Jesus Crucificado:
Uma flor de Israel*